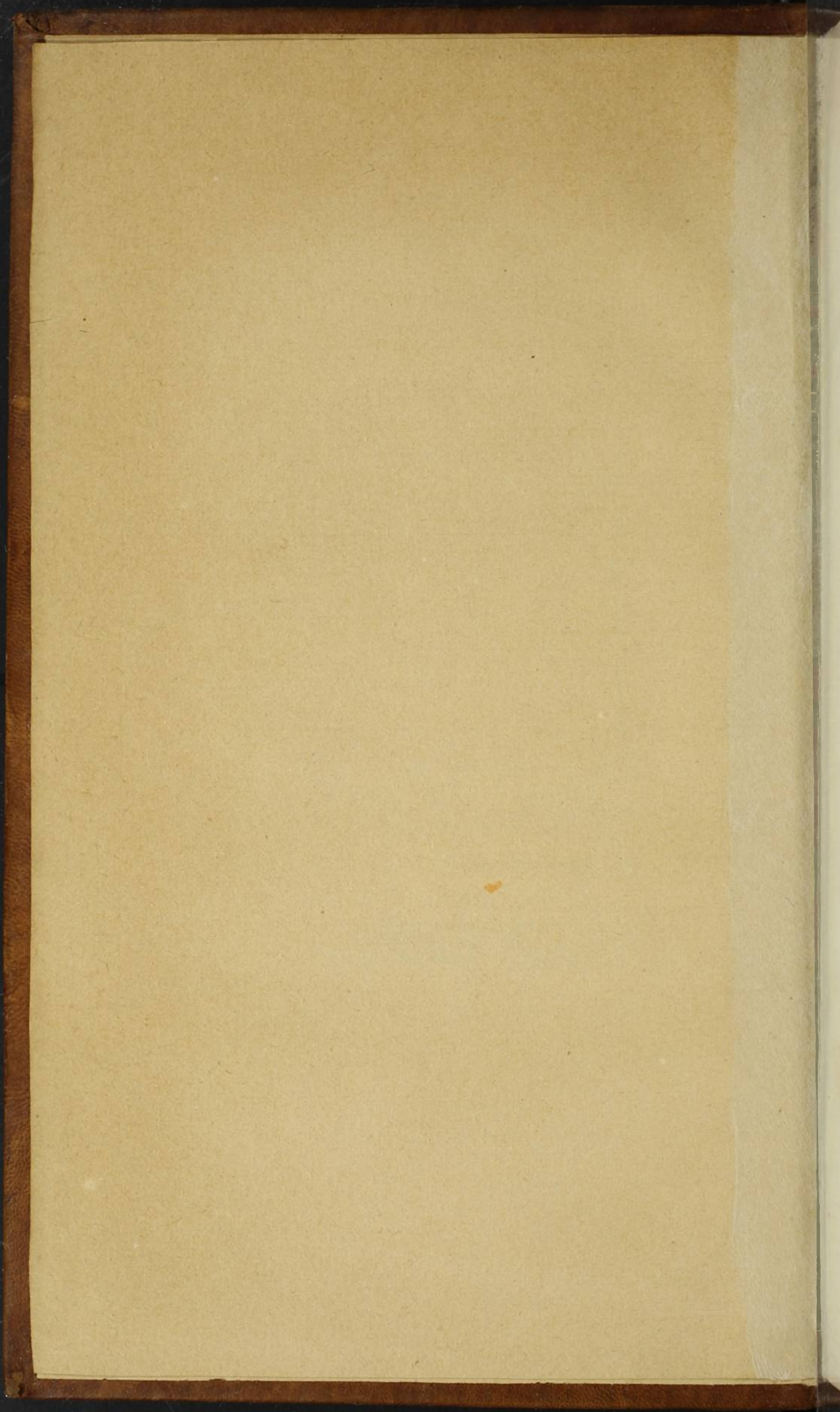


Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



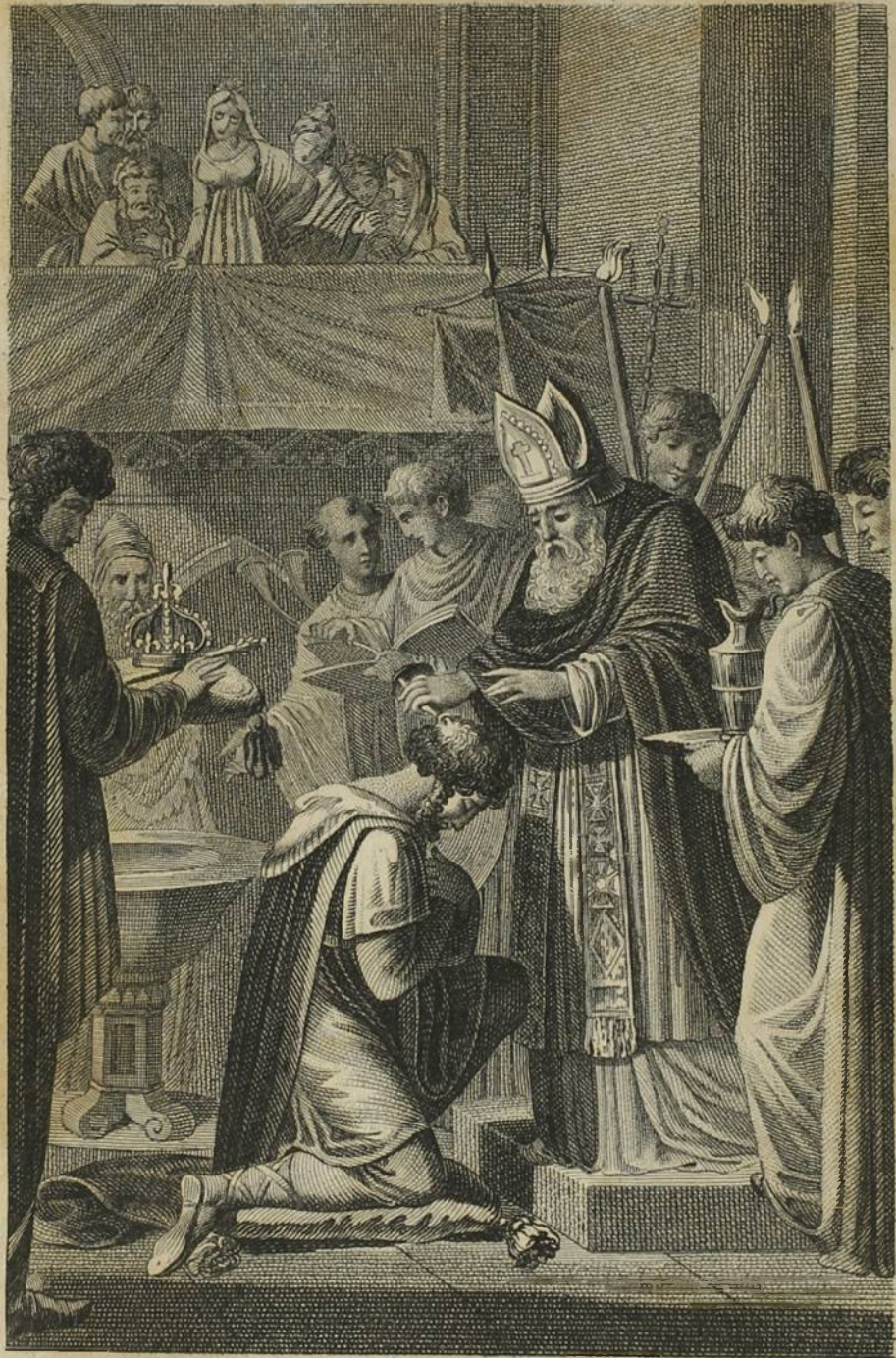
HISTORIA
UNIVERSAL

III

HISTORIA

UNIVERSALIS

III



CLOVIS

HISTORIA UNIVERSAL

DESDE

OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ AOS NOSSOS DIAS

RELATANDO

OS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS EM TODAS AS EPOCHAS

E OS FEITOS DOS HOMENS MAIS CELEBRES DE TODOS OS POVOS

composta sobre o plano

DE GABRIEL GOTTFREDO BREDOW

PROFESSOR DE HISTORIA NA UNIVERSIDADE DE BRESLAU

E ENRIQUECIDA COM NOTAS

POR UM BRASILEIRO

ORNADA COM 24 ESTAMPAS

TOMO TERCEIRO

Desde o nascimento de Jesus Christo, até o fim do Seculo XV.



RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES-PROPRIETARIOS

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda n.º 77

1847

HISTORIA UNIVERSAL

DE JESUUS CHRISTO

IN QUINQUE VOLUMENIBUS

DE GABRIELI COLTERRA BREGON

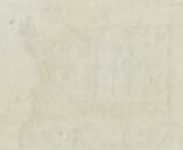
IN QUINTO VOLUMINE

LIBER PRIMUS

DE VITA ET MORIBUS

IN QUINTO VOLUMINE

Dei in mundo etc. in fine Christi, ad nos de



EDUARDO E HENRIQUE LAMBERT

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
RUA DO LAVRADIO, 53

1887

HISTORIA UNIVERSAL

CAPITULO XXXII.

**Christianismo. Destruição de Jerusalem. Constantino.
Conventos.**

Eis-nos chegados a essa epocha de mysterios , em que tantas predicções se realisaram , e donde começa a redempção do genero humano com a vinda do *Messias*. Este nome quer dizer o *Christo* ou o ungido do Senhor ; e Jesus-Christo o merece como Pontifice , como Rei e como Propheta. Não concordam os autores sobre o anno em que veiu ao mundo : a opinião mais seguida é que o seu nascimento precede alguns annos a nossa era vulgar , que seguiremos comtudo para não causar estranhesa e para maior commodidade. Portanto sem entrar em averiguações sobre o anno do

nascimento do Redemptor, basta saber que foi pouco mais ou menos no anno 4000 do mundo.

Seja o que fôr, o certo é que por este tempo com pouca differença: mil annos depois da consagração do Templo em 754 da fundação de Roma, J. C., filho de Deus na eternidade, filho de Abrahão e de David no tempo, nasceu de uma virgem. Esta epocha é a mais consideravel de todas, não só pela importancia de um tão grande acontecimento, como porque é d'ella que os Christãos costumam contar os seus annos. Além disto é notavel por se ajustar pouco mais ou menos com o tempo em que Roma voltou para o estado monarchico debaixo do imperio pacifico de Augusto.

No anno decimo quinto de Tiberio apparece S. João Baptista; J. C. é baptisado por este divino Precursor: o Padre Eterno reconhece a seu filho querido por uma voz, que se despede do alto: o Espirito Santo desce sobre o Salvador debaixo da figura innocente de uma pomba: toda a Trindade se manifesta. Ali começa com a septuagesima semana de Daniel a pregação de J. C., divulgando a sua missão e a sua doutrina pela palavra, pelo exemplo e por milagres innumeraveis, e depois confirmando tudo isso pela sua morte, que veio a acontecer no quarto anno do seu ministerio, e 33 do seu nascimento.

As trevas que escureceram toda a face da terra, sendo alto dia, e no momento em que J. C. padeceu a morte da cruz, foram consideradas como um eclipse ordinario pelos autores pagãos,

que referiram em suas obras este memoravel acontecimento. Mas os primeiros Christãos, que o citavam aos Romanos como um prodigio, não sómente apontado pelos mesmos autores como lançado nos registros publicos, lhes fizeram ver que, apeser de ser plenilunio quando J. C. morreu, não podia haver eclipse, que não fosse sobrenatural, porque o não podia haver ordinario n'esse anno. Temos para isso as formaes palavras de Phlegon, liberto de Adriano, como tambem as historias Syriacas de Thallus; do que resulta que o quarto anno da 202.^a Olympiada é o mesmo da morte de Nosso Senhor.

Para sellar os mysterios, J. C. sae da sepultura ao terceiro dia: apparece aos seus discipulos: sobe aos Céos na sua presença: envia-lhes o Espirito Santo: forma-se a Igreja e começa a perseguição: Santo Estevam é apedrejado: S. Paulo é convertido. Para instruir-nos da vida e milagres de J. C. é mister que leamos com attenção e religioso recolhimento os livros do novo Testamento; nos quaes a moral mais pura e a mais transcendente philosophia resplandecem por entre as trevas d'aquelles tempos, lançando espadanas de luz com que as afugentaram. A Providencia Divina foi tão admiravel, que as lições de J. C. tem atravessado os seculos, e se espalham por todo o mundo para felicidade dos homens, apesar de todas as perseguições e de todos os seus prejuisos.

J. C. padeceu ainda em vida de Tiberio, que lhe sobreviveu quatro annos. Morto Tiberio foi

seu successor Caligula, tão cruel e brutal que espantou o Universo com as suas loucuras, até fazendo-se adorar, e mandando que a sua estatua fosse collocada no Templo de Jerusalem. Chereas livrou o mundo de semelhante monstro. Claudio entra a governar, apesar da sua estupidez. Os Apostolos fazem o Concilio de Jerusalem, em que S. Pedro fallou em primeiro lugar, assim como em todas as mais occasiões. A decisão foi tomada em nome do Espirito Santo e da Igreja. S. Paulo e S. Barnabé levam o decreto do Concilio aos fieis, e os exhortam a sujeitarem-se ás suas decisões. Tal foi a forma do primeiro Concilio (*).

Nero, filho de Agrippina, foi o successor de Claudio, de quem era enteado. Nero principiou ao mesmo tempo a guerra contra os Judeos e a perseguição contra os Christãos. Foi o primeiro Imperador que perseguiu a Igreja, mandando matar em Roma S. Pedro e S. Paulo. Mas como n'este tempo perseguia o genero humano, todo o mundo se levantou contra elle; sabendo que o Senado o tinha condemnado, a si mesmo deu a morte. Cada exercito acclamou o seu Imperador; a questão foi decidida junto de Roma, e mesmo dentro da cidade, por espantosos combates. Galba, Otho e Vitellio alli pereceram. Vespasiano foi o mais feliz d'entre os competidores, e o Imperio afflicto achou repouso debaixo do seu governo.

(*) Act. XV; XVI, 4.

Duas guerras importantes se terminaram com vantagem. Os Batavos, que se tinham sublevado, foram vencidos e domados por Corialis, General de Vespasiano. No mesmo anno se finalisou a guerra contra os Judeos, a mais famosa que se encontra na historia. Este povo aborrecido e desprezado dos outros todos, tanto quanto elle os aborrecia e desprezava, respeitavel sómente pelo deposito da revelação, que o não impedia de cair nas maiores superstições; este povo, digo, era muito fraco e muito vil para fazer grande figura em negocios politicos. Tendo passado por dilatados captiveiros estava marcado com o stigma da abjecção.

Pompeo tinha sugeitado os Judeos ao dominio de Roma, depois de tomar Jerusalem, acabando a contenda dos dois irmãos Hyrcano e Aristobulo, que disputavam o principado entre si. O cruel Herodes, sequaz de Marco Antonio e depois protegido por Augusto, intitoulou-se Rei por muito tempo. A tyrannia de Archeláo, um dos filhos de Herodes, provocou a colera de Augusto, que o desterrou, redusindo a Judéa a provincia romana. Freqüentes rebelliões, causadas particularmente pelo fanatismo, arrastaram os Judeos á ultima infelicidade; elles se julgavam destinados para sugeitar todas as nações, e isto os levou á sua ruina.

Desconhecendo o Messias annunciado pelos seus prophetas, e cujos mysterios se tinham cumprido, esperavam os Judeus em seu logar por um libertador, digno da sua estúpida cegueira. Todo

aquelle que como tal se apresentava podia produzir uma sublevação. Os Phariseos, cujo poder dependia de todas estas superstições, ateavam expressamente o fogo do enthusiasmo; tendo por idolatria tudo quanto não combinava com seus interesses e com as suas praticas religiosas. Os estandartes das legiões e as effigies dos Cesares lhes causavam horror. O povo vivia agitado na Judéa; qualquer faisca bastava para abraza-lo, porque os preconceitos nacionaes e o seu caracter suspeitoso alimentavam o incendio.

Vespasiano foi encarregado por Nero de domar aquelle povo rebelde. Só restava a Vespasiano tomar a capital, quando proclamado Imperador seguiu a carreira da sua fortuna. Tito, seu filho primogenito, continuou e terminou a guerra com o sitio de Jerusalem. A ruina desta desgraçada cidade foi menos a obra dos Romanos do que a obra dos Judeos; os quaes divididos entre si, e irritados uns contra os outros, foram os seus proprios algozes. Um partido de furiosos, que tomaram o nome de *zeladores*, lançou-se em todos os extremos de barbaras violencias tyrannizando o povo, ao mesmo tempo que provocava a vingança do inimigo.

Uma immensa população estava accumulada dentro da cidade; a discordia augmentava a confusão, e os mesmos *zeladores*, formando diversos partidos, destruiam-se com a mesma raiva, que tinham aos Romanos; a taes horrores serviu de remate a fome, a tal ponto que uma mãe matou seu filho para o devorar. O

fanatismo, com a fé em seus falsos prophetas, despresava os soffrimentos, os perigos e a morte. Tito, depois de ter empregado inutilmente todos os meios da persuasão e da docilidade, tomou a cidade por assalto. O Templo foi entregue ás chammas, ficando Jerusalem sepultada para sempre debaixo das suas ruinas.

O historiador José, que tinha abandonado os seus compatriotas para servir entre os Romanos, faz o computo dos mortos no sitio de um milhão e cem mil pessoas; porém Suetonio e Cornelio Nepote diminuem o seu numero d'ametade. A obra de José é escrita com caracteres tão distinctos de lisonja e de exaggeração, que inspira justa desconfiança a respeito de muitos pontos. Finalmente morre Vespasiano; Tito, seu filho e seu successor, deu ao mundo uma alegria de pouca duração; e seus dias, que elle julgava perdidos quando não fazia algum beneficio, correram muito depressa. Aqui temos um novo Nero na pessoa de Domiciano.

Renovou-se a perseguição. S. João saindo illeso do meio do azeite fervendo, foi degradado para a ilha de Pathmos, onde escreveu o seu Apocalypse. Pouco depois escreveu o seu Evangelho na idade de 90 annos, e ajuntou a qualidade de Evangelista á de Apostolo e de Propheta. Depois deste tempo os Christãos foram sempre perseguidos, tanto debaixo dos bons como dos máus Imperadores. Estas perseguições se faziam, ora por mandado expresso dos Imperadores e por odio particular dos magistrados, ora pelos

tumultos do povo, e algumas vezes por decretos emanados authenticamente do Senado sobre rescriptos dos Principes ou na sua mesma presença.

Por estas renovações de violencias é que os historiadores sagrados contam dez perseguições debaixo de dez Imperadores. Em tão prolongados soffrimentos é de reparar que os Christãos não fizessem a mais pequena resistencia. Entre todos os fieis, os Bispos eram sempre os primeiros que soffriam; e entre todas as Igrejas, a de Roma foi a mais perseguida; trinta Papas confirmaram pelo seu sangue o Evangelho que annunciavam a toda a terra. Morto Domiciano, o Imperio começa a respirar sob o poder de Nerva; e como sua idade avançada não lhe permite melhorar a sorte do Estado, elege Trajano para seu successor, afim de que durasse o descanso publico.

Depois do reinado de Trajano, em que o Imperio gosou de socego interior, e de muitos triumphos no exterior, apparece Adriano, que reedificou Jerusalem debaixo do nome de *Ælia*, ainda que desterrou os Judeos por suas continuas rebeldias contra o Imperio. Sua gloria, assombrada por muitos crimes, recobrou o seu esplendor pela adopção de Antonino o Pio para lhe succeder. Depois de Antonino segue-se Marco Aurelio o sabio e o philosopho. A gloria de um tão brilhante reinado, como o de Marco Aurelio, veiu eclipsar o proceder infame de Comodo, seu filho e successor, que abandonado pelo povo e pelo Senado acabou ás mãos de

um gladiador, depois de haver sido envenenado por Marcia, sua concubina.

Seguiram-se depois: Pertinax, valoroso Capitão e morto pelos seus proprios soldados: Didio Juliano, Jurisconsulto, é tambem assassinado: Severo, que igualou a Cesar nas suas victorias, mas não imitou a sua clemencia: Caracalla, horrivel tyranno, que veiu a ter um fim desastroso: o Syrio Heliogabalo, que por suas infamias se tornou a vergonha do genero humano: Alexandre Severo, melhor que os antecedentes, mas viveu pouco para bem de seus semelhantes; sua mãe, que o governava, foi causa da sua ruina, como o tinha sido da sua gloria. Porém deixemos todos esses horrores para voltar ao Christianismo, que é o objecto deste capitulo.

Por este tempo a Igreja, ainda na sua infancia, já enchia toda a terra (*), e não só o Oriente onde nascera, quero dizer, a Palestina, a Syria, o Egypto, a Asia menor e a Grecia, mas até no Occidente, além da Italia, as diversas nações das Gallias, todas as provincias da Hespanha, a Africa, a Germania, a Grã-Bretanha, nos logares mesmo onde não tinham penetrado as armas romanas; como tambem fóra do Imperio, a Armenia, a Persia, as Indias, os povos os mais barbaros como os Sarmatas, os Dacios, os Scythas, os Mouros, os Getulos, e até muitas ilhas desconhecidas. O sangue de seus martyres a fazia fecunda.

(*) Tertuliano, adv. Jud. 7. Apol. 37.

Santo Ignacio Bispo de Antiochia, S. Justino o philosopho e apologista da Religião Christãa, S. Policarpo Bispo de Smyrna e discipulo de S. João, os Santos Martyres de Lyão e de Vienna, soffreram supplicios inauditos a exemplo de S. Photino, Bispo e Martyr na idade de 90 annos.

A Igreja Gallicana espraizou sua gloria por todo o Universo. Santo Ireneo, discipulo de S. Polycarpo e successor de S. Photino, imitou o seu antecessor, e morreu martyr com um grande numero de fieis da sua Igreja. Algumas vezes abrandava a perseguição, mas os aleives que se levantavam contra os Christãos, considerando-os como uma Seita dos Judeos, a quem os Romanos detestavam, prevaleciam por fim; accendia-se o furor dos Gentios, e todo o Imperio nadava em sangue de martyres. A doutrina andava sempre de parçaria com os soffrimentos. Entretanto Tertuliano, Sacerdote de Carthago, esclareceu a Igreja com seus escriptos; Clemente Alexandrino confundiu as antiguidades do Paganismo; Origenes, filho do Santo Martyr Leonidas, ensinou grandes verdades, e o philosopho Ammonio fez com que a philosophia Platonica servisse a Religião.

A Igreja não só tinha que soffrer dos Gentios, mas tambem algumas Seitas impias combatiam o Evangelho com falsas tradições. A Igreja não se abala nem pelas perseguições, nem pelas heresias, nem pelos scismas. A santidade dos seus costumes é tão brilhante, que desafia os louvores até de seus proprios inimigos; e esten-

dendo-se por todos os lados fazia medrar seus fructos especialmente nas duas Gallias. A tradição da Santa Sé de Roma se manteve pela sua propria força contra os argumentos especiosos e contra a autoridade de S. Cypriano. Outra questão fez estremecer a Igreja, e foi a de Sabellio, que confundiu as tres pessoas divinas, não reconhecendo em Deos mais do que tres nomes em uma só pessoa; porém S. Dionizio descobriu os erros deste heresiarcha, e a Igreja triumphou.

Aqui temos o principio da inundação dos barbaros. Os Burguinhões e outros povos da Germania, os Godos, chamados n'outro tempo os Getas, e outros povos que habitavam para o Ponto Euxino e para além do Danubio, entraram pela Europa (pelos annos de 258 a 260 da nossa éra); o Oriente foi invadido pelos Scythas Asiaticos e pelos Persas. Estes dois povos desfizeram a Valeriano e o tomaram prisioneiro; Galliano, seu filho e seu collega, acabou de perder tudo por sua incapacidade. Trinta tyranos repartiram entre si o Imperio. Odenato, Rei de Palmyra, foi o mais illustre de todos; salvou as Provincias do Oriente das mãos dos barbaros, e alli se fez reconhecer. Sua mulher Zenobia marchava com elle á frente dos exercitos, que depois da morte do marido ella commandou só, tornando-se tão celebre em todo o mundo, não só por seu saber e valor, como por sua castidade e formosura.

Claudio II, e Aureliano depois d'elle, restabeleceram os negocios do Imperio; porém os

Francos começavam então a fazerem-se temidos. Probo os rechaçou das Gallias, e tanto no Oriente como no Occidente firmou o seu poder, e todos os Barbaros respeitaram as armas romanas; sem embargo acabou por uma sedição militar como outros muitos, que não tiveram as suas virtudes nem o seu merecimento (*). Desde então correu o Imperio fortuna varia até que caiu nas mãos de Constancio Chloro e de Galerio, e de dois novos Cesares, Severo e Maximino. Constantino, filho de Constancio Chloro, começava a fazer-se celebre; mas Galerio, que o tinha entre suas mãos, não o deixava tomar parte nas dissensões intestinas, temendo a sua ambição e a sua ousadia.

Finalmente o Imperio achava-se retalhado entre muitos tyrannos; Maximiano, que o disputava a Galerio, dá sua filha Fausta em casamento a Constantino, mas temendo que o genro

(*) Probo umas vezes na Europa, outras na Asia, trabalhou continuamente em reprimir os Barbaros ou em suffocar rebelliões. — Por toda a parte restabeleceu o sossego e tratou de melhorar o Imperio tanto quanto lhe era dado em tão difficeis circumstancias. Em tempo de paz empregava os soldados em obras uteis para os ter occupados; porém mandando fazer um canal e secar umas lagoas junto a Sirmio, sua patria, os soldados o mataram em uma sedição. A Probo devem a França, a Hespanha e a Hungria a plantação das suas vinhas, que Domiciano tinha prohibido; elle permittiu que as plantassem esses tres povos, donde lhes tem vindo tanta riqueza. — Parece que a natureza algumas vezes só aguarda por uma boa lei para produzir thesouros.

lhe não dispute tambem a presa, seduz a filha para matar seu marido; ella para livra-lo enganou o pai, e em lugar de Constantino foi morto na sua cama um eunuco; e Maximiano teve de matar-se. Maxencio, debaixo do pretexto de vingar seu pai, declara-se contra Constantino, que vae direito a Roma com as suas tropas. Por estes tempos, Roma sempre inimiga do Christianismo, fez o ultimo esforço para o extinguir, e acabou de o firmar por esse mesmo esforço.

Galerio apontado nas historias como autor da ultima perseguição, dois annos antes de ter obrigado Diocleciano a abdicar o Imperio, fez-lhe assignar aquelle sanguinoso edicto, que mandava perseguir os Christãos com maior aperto do que jámais se tinha feito. Maximiano, que os não podia ver, e que sem cessar os tinha atormentado, animava os Magistrados e os algozes; mas a sua raiva não igualava a de Galerio. A crueldade inventava novos supplicios: o pejo das virgens Christãs não soffria menos insulto do que a sua fé. Exacerbava-se o odio dos perseguidores á vista da paciencia dos perseguidos. Os povos compungidos pela santidade da sua vida convertiam-se aos milhares. Galerio perdeu as esperanças de os poder anniquilar. Assaltado repentinamente por uma molestia grave revogou os seus edictos; e morreu da mesma sorte que Antioco, affectando como elle uma falsa penitencia. Maximiano continuou a perseguição, mas Constantino abraçou publicamente o Christianismo.

Esta celebre declaração de Constantino aconteceu no anno 312 de Nosso Senhor. Em quanto sitiava Maxencio em Roma, uma cruz luminosa lhe appareceu nos ares, na presença de todo o mundo, com uma inscripção que lhe promettia a victoria (*); o que tambem lhe foi confirmado em um sonho. No dia seguinte ganhou aquella celebre batalha, que livrou os Romanos de um tyranno, e a Igreja de um perseguidor. A cruz ficou servindo como de um signal publico de protecção para com o povo Romano e para com todo o Imperio. Pouco tempo depois Maximino foi vencido por Licinio, que obrava de accordo com o Imperador, e acabou da mesma sorte que Galerio.

A paz foi dada á Igreja; Constantino a encheu de honras e de mercês. A victoria o acompanhou em toda a parte, e os barbaros foram reprimidos, tanto por elle como por seus filhos. Entretanto Licinio desaveiu-se com elle e renovou a perseguição; porém desbaratado por mar e por terra, foi obrigado a largar o Imperio, e por fim a perder a vida. Eis-ahi portanto Constantino senhor do grande Imperio, em que tem de ver-se uma nova ordem de cousas: nova religião, nova politica e nova capital; tres objectos que foram origem, senão de crimes manifestos e de rebelliões violentas, ao menos de muita intriga e de muita perfidia. A Igreja triumphante da idolatria, e desunida por intestinas discordias; o Imperio sustentando-se pelo seu

(*) In hoc signo vinces.

proprio peso, e ameaçando ruina por todas as partes. Taes são as reflexões que o seculo de Constantino nos sugere, e que muito contribuem para torna-lo uma epocha memoravel.

N'este tempo Constantino reuniu em Nicea (na Bithynia) o primeiro Concilio geral, em que tresentos e dezoito Bispos, que representavam toda a Igreja, condemnaram a doutrina de Ario, inimigo da Divindade do filho de Deus, e formaram o Symbolo, em que a *consubstancialidade* do pai e do filho foi expressamente declarada. Constantino assistiu a elle, e recebeu as suas decisões como se fossem um oraculo do Céu. Em quanto seu valor conservava o Imperio n'uma doce calma, Fausta sua mulher punha em des-harmonia toda sua familia. Crispo, filho de Constantino, mas de outro matrimonio, accusado por sua madrasta de a querer sedusir com deshonra de seu pai, foi morto por ordem d'este; assim como Fausta, convencida depois disto de aleivosia, foi tambem abafada no banho.

Constantino deshonrado pela malicia de sua mulher, recebeu da piedade de sua mãe as maiores honras possiveis. Ella descobriu entre as ruinas da antiga Jerusalem a verdadeira cruz secunda em milagres. Descobriu-se igualmente o Santo Sepulchro. A nova cidade de Jerusalem, que Adriano tinha feito edificar, a gruta em que nasceu o Salvador do mundo, e todos os logares santos foram adornados com sumptuosas Igrejas por Helena e por Constantino. Quatro annos depois o Imperador reedificou a cidade de

Bisancio, a que chamou Constantinopla, e fez d'ella a segunda capital do Imperio.

A Igreja pacifica debaixo de Constantino foi cruelmente mortificada na Persia; infinitos martyres assignalaram a sua fé. O Imperador fez todo o esforço para abrandar o Rei Sapor e atrahi-lo ao Christianismo, mas debalde; a protecção de Constantino não alcançou para os Christãos perseguidos mais do que um favoravel asilo. Este principe morreu entre as benções de toda a Igreja (337 annos depois do nascimento de J. C.), tendo repartido o Imperio pelos seus tres filhos, Constantino, Constancio e Constante. Constantino porém morreu na guerra que teve com seu irmão Constante por causa dos limites do seu Imperio; e este foi morto pelo usurpador Magnencio, ficando Constancio senhor de toda a herança paterna.

Em quanto Constancio, embebido nos enredos do Arianismo, se descuidava dos negocios do Imperio, os Persas conseguem grandes vantagens. Os Allemães e os Francos ameaçavam por todos os lados as Gallias: Juliano, parente do Imperador, lhes cortou o passo e os desbaratou. O mesmo Constancio desfez os Sarmatas e marchou contra os Persas. Entretanto apparece a revolta de Juliano contra o Imperador, sua apostasia, a morte de Constancio na Sicilia voltando de Antioquia, o reinado de Juliano, e o estranho genero de perseguição por que fez passar a Igreja. Apesar disto os Christãos lhe foram fieis, mas o seu amor excessivo pela gloria lhe deparou a morte,

acabando na Persia, onde se tinha entranhado com bem pouca prudencia

O monachismo foi uma das instituições d'aquelle tempo, em que não teve parte a politica nem as intrigas religiosas: uma maxima de J. C. sobre o desprendimento das cousas terrestres e abnegação de todos os sentimentos mundanos, deu margem a esses estabelecimentos nos primeiros dois seculos da Igreja. No começo não passaram de alguns Christãos exaltados do Egypto, que fugindo de toda a sociedade, se mettião pelos desertos e solidões, onde viviam em contemplação, entregues a Deus entre as orações, o jejum, a penitencia e as mortificações. O numero d'estes ermitões foi crescendo pelo contagio do exemplo, e pela opinião favoravel do seculo em que viviam.

Separados entre si, habitando ao principio em cavernas, ou expostos a todas as inclemencias do tempo, se foram reunindo depois em sociedade; formaram no deserto as suas cellas (*claustra*) perto umas das outras, e se chamaram *Monges*, porque ainda assim viviam solitariamente, separados de todo o commercio do mundo. O monachismo penetrou no Occidente desde o principio do quarto seculo, tendo passado do Egypto para a Grecia, e dalli para a Italia, França, Inglaterra e Allemanha. As guerras d'aquelles tempos, as incursões das hordas selvagens, as mortes, os roubos e as violencias de todo o genero, determinaram muita gente a abandonar um mundo tumultuoso para gosar da paz, que offereciam as paredes dos claustros.

A vida d'estes Cenobitas se reduzia a praticas religiosas dentro dos seus claustros, e depois ao trabalho da agricultura nos seus proprios jardins; tinham o tempo perfeitamente dividido entre as orações e o trabalho; além dos jejuns e das penitencias eram de uma frugalidade tal, que viviam unicamente do producto de suas mãos. Depois fizeram mais: alguns d'elles foram ter com os Gentios para converte-los ao Christianismo; muitos paizes idolatras devem a sua civilisação a estes pios Cenobitas, que não só espalhavam a semente da Religião como a dos costumes mais puros e mais suaves. A Allemanha e a Inglaterra lhes devem os primeiros germes da civilisação, e as primeiras noções da agricultura. Depois ainda fizeram mais: edificaram nos lugares desertos, abateram grandes bosques, rotaram charnecas, que tornaram ferreiros e productivas, e com o seu exemplo os povos errantes se fixaram e vieram a formar grandes povoações (*).

(*) Uma das causas, que mais contribuíram para o triumpho da Religião Christã, foi sem duvida a natureza do seu culto; isto é, o sacrificio incruento, que tanto concorreu para adoçar os costumes barbaros dos Gentios e para estancar o sangue das victimas. Perguntaremos com o insigne autor do *Genio do Christianismo*: o que constitue o culto em qualquer religião? Não será o sacrificio? — Uma religião que não tem sacrificio, não tem culto propriamente dito. Pelos diversos povos da terra vemos praticados os sacrificios em honra da Divindade; ha portanto um instincto, que nos move a consagrar offrendas ao Creador; todas as nações se persuadiram e creram que era necessaria uma victima, e começaram offerecendo o mesmo homem em

Nos seculos seguintes penetraram os Monges pelas florestas seculares da Allemanha com uma

holocausto : ás victimas humanas foi depois substituido o sangue dos animaes : mas quando se principiou a reflectir nas cousas divinas , conheceu-se a insufficiencia do sacrificio material, e que o sangue dos brutos não podia resgatar um ente intelligente e capaz de virtude. Procurou-se por tanto uma hostia mais digna da natureza humana. Já os philosophos ensinavam que os Numes não se abrandavam com hecatombes, e que só aceitavam a offerta de um coração humilhado. Jesus Christo, o filho de Deos, confirmou as noções vagas da rasão : o Cordeiro mystico, votado á salvação universal, substituiu os primogenitos das ovelhas, que os sectarios da lei antiga sacrificavam, e á immolação do homem physico succedeu para sempre a immolação das paixões, ou o sacrificio do homem moral.

Quanto mais profundamente estudarmos o Christianismo, tanto mais conheceremos que esta religião divina é o desenvolvimento da rasão humana, ajudada pela revelação. Quem poderia hoje tolerar o sangue infecto dos animaes espargido em redor do altar? Quem acreditaria que as victimas cruentas applicariam o Céu, e o disporiam para attender favoravelmente as nossas preces? Mas todos comprehendem muito bem que uma victima espiritual, offerecida quotidianamente em expiação dos peccados dos homens, será agradavel ao Senhor. Todavia, para a conservação do culto externo, era preciso um signal, um symbolo da victima moral; e J. C. instituiu a Eucharistia; onde, debaixo das especies visiveis do pão e do vinho, occultou a offerenda invisivel do seu sangue e dos nossos corações. Tal é a explicação do sacrificio christão, que não offendê a rasão natural nem a philosophia; sacrificio que veio substituir ao de todos os povos barbaros, que suppunham applicar a colera divina com

coragem que admira; despresando toda a especie de perigos, e de perseguições atrozes, destruíram as superstições dos idolatras, modificaram os costumes selvagens e crueis d'aquelles tempos, e redusiram os povos á civilisação. Os conventos, que elles fundaram, eram os focos donde partiam as luzes de uma Religião santa e de uma moralidade sem mancha. Os habitantes do paiz vinham a pouco e pouco construir suas habitações ao redor d'estes asilos, onde achavam a consolação, e todos os soccorros d'alma e do corpo; porque os Monges eram pela maior parte homens de espirito elevado, e até muitos de grande sciencia. Eis-ahi o que foram os primeiros Cenobitas, emquanto se conservaram no espirito de sua instituição; porque serviram para os povos errantes não só de mestres como de exemplo, até que tornados ricos pela liberalidade dos principes abandonaram o trabalho do corpo, esquecendo a sua severa disciplina.

Depois da morte de Juliano, seguiu-se Góviano, afferrado defensor da Religião; porém achando os negocios mal parados, apenas viveu para concluir uma paz vergonhosa. — Valentiniano, seu successor, fez a guerra como habil capitão, andando sempre acompanhado de seu filho Graciano desde os seus primeiros annos.

o sangue innocente. Eis-ahi a razão porque dissemos no principio d'esta nota que uma das causas, que mais contribuíram para o triumpho da Religião Christã, tinha sido sem duvida a natureza do seu culto.

Succedendo Graciano a seu pai, nomeou logo Cesar a Theodosio e lhe deu o Oriente para governar; sacrificado o Imperador pelo tyranno Maximo, Theodosio ajudado pelos Francos marcha contra este, e derrotando-o na Panonia, deixou-o matar pelos seus proprios soldados. Depois da morte de Valentiniano II, Theodosio tornou a reunir todo o Imperio pela ultima vez; cuja final separação se verá no Capitulo seguinte.



CAPITULO XXXIII.

**O Imperio Romano. Sua divisão. Irrupção dos povos do Norte.
Destruição do Imperio do Occidente.**

Antes que o vasto Imperio Romano se aniquile; antes que se desfaça inteiramente, como um navio combatido pelos ventos e pelas vagas sobre um banco, percorramos ainda uma vez sobre a carta do velho mundo todos esses paizes submettidos á sua dominação. A Italia com as suas ilhas visinhas (Sicilia, Sardenha e Corsega) era o centro d'esse vasto systema, que abraçava a maior parte da Europa, toda a Asia menor, e a parte mais consideravel d'Africa sobre as costas do Mediterraneo; Roma era a capital, em que residiram todos os Imperadores até Constantino, no anno 333 depois do nascimento de J. C.

Formavam o corpo d'essa immensa monarchia: Portugal, a Hespanha, a França, a Inglaterra e

a parte meridional da Escossia, a Hollanda e a Belgica; e comquanto não dominassem os Romanos sobre toda a Germania, possuíam comtudo aquella parte que ficava para o occidente do Rheno e ao meiodia do Danubio; isto é, os antigos Eleitorados de Moguncia, de Treves e de Colonia, a metade meridional dos circulos da Suabia e da Baviera, e a maior parte do circulo da Austria. Possuíam a Suissa, a Hungria ao sul do Danubio, a Moldavia e a Valachia, toda a Turquia Europea, como todas as ilhas do Mediterraneo e do Archipelago.

Dominavam tambem sobre toda a costa do Mar Negro e nos paizes contiguos, como, por exemplo, na peninsula da Tauride, na Crimea, na Circassia com os seus habitantes tão afamados pela sua formosura; possuíam toda a Asia menor até o Euphrates; e ao sul todas as costas do mar Mediterraneo até as Columnas de Hercules; a Syria com Antiochia, sua capital; a Phenicia com as cidades de Sydonia e de Tyro; a Palestina, patria dos Judeos; o Egypto, celleiro da Italia; os Estados de Argel e de Tunis (sobre o local da antiga e celebre Carthago), com os Reinos de Tripoli, de Féz e de Marrocos (*).

(*) Encontra-se na Geographia antiga, assim como na moderna, muitas vezes o nome de um Reino ou de um Estado, que não é senão o de uma Provincia simplesmente, porém já confirmado pelo uso. Assim é que a Suissa ou *Schwiz* não é mais do que o nome de um dos mais pequenos Cantões; mas como a liberdade de

Tal era o monstruoso complexo dos paizes dominados pelos Imperadores Romanos. Este Imperio se estendia desde o Atlantico (ao occidente) até o Mar Caspio (ao oriente); desde as montanhas da Escossia, o Mar do Norte, o Rheno, o Danubio e o Mar Negro (ao norte) até as cataractas do Nilo, as fronteiras meridionaes do Egypto, os desertos da Arabia e da Africa (ao sul). Parece quasi impossivel como este immenso colosso pôde assim mesmo resistir aos movimentos convulsivos da anarchia e da guerra civil, durante os cinco primeiros seculos da nossa era; principalmente quando consideramos que, depois dos dois primeiros seculos, quasi todos os Imperadores foram

todo o paiz veiu d'elle, o nome de *Schwiz*, por corrupção *Suissa*, foi pouco a pouco occupando o lugar do de *Helvecia*, que era o nome de todo o antigo paiz. O mesmo aconteceu com a *Hollanda*, que era o nome de uma Provincia, e como fosse a mais celebre d'entre todas as dos *Batavos*, tambem foi dando a todo o paiz o seu nome, e excluindo o de *Batavia*, que lhe pertencia. Os *Francezes* chamam *Allemanha* a toda a antiga *Germania*, porque, ha quinze seculos, não conheciam particularmente senão os seus visinhos do *Rheno* e da *Suabia*, chamados *Allemaes*. Os *Arabes* tambem chamam *Andaluz* a toda a *Hespanha*, porque a primeira Provincia, onde aportaram vindo d'*Africa*, foi a *Andalusia*. — A geographia antiga tem ainda outras difficuldades para ser bem entendida; porque, por exemplo, a *Lusitania* era mais extensa que o *Portugal* moderno; a *Bretanha* comprehendia tão sómente a *Inglaterra* e a parte meridional da *Escossia*; a *Pannonia* era a *Hungria* ou todo o paiz ao sul do *Danubio*, &c.; e por isso quiz servir-me antes dos nomes modernos para evitar equivocos.

fracos ou ineptos, e por isso incapazes de reunir as suas forças e de manejar as rédeas do Imperio.

Theodosio, depois da morte de Valentiniano, como dissemos no Capitulo anterior, tinha ficado senhor d'esta immensa monarchia; entusiasta do Christianismo favoreceu a Religião, desterrou a impuresa dos sacrificios gentilicos, corrigiu o luxo, e cortou as despesas superfluas. Confessou humildemente as suas faltas e fez penitencia d'ellas. Não se scandalizou com Santo Ambrosio, celebre Doutor da Igreja, que o reprehendeu de ser colerico e violento, unico vicio d'este grande Principe. Sempre vencedor, nunca fez guerra sem necessidade. Apesar da horrivel matança de Thessalonica, grande nódoa do seu reinado, e de que fez humilde penitencia, fez todo o bem possivel aos povos, e morreu em paz, ainda mais afamado pela sua fé, do que pelas suas victorias.

O Imperio, que parecia invencivel debaixo de Theodosio, mudou de face com o governo de seus dois filhos. Arcadio teve o Oriente, e Honorio o Occidente: ambos se deixaram governar pelos seus validos, e fizeram servir o seu poder a interesses particulares. Rufino e Eutropio, validos successivamente de Arcadio, e ambos elles de um caracter pessimo, pereceram em pouco tempo; e os negocios publicos nem por isso melhoraram, por causa da fraquesa do Principe. Eudoxia, sua mulher, o obrigou a perseguir S. João Chrysostomo, Patriarcha de Constantinopla e Luz do Oriente. O Papa Santo Innocencio, e todo o

Occidente, apadrinharam este grande Bispo contra Theóphilo, Patriarca de Alexandria, ministro das injustiças da Imperatriz.

Era no principio do quinto seculo, quando o Occidente foi inundado pelos Barbaros: Radagasio, chefe Godo, assolou a Italia. Os Vandalos occuparam uma parte das Gallias e se espargiram pela Hespanha. Alarico, Rei dos Visigodos, obrigou Honorio a ceder-lhe aquellas grandes provincias, já occupadas pelos Vandalos. Stilicon, envolvido no meio de tantos barbaros, derrota-os, poupa-os, ora se entende, ora rompe com elles; sacrifica a paz ao seu interesse, e com tudo isso salva o Imperio, que pretendia usurpar. Entretanto morreu Arcadio, deixando seu filho Theodosio na idade de oito annos, debaixo da tutela de Isdegerda, Rei da Persia; mas Pulcheria, irmã do menino Imperador, assumiu as rédeas do governo, e o Imperio de Theodosio foi sustentado pela prudencia e piedade d'esta Princesa.

O de Honorio porém parecia ter chegado ao seu fim. Tendo mandado matar Stilicon por intrigas de Olympio, outro detestavel valido, não achou quem supprisse a falta d'aquelle habil ministro. A revolta de Constantino, a perda total da Gallia e da Hespanha, a occupação e saque de Roma pelas armas de Alarico e dos Visigodos, foram consequencia da morte de Stilicon. Ataulfo, ainda mais terrivel que Alarico, saqueou Roma de novo, e todos os seus cuidados eram extinguir o nome Romano; mas, para felicidade do Imperio, captivou Placidia, irmã do Imperador.

Esta Princesa, tendo agradado ao successor de Alarico, veiu por fim a casar-se com elle, e teve a habilidade de o sugeitar, fazendo com que se estabelecesse pacificamente áquem do Ebro.

Os Godos fizeram tratados com os Romanos, e se estabeleceram na Hespanha, reservando igualmente para si, nas Gallias, as provincias que ficavam para a parte dos Pyreneos. O seu Rei Walia fez tudo isto com a maior discrição, que se podia esperar de um barbaro. A Hespanha mostrou então a sua constancia, e a sua fé não se alterou debaixo do dominio d'estes Arianos. Entretanto os Burginhões, povos da Germania, occuparam as visinhanças do Rheno, d'onde a pouco e pouco foram ganhando o paiz, que ainda conserva o seu nome. Os Francos não se descuidaram: resolidos a novos esforços para voltarem ás Gallias, elevaram ao throno Pharamundo, filho de Marcomiro; e a monarchia da França, uma das mais antigas que se conhece, começou debaixo do seu reinado.

O infeliz Honorio morreu sem filhos (no anno 423 da nossa era) e sem nomear successor ao Imperio. Theodosio elegeu para Imperador do Occidente a Valentiniano III, filho de Placidia e de Constancio, seu segundo marido; e como fosse ainda muito moço, collocou-o sob a tutela de sua mãe, a quem deu o titulo de Imperatriz. Mas o Imperio do Occidente mal podia comsigo mesmo: investido por tantos inimigos, era-lhe ainda mais prejudicial o ciume e a intriga dos seus generaes. Bonifacio, Conde da Africa,

tornou-se suspeito a Placidia pelos enredos de Aecio; e como se visse maltratado, fez com que viesse da Hespanha Genserico e os Vandalos, que logo se apoderaram de toda a Africa. Bonifacio arrependido arma-se contra os barbaros, mas fica vencido, e os Romanos perderam esta interessante parte dos seus dominios.

As Gallias começavam a reconhecer os Francos. Aecio as tinha defendido contra Pharamundo e contra Clodion, por appellido o *Cabelludo*: porém Meroveo foi mais ditoso, e alli fez um solido estabelecimento, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo em que os Anglos, povos da Saxonia, occuparam a Grãa-Bretanha, deram-lhe o seu nome, e fundaram n'ella differentes reinos. Entretanto os Hunos, que habitavam junto do lago Meotides, se derramaram como uma torrente furiosa por toda a Europa, capitaneados por Atila, o mais horrivel de todos os homens. Aecio, que nas Gallias o tinha derrotado, não o pôde embaraçar de destruir a Italia. As ilhas do mar Adriatico serviram a muitos de abrigo contra o seu furor; e Veñesa se ergueu do meio das aguas.

O Papa S. Leão, mais poderoso do que Aecio, e do que os exercitos Romanos, se fez respeitar por este Rei barbaro e pagão, e salvou Roma de ser saqueada, ainda que passado pouco tempo corresse um grande perigo pelos costumes dissolutos de Valentiniano. Maximo, cuja mulher o Imperador tinha violado, achou occasião de o perder, disfarçando a sua magoa, e fingindo

aprovar aquella violencia. Por seus conselhos manda o Imperador matar Accio, unico baluarte do Imperio. Maximo, que tinha sido o autor do homicidio, corre direito aos amigos de Accio, inspira-lhes a vingança, e o Imperador acaba ás suas mãos.

Morto Valentiniano, conseguiu Maximo subir ao throno; mas logo se viu opprimido com o peso da dignidade soberana. Obriga a Imperatriz Eudoxia, viuva de Valentiniano, a casar-se com elle, e para ganhar-lhe o coração protestou-lhe que seu amor era a causa do crime que commettêra. A Princesa, cujo peito acceso em colera não podia tolerar tanta infamia, convidou a Genserico para vir liberta-la, promettendo abrir-lhe ella mesma as portas da cidade. O Rei Vandalo não perdeu esta boa occasião; Roma foi presa do barbaro, que a teria arruinado sem a intercessão do Papa S. Leão. O povo exasperado lança-se sobre Maximo, que pretendia fugir, e fa-lo em pedaços; porém em toda a sua desgraça não teve mais do que esta triste consolação.

Não se vêem no Occidente senão perturbações e tumultos; muitos Imperadores são levantados e abatidos, quasi sem mediar tempo algum entre a elevação e a quéda. Majoriano foi o mais illustre: Avito sustentou mal a sua reputação, e salvou-se fazendo-se Bispo. Era este um meio de privar do throno a qualquer Principe, que tivesse direito a elle, porque o impossibilitava de tentar novas empresas. O uso de faze-los monges, estabelecido depois entre os barbaros, pareceu me-

lhor, pois não compromettia a dignidade Episcopal. D'aqui por diante torna-se a historia mais escura e menos interessante á proporção do estrago, que a barbaridade vai fazendo, sepultando as sciencias e a razão nas ruinas do Imperio. São por tanto inuteis as individuações, porque não merece que se escreva aquillo que não vale a pena saber-se.

Já as Gallias se não podiam defender contra Meroveo, nem contra Childerico, seu filho. O valor d'este chefe o fez tão tremendo, que só o seu nome infundia horror a seus inimigos, e suas conquistas se estenderam muito pelo interior das Gallias. O Imperio do Oriente parecia socegado debaixo do reinado de Leão, successor de Marciano; e depois debaixo de Zeno, genro e successor de Leão. A revolta de Basilisco apenas causou uma impressão passageira a este Imperador, porque foi logo dissipada. Mas o Imperio do Occidente descaiu inteiramente para nunca mais levantar cabeça. Augusto, que tambem se chama Augustulo, filho de Oreste, foi o ultimo Imperador acclamado em Roma; e logo despossado do Imperio por Odoacro, Rei dos Herulos. Eram povos que tinham vindo do Ponto Euxino, e cujo dominio não durou muito (*).

(*) Foi este o fim que teve o imperio do Occidente, 1229 annos depois da fundação de Roma. « Tinha-se » Roma augmentado, diz Montesquieu, porque só tivera » guerras successivas, acommettendo-a cada nação (o que » era felicidade incomprehensivel), depois de arruinada » a outra. Foi destruida, porque todas as nações a acom-

No Oriente empreendeu Zeno fazer-se celebre por uma cousa nova, inaudita e por um modo estranho. Foi elle o primeiro Imperador que se metteu a regular questões de fé. Emquanto os Semi-Eutychianos contrariavam o Concilio de Calcedonia, elle publicou contra o Concilio o seu *Henotico*; isto é, o seu decreto de união afim de estabelecer a unidade da fé; cousa muito mais difficultosa do que o defender-se contra os barbaros. O que fez foi atear o fogo das disputas, e irritar os orthodoxos, que em geral clamaram contra elle, indignados de ver que o Imperador proferia sentenças em materia de fé, e atacava as decisões do Concilio.

Os Herulos não se demoraram muito em Roma; expulsos por Theodorico, Rei dos Ostrogodos, isto é, dos Godos Orientaes, acabaram em Ravena com Odoacro, morto pelas proprias mãos de Theodorico, que já tinha fundado o Reino da Italia. Em toda a historia dos Imperadores poucos modelos temos de governo tão perfeitos como o de Theodorico; que, apesar de Ariano, deixou livre exercicio á Religião Catholica. Parece fabuloso que este grande Rei não soubesse ler nem escrever, depois de ter tanto protegido as letras;

» metteram juntamente, e entraram por toda a parte. »
Porém não foi isto só que influiu para a sua ruina, as causas d'ella estavam cimentadas no coração do imperio; nem suas immensas forças teriam succumbido se todas as molas d'esta grande machina não se tivessem afrouxado pela corrupção e pelas discordias intestinas, quasi sempre precursoras da queda dos grandes imperios. —

a sua educação em Constantinopla desfaz inteiramente este juizo, porque era impossivel, que tendo alli passado dez annos da sua infancia, não recebesse alguma instrucção litteraria.

Anastacio conseguiu que o acclamassem Imperador no Oriente em logar de Longino, irmão de Zeno, tão digno de desprezo e tão odioso como este Imperador; mas tendo antigos ressentimentos contra o Patriarcha Eufemio, começou a proteger os hereges; do que se seguiram grandes desavenças e guerras até a sua morte. Dizem uns que morrêra de um raio, outros que enlouquecêra por castigo divino. Seu nome foi riscado dos dypticos (*); e Nicoláu Iº, n'uma de suas cartas, o compara com os Neros e Dioclecianos, postoque fosse antes cégo do que sanguinario. Foi tres annos antes da sua morte que Proclo, physico de Athenas, estando ao seu serviço, incendiou a esquadra de Vitaliano, defronte de Constantinopla.

Os Romanos acabaram de perder as Gallias pelas victorias de Clovis, filho de Childerico; que ganhou tambem contra os Allemães a batalha de Tolbiac, pelo voto, que fez, de abraçar a Religião Christã, para cujo fim sua mulher Clotilde não cessava de o encaminhar. Era ella

(*) Os Dypticos eram uma especie de Registros publicos. — Uns eram profanos e outros sagrados. Nos primeiros escreviam-se os nomes dos Consules e Magistrados, e nos outros os das pessoas consideraveis, por quem se devia orar no sacrificio. —

da casa dos Reis de Borgonha, e Catholica decidida, ainda que a sua familia e a sua nação fossem Arianas. Clovis, cathequisado por S. Waast, foi baptisado em Rheims com os seus Francezes, no anno de 496, por S. Remigio, Bispo d'esta antiga metrópole. Foi o unico de todos os Principes Christãos do seu tempo, que sustentou a Fé Catholica, e mereceu por isso o titulo de *Christianissimo*, que legou a todos os seus successores.

O Imperio do Occidente se achou portanto desmembrado, a principio do seculo sexto, pela maneira seguinte: Os Suevos, povo de origem Allemãa, que pertencia á parte septentrional da Saxonia, occupavam Portugal desde o norte do Tejo até o mar: os Visigodos dominavam na Hespanha e na França até o rio Loire: os Vandalos reinavam sobre a parte superior da Africa, sobre as ilhas Baleares, e sobre a Sardenha e a Corsega: os Ostrogodos possuíam a Italia e as costas do mar Adriatico: sobre o Danubio, na Hungria e na Austria, se estabeleceram os Longobardos, que mais tarde invadiram tambem a Italia e se apossaram d'ella.

Os Allemães e os Bavaros habitavam a parte meridional da Allemanha: os Thuringios occupavam as margens do Mein e do Saala: os Wendos e os Esclavões as do Oder e do Vistula: os Saxões as do Elba e do Weser: os Frisões possuíam as terras entre o Weser e o Rheno, ou os paizes baixos: os Francos se dilatavam pelo norte da França até o Loire e as vertentes do Sena: os Burguinhões habitavam mais para o meio-dia

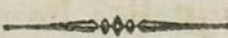
entre o Garonna e o Rhodano, e d'ahi vieram até a Suissa: os Bretões redusidos em Inglaterra ás costas do Occidente, deixaram todo o Oriente aos Anglo-Saxões, que, apesar das incursões periodicas dos Pictos e dos Scotos (Escosseses), se foram estabelecendo em todo o paiz, e por fim o dominaram. Tal era o aspecto da carta da Europa, ha treze seculos pouco mais ou menos.

Voltemos ainda ao Imperio do Oriente, e vejamos o que aconteceu depois da morte de Anastacio. Justino, de baixo nascimento, mas habil e muito Catholico, foi eleito Imperador pelo Senado. Sugeitou-se com todo o seu povo aos Decretos do Papa Santo Hormidas, e pôz fim ás perturbações da Igreja do Oriente. Tendo associado ao Imperio seu sobrinho Justiniano, morreu algum tempo depois, no anno 527 da nossa era. O reinado de Justiniano, que se dilatou por muitos annos, fez-se notavel na historia por causa dos trabalhos de Triboniano, compilador do direito Romano, e pelas proesas de Belisario e do Eunuco Narses.

Ainda em vida de Justino, Theodorico chegou a desconfiar dos Catholicos. O Patricio Albino foi accusado de ter correspondencia criminosa com o Imperador. Não duvidando Boecio, philosopho illustre por suas dignidades e procedimento, da innocencia do Patricio, disse em alta voz: Se Albino é culpado, eu tambem o sou, e o Senado. Não deixaram os inimigos do philosopho de interpretar estas palavras como prova de uma conjuração; e tres testemunhas houve su-

bornadas contra Boecio, que com Symmaco, seu sogro, ambos Consulares, foram condemnados á morte. É de crer que Theodorico os tivesse por culpados; todavia foi tal o arrependimento, que se apoderou do seu coração, que caiu n'uma entranhavel melancolia, da qual veiu a morrer na idade de setenta e quatro annos.

Amalasona, sua filha e mãe de Athalarico, a quem devia caber o Reino da Italia depois da morte de seu avô, governou durante a menoridade de seu filho, que ainda era menino. Esta Princeza, sábia e virtuosa, tão digna de amor como de respeito, houve-se com tal arte, que emquanto ella governou, parecia que Theodorico ainda occupava o throno. Teve particular cuidado da educação de seu filho. O que distingue, dizia ella, as nações civilisadas dos barbaros, é a estimação das letras, e d'aquelles que as cultivam e ensinam.



CAPITULO XXXIV.

Justiniano. Introduccão do Bicho da seda na Europa. Succesores de Justiniano até as conquistas dos Sarracenos.

Sendo Justiniano de origem provavelmente tão humilde como a de seu tio, excedia-o todavia na educação. Tinha quarenta annos de idade quando entrou a governar o Imperio no anno 527 da nossa éra; instruido nas materias de jurisprudencia, dado ao estudo e ao trabalho, era porém fraco de espirito e cheio de vaidade. Era emfim Justiniano um d'aquelles homens, em quem o bem e o mal apparecem confundidos de um modo extraordinario, e que, não sendo em si mesmos grandes principes, pôdem parece-lo pelas cousas que elles, seus ministros ou generaes poem por obra. O feliz successo das empresas nem sempre ha de encobrir a pouca capacidade de Justiniano, e as faltas que commetteu.

Que principe haverá de atilada capacidade, que case com uma actriz enlodada nos vicios, que

à infamia unia a altivez? No entanto isto fez Justiniano com Theodora, *a muito respeitavel esposa, que Deus lhe deu*, diz elle mesmo n'uma de suas leis. A grande presumpção, que tinha de ser bom Theologo, foi nova desdita para o Estado. Não se lhe pôde agradecer o zelo, com que obrou ao principio contra os hereges, pois que elle mesmo veiu por fim a cair na heresia e perseguiu os Orthodoxos. Mais o animava o ciume da opinião do que o amor da verdade. Sua fama foi devida em grande parte a Belisario e a Narses; e sem embargo uma continua desconfiança foi a recompensa de tanta gloria.

Em quanto Justiniano se occupava dos costumes, do culto e das opiniões religiosas, a guerra da Persia o inquietava sobre maneira; porém Belisario, conhecido já pelos seus talentos e valor, venceu os Persas junto a Dara; ainda que no anno seguinte fosse derrotado na batalha de Callinica. Belisario não queria combater, pois sem nada arriscar podia rechaçar o inimigo; os seus soldados o constrangeram a isso, accusando a sua prudencia de cobardia; porque já os Romanos (*) não tinham a disciplina dos primeiros tempos. Este contratempo foi em parte compensado por alguns successos felizes na Armenia. Comtudo Justiniano veiu a concluir com Chosroes um tratado ignominioso.

(*) Dá-se communmente o nome de *Romanos* aos Orientaes até o tempo de Carlos Magno, em que se começou a chamar Imperio Grego. —

Caíu Justiniano na imprudencia de animar os partidos do Circo, abraçando o dos *azues* contra os *verdes*, que tinham em seu favor a Imperatriz Theodora. Toda a cidade de Constantinopla se dividiu então nestes dois partidos, do que resultou a mais tremenda rebelião, que jámais se viu entre gente civilisada. Justiniano estava para fugir quando Belisario, com alguma tropa fiel, deu sobre os sediciosos com tal furia que os dissipou inteiramente; a mortandade foi horrorosa; trinta mil pessoas pereceram nessa luta, cujos estragos foram ainda mais augmentados pelo incendio. Entretanto no reinado de um principe que se occupava com a intriga das facções, executam-se grandes empresas, porque a sorte lhe põe ao lado alguns homens grandes.

Ao braço de Belisario se deve a conquista da Africa. Os Vandalos, depois de Genserico, tinham totalmente degenerado. Hilderico foi desaposado do throno por Gelimer, bisneto do conquistador da Africa; Justiniano, amigo e alliado de Hilderico, escreveu em seu favor a Gelimer, que não só despresou o pedido como as ameaças do Imperador. — Resolveu-se então fazer a guerra ao usurpador, dando-se esta expedição a Belisario. Parte este famoso general com dez mil infantes e seis mil cavallos, e com tres dias de travessia chega a Africa; desembarca e dirige-se para Carthago; encontra-se com Gelimer, vence-o, e obriga-o a fugir. No dia seguinte chega ás portas da cidade, onde foi recebido como n'uma praça Romana, sem tumulto; sem a menor violencia,

e sem que pelo menos se interrompa o commercio. Noventa e cinco annos havia que Carthago pertencia aos Vandalos. — Gelimer ainda tentou reunir algumas tropas e corromper os Hunos, que se achavam no serviço do Imperio; porém foi debalde, e teve que render-se á generosidade do vencedor. Tendo Belisario voltado a Constantinopla trouxe comsigo o Rei Vandalo, a quem Justiniano deu algumas terras na Galacia, onde passou o resto dos seus dias. Na ausencia de Belisario se sublevaram os Mouros, e só passados quatorze annos foi que a Africa ficou de novo sujeita ao Imperio, até a invasão dos Sarracenos.

A conquista da Africa por Belisario tinha augmentado a fama do seu valor e da sua prudencia; o que muito concorreu para a nova empresa de conquistar a Italia. As discordias entre Amalasonta e Theodato, seu primo e prefeito da Toscana, vieram animar a ambição de Justiniano.

Theodato tinha feito matar Amalasonta, o que deu pretexto a Justiniano para executar seus intentos a respeito da Italia. Belisario toma a Sicilia, e vem depois sitiar Napoles, que tambem rendeu a pouco custo. Chega por fim Belisario ás portas de Roma, onde foi recebido sem resistencia; porém cercado por um exercito de cem mil Ostrogodos, não tendo guarnição na cidade senão cinco mil Romanos, sustentou-se por espaço de um anno, até que recebendo reforços da Grecia fez levantar o sitio. Este feito, um dos mais memoraveis da historia, foi descrito por Procopio com taes circumstancias, que

parecem maravilhosas. Finalmente retiraram-se os Godos para o norte da Italia, donde offererem a Belisario a corôa, se quizesse ser seu chefe.

Aproveitou-se então este grande general da occasião para findar a guerra. Promette inteira segurança aos inimigos a respeito de suas pessoas e bens, sem se explicar a respeito do mais. Recebem-no em Ravena, e ninguém duvida já que elle accite o diadema. Finalmente descobriram-se seus occultos intentos: cumpriu sua palavra tratando os Godos como se fossem Romanos; mas seguindo os dictames de uma politica difficil de justificar-se, prende o Rei (Vitiger, posto em lugar de Theodato), e o envia para Constantinopla. O ciúme do Imperador, despertado por esse novo triumpho, fez com que Belisario fosse chamado á côrte, sob pretexto de manda-lo contra Chosroes, que se preparava para novas hostilidades. —

Na ausencia de Belisario tornaram os Godos a sublevar-se, e se apoderaram da maior parte da Italia debaixo do mando de Totila, Principe moço e arrogante, que bem se podia comparar com Theodorico. Justiniano intimidado enviou Belisario para a Italia, mas com tão poucas tropas, que o valente general viu-se obrigado a não sair de Ravena, senão para occupar Roma, quando os Godos a tinham abandonado. Depois de varios sitios e defesas corajosas, por espaço de cinco annos, voltou Belisario para Constantinopla sem ter augmentado nada a sua antiga reputação.

Tres annos depois foi nomeado para a Italia o eunuco Narses, que devia commandar um grande exercito, e com elle batter os Godos.

Com effeito, chegou Narses ao norte da Italia, e como um raio caiu em meio dos Godos, e os desbaratou nas planicies de Lentagio; Totila ferido na batalha veiu morrer em Capra. Os ultimos Godos, que se reuniram em Conza, foram obrigados a renderem-se; o que poz fim á conquista da Italia, que por treze annos foi governada por Narses. Porém a dominação Grega não se manteve por muito tempo; uma nova irrupção de barbaros, mais terriveis que quantos tinham precedido, inundou a Italia; os Gregos foram arrojados para as praças maritimas da Campania, para a Calabria e para a Sicilia, e os Lombardos se estabeleceram para sempre.

Um dos acontecimentos mais notaveis do reinado de Justiniano foi o da introduccão do bicho da seda na Europa, porque foi um grande beneficio entre tantas perdas e desgraças. Os Gregos e os Romanos recebiam os estofos de seda das caravanas que vinham da India pela Persia; porém elles conheciam tão pouco a sua origem, que julgavam ser o producto de uma arvore. A seda era objecto tão precioso, que no anno 274 antes de J. C. valia tanto como o ouro, e comprava-se pelo peso, tanto pelo tanto. Sómente os mais ricos da côrte de Constantinopla podiam trajar sedas. Como Justiniano e seus predecesores mantiveram sempre uma guerra continua

com os Persas, tinham cessado as caravanas, que traziam aquella mercadoria.

Para obviar este inconveniente, Justiniano tinha mandado preparar alguns navios que deviam ir directamente á India, pelo golpho Persico, para fazer aquelle commercio. Emquanto se occupava d'aquella expedição, dois frades, que tinham explorado a Persia e a India, chegaram a Constantinopla trazendo os primeiros casulos. Elles demonstraram quão facil seria naturalisar na Europa os bichos da seda; pelo que o Imperador os fez voltar á India, donde trouxeram uma quantidade de ovos d'estes insectos, mettidos dentro dos seus bordões de peregrino, que eram ôcos expressamente para conter grande quantidade. Com effeito, expostos na primavera a um calor moderado, aquelles ovos produziram as lagartas, que foram cuidadosamente criadas com as folhas da amoreira; e obtiveram-se assim os primeiros casulos.

Justiniano fundou então em Constantinopla, em Athenas, em Corintho, e em Thebas, as primeiras manufacturas de seda; até o seculo XII sómente a Grecia possuia os bichos da seda na Europa. Dalli passou a arte de fabricar a seda para a Sicilia no anno de 1130, e depois para a Calabria, provincia da Italia meridional; e no seculo seguinte já a Italia florescia por suas ricas manufacturas de seda (*). Se dermos este des-

(*) Os Chinas contam que 2,600 annos antes de J. C., a mulher de um de seus Imperadores descobrira a arte

conto ao reinado de Justiniano, pouco ou nada lhe restará de util durante o longo tempo que viveu. Uma peste assoladora, terremotos, guerras civis, os barbaros sempre armados e atrevidos, os povos vexados e sempre infelizes: tal é o quadro do imperio de Justiniano, a pesar dos felizes successos dos seus Generaes.

A vida decrepita do Imperador não impediu que alguns sediciosos conspirassem contra ella. A conjuração foi descoberta e presos os assassinos; os inimigos de Belisario aproveitando esta

de desenvolver os casulos dos bichos da seda, e de preparar o fio. A China conservou por muito tempo a propriedade d'esta descoberta, e as riquezas que ella lhe proporcionou. Foi só no anno de 555 da era vulgar, que os dois frades de que faz menção o nosso texto, introduziram os primeiros germes d'esta rica manufactura; e a Grecia participou então do monopolio da China. — Uma guerra entre a Sicilia, e um dos Imperadores Gregos no anno de 1130, proporcionou a vantagem de trazer para aquella ilha alguns fabricantes de seda, que a enriqueceram com a sua industria. No anno seguinte a Italia meridional começou a prosperar com ella, e de lá passou para a Hespanha. No anno de 1470 Luiz XI fundou em Tours a primeira manufactura, porém só em 1600 foi que a França desenvolveu toda a sua industria n'este ramo. Só depois da revogação do Edicto de Nantes é que os Huguenotes levaram a Allemanha esta industria. Os protestantes Francezes foram bem acolhidos no Brandeburgo em 1685, e alli ensinaram a criar o bicho da seda e a preparar os seus casulos. Muitas manufacturas se tem estabelecido depois, protegidas pelos Principes Allemães, e hoje tratam de cria-las em todos os paizes do norte.

ocasião, accusaram-no de promove-la. Sete mezes esteve preso Belisario, privado de suas honras, e esperando todos os momentos pela morte; entretanto pôde justificar-se, e conseguiu de novo a amizade e o favor de Justiniano, de que o privou em breve tempo a morte. Baronio adopta a fabula, hoje em dia desacreditada, que o representa com os olhos fóra, e mendigando o pão para o seu sustento.

Outra circumstancia tambem notavel do reinado de Justiniano foi a compilação do Direito Romano, cujo trabalho foi confiado a Triboniano, jurisconsulto que fazia trafico da justiça, e a quem faltavam atilado engenho e outras condições necessarias para tão vasta empresa. O codigo foi escripto com desmesurada pressa e saiu á luz em 529. Contém as leis imperiaes desde o principio de Adriano. Porém sobrevindo depois mais de duzentas instituições novas, além dos defeitos que se observaram na primeira collecção, isto foi parte para que se publicasse em 534 a segunda edição do Codigo, que é a que hoje possuimos (*).

(*) O Digesto (ou as *Pandectas*), compilado no espaço de tres annos, foi dado á luz em 534. É esta obra immensa, e n'ella se devia ter recopilado, reformado e disposto com methodo, tudo quanto houvesse util em mais de dois mil volumes dos Jurisconsultos antigos. O Imperador dando-lhe força de lei, prohibiu tudo o que fosse commentario; pois no caso de duvida se dirigiam ao Principe, unico que tinha o direito de supprir e de interpretar as leis. Ordenou aos juizes que se conformassem com as leis do Digesto, abregando as outras todas com prohibição

Justino II, sobrinho e successor de Justiniano, homem fraco e sensual, muito concorreu para a decadencia do Imperio. A Imperatriz Sophia aborrecia a Narses, que governava a Italia com bastante vigor para refreiar os barbaros. Narses foi chamado a Constantinopla; porém picado com os ultrages da Imperatriz, convidou os Lombardos, um d'aquelles povos Germanicos, cujo berço foi

até de cita-las. Tendo Triboniano e os demais compiladores inteira liberdade de mudar, augmentar e reunir os textos, ou no Digesto ou no Codice, não se póde duvidar que haja alteração em muitas leis ou decisões antigas, dadas em nome dos Jurisconsultos antigos.

As *Institutas*, que se publicaram pouco tempo antes do Digesto, e contém os primeiros elementos da Jurisprudencia, tambem tinham força de lei. Esta obra é muito mais estimada do que as outras.

Appareceram depois as *Novellas* de Justiniano, algumas vezes directamente oppostas ao seu Codice. Parece que n'aquelle tempo se promulgavam as leis só pelo gosto de as revogar.

Este grande corpo de Direito subsistiu no Oriente até o nono seculo, em que o Imperador Basilio o substituiu pelas *Basilicas*. No Occidente foi anniquilado pelas leis Lombardas; e até o duodecimo seculo, em que se descobriu em Amalfi um exemplar do Digesto, ninguem tinha noticia d'elle. Assim a Legislação de Justiniano triumphou só na realidade entre os povos modernos, que para desgraça sua, muito cedo ou muito tarde, vieram a ter noticia d'ella: muito cedo, porque na falta de luzes se admittia indifferentemente o bom e o máu, que ella tem; muito tarde, porque ella teria desvanecido infinitos erros nascidos da barbaridade e ignorancia d'aquelles tempos, em que o *feudalismo* se estabeleceu.

provavelmente a Escandinavia, para virem á Italia, onde fundaram tres grandes Ducados, e depois o Reino Lombardo. Em quanto Justino perdia assim a Italia, provocava com louca presumpção as armas dos Persas, cujas victorias o fizeram enlouquecer. Justino morreu no anno 578 da era vulgar.

Depois da morte de Justino subiu ao throno Tiberio, cujo governo sabio e prudente durou pouco para que podesse tornar os negocios ao seu antigo estado. Nomeou a Mauricio por seu successor, e morreu depois de muito pouco tempo de reinado. Posto que Mauricio merecesse a reputação de grande capitão, e tivesse as virtudes de um principe, não lhe foi já possível restabelecer a integridade do Imperio, nem a honra das armas Romanas. Accusam-no tambem de avareza por ter deixado matar doze mil prisioneiros, por cujo resgate pediam os Abaros doze mil peças de ouro, isto é, peça por cada um; o que não tolheu, para obter a paz, de pagar depois vinte mil peças, além do tributo que o Imperio já pagava a esses barbaros.

Passados dois annos veiu Phocas a Constantinopla á frente de um exercito de rebeldes; e acclamado que foi Imperador, mandou cortar a cabeça aos cinco filhos do infeliz Mauricio, que sendo testemunha da execução, a cada golpe que davam nos filhos, dizia em alta voz: *Justo sois, Senhor, e vossos juizos rectos*. Esta horrorosa scena, de que até então não tinha havido exemplo entre outras muitas atrocidades, rematou com o sup-

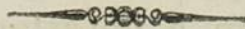
plicio do pai. Posto que Phocas fosse um monstro, sem nenhum merecimento, honrou-o o Papa S. Gregorio escrevendo-lhe uma carta muito urbana, dictada sem duvida pelo interesse da Santa Sé; o qual obteve de Phocas uma declaração a favor dos direitos da Igreja Romana, de que os Gregos não fizeram caso.

Não houve genero de infelicidades que não opprimitte o Imperio no reinado d'este tyranno. Os Persas forçaram todas as barreiras, tomaram a mesma Edesso, assollaram toda a Asia desde o Tigre até o Bosphoro, e chegaram ás portas de Calcedonia. Das crueldades do tyranno, mais do que das desditas publicas, resultavam continuas conspirações. Finalmente Heraclio, filho de outro do mesmo nome, Exarcho da Africa, appresentou-se com uma frota diante de Constantinopla, prendeu o malvado Phocas, e fez-lhe cortar a cabeça á vista de todo o povo. O mesmo Heraclio foi seu successor; porém abandonou-se ás delicias da côrte, e o lisongeiro feitiço das grandezas sufocou-lhe o amor da gloria.

O pouco que os Romanos ainda possuíam na Hespanha foi-lhes tomado pelos Visigodos: Ravena estava ameaçada pelos Lombardos: os Persas tomaram Jerusalem e devastaram o Egypto: os Abaros recuperaram suas perdas e obrigaram o Imperio a comprar a paz. Finalmente os insultos de Chosroes II, e os triumphos dos Persas despertaram o valor de Heraclio; poz-se á frente dos seus exercitos, e em seis campanhas obteve os mais felizes successos. Sómente o saque do Pala-

cio de Dastagerdo, onde Chosroes fôra residir por conselho dos Astrologos, deu-lhe prodigiosas riquezas além de dois mil milhões de crusados em dinheiro, segundo um autor oriental, só as pedras preciosas enchiam mil cofres.

Apenas Heraclio finalisou aquella guerra, tornou logo á sua antiga inercia. Já não era aquelle mesmo heróe como até então, mas um Principe indolente, de mesquinho animo, a quem roubam os cuidados as controversias, ao mesmo tempo que está a ponto de perder a maior parte dos seus estados. Com o monothelismo tornaram-se a renovar as chagas que no orbe christão tinham aberto tantas heresias. Heraclio, unido com os Patriarchas de Alexandria e de Constantinopla, publicou o famoso edicto, intitulado *Ecthese*, que o Papa João IV proscreeu em 639. Ao mesmo tempo que o *Ecthese* excitava funestas perturbações, o Christianismo e o Imperio viam-se ameaçados de uma terrivel e proxima conflagração.



CAPITULO XXXV.**A Arabia, Mafoma, ou Mafamede, ou Mahomet. Conquistas dos Arabes.**

Os habitantes dos paizes, que ficam a leste da Syria e a oeste da Chaldea, denominados por seus vizinhos umas vezes Arabes e outras Sarracenos, davam-se a si mesmos o nome de filhos do Deserto, de que tinham grande ufanía. Dois grandes golphos formam a Peninsula da Arabia, cuja superficie está calculada em cincoenta e cinco mil leguas quadradas (*). A natureza ingrata

(*) A Arabia divide-se em Petrea, Feliz e Deserta. Os Arabes em geral suppoem que descendem de Jectan ou Kathan filho de Eber, e de Ismael filho de Abrahão pela sua concubina Hagar. Os montes Sinai e Horeb estão na Arabia Petrea. Os Nabateos formavam n'este paiz uma nação, e derivaram o seu nome de Nebaioth filho de Ismael. Aqui estava Madian, patria de Jethro sogro de

do seu solo, as areias ardentes do deserto, a falta d'agua em muita parte e em outras de má qualidade, salôbra e sulphurosa, tornam este paiz inhabitavel para todo aquelle que não seja o Arabe; só elle o habita: acostumado a uma vida simples e frugal pôde manter-se onde nenhum outro povo poderia viver.

Os pequenos gruppos de palmeiras, que se acham a grandes distancias, são os unicos asilos das caravanas. O camelo só pôde entreter a comunicação entre estas pequenas ilhas de terra no meio de um oceano de areia. Este animal acostuma-se, desde que nasce, a supportar a fome, a sede e a intemperie, e pôde fazer uma jornada de trezentas a quatrocentas leguas, em oito a dez dias, sem beber mais que uma vez. Fica muitas vezes sem comer vinte e quatro horas, contentando-se com os cardos que encontra, ou com raizes de absyntho e de ortiga; é o fiel companheiro do Arabe, e faz toda a sua riqueza. Facil de guiar, o canto do seu senhor reanima as suas forças.

Na entrada do deserto acham-se as cidades de Koufa e de Bassorá, celebres por suas escolas e

Moysés. No estreito de *Babel-Mandel* estavam os Sabeos, na Arabia Feliz (Iemen). N'uma pequena ilha ao sul d'esta região chamada *Dioscorides Insula*, está agora Socotorá, d'onde vem o melhor aloes. *Aelana* e *Assiongaber* eram os portos d'onde saiam as esquadras de Salomão para o paiz de Osir. *Iatripa* (Medina) e *Macoraba* (Meca) são cidades da Arabia Deserta. (*Urcullu, Geog. phys.*)

por seu commercio. O unico flagello que afflige os habitantes d'estas comarcas é o *simoon*, vento abrasador e pestifero, que os Arabes chamam o Anjo da Morte; é como uma torrente de vapor com exhalações sulphurosas, que suffocam os homens e os animaes, e percorre não só a Arabia como a Africa, e algumas vezes a Hespanha. A Arabia Petrea tira a sua origem da cidade de Selah, a que os Gregos chamavam Petra. A Arabia Feliz, ou o paiz de Yemen, é habitada por um povo de caracter franco, activo e generoso, que vive independente no meio dos seus rebanhos e dos seus jardins. É d'esta região d'onde se tira o balsamo, o incenso e muitos outros aromas.

Um arbusto antigamente transplantado da Abyssinia (Habesch) para o Yemen, produz o grão, que nós chamamos *café*. Foi um medico italiano, Prospero Alpini, que fez conhecer esta bebida aos Europeus em 1583, recommendando-a como muito estomacal. Hoje forma uma grande parte da riqueza do Brasil e de outras partes d'este Continente, porque o seu uso estendeu-se desde o serralho do Grão-Senhor até a mais humilde cabana do pastor ou do lavrador. A Arabia é a patria dos melhores cavallos; mais pequenos que os da Africa, igualam comtudo o avestruz na sua carreira. Os de raça pura são de um grande valor, e conservam-lhes as genealogias desde remota antiguidade. Vivem em sociedade com seus senhores; comem durante a noite, e de dia estão sellados e promptos para todo o serviço.

A cidade de Moka, centro do commercio do Yemen, e onde se colhe o melhor café, está situada perto do estreito de Mandab; quasi na extremidade da Península está Aden, praça importante por sua posição e por seu porto. Alexandre Magno não pôde conquistar a Arabia, e os Romanos o tentaram em vão. Os Abexins foram os unicos que a subjugaram uma vez; porém não puderam conserva-la, deixando unicamente para memoria o flagello das bexigas, que elles communicaram aos Arabes, d'onde passou para a Italia, e d'alli para o resto do mundo. As epidemias foram raras no principio, mas tão mortíferas, que assolavam os districtos onde se declaravam.

Mafoma nasceu no anno de 570 da nossa era, na mesma epocha em que as armas dos Abexins ameaçavam a liberdade dos Arabes. Elle pertencia á tribu dos Horeisitas, que tinha dado muitos chefes illustres e muitos mercadores celebres. Orphão desde tenra idade, ficou ao cuidado de um tio, que o applicou ao commercio, enviando-o com as suas caravanas aos paizes da Syria e da Palestina. Logo nos seus primeiros annos desenvolveu essa imaginação ardente e esse espirito de reflexão, que mais tarde caracterisaram todas as suas empresas. Tinha o porte grave, as feições agradaveis, regular talhe e maneiras mui suaves.

Em suas viagens tinha Mafoma adquirido muitas idéas sobre a doutrina de Moysés, e sobre a Religião Christãa. Os Judeos esperavam um Re-

demptor, e J. C. tinha promettido aos seus discipulos enviar-lhes o espirito de verdade, *que o havia de glorificar* (*). A sua imaginação exaltada concebeu que elle estava destinado a satisfazer as esperanças dos Judeos e dos Christãos. Na idade de 42 annos (612), pouco mais ou menos, teve a visão do Anjo S. Gabriel, que o chamava ás funcções de Propheta. Elle communicou o sonho a sua mulher e a seu primo, e fallou-lhes com todo o fogo da inspiração, de maneira que os convenceu, e accreditaram na divindade da sua missão.

Ali, a quem elle deu sua filha em casamento, foi o primeiro que seguiu o seu exemplo, e logo depois seu sogro Abubeker, chamado o Justo. O fanatismo altera a razão, e muitas vezes o que começa por astucia acaba por convicção; o enthusiasmo de Mafoma nascia em grande parte da sua imaginação ardente; e sem esse fogo da inspiração elle não teria attraído todo esse sequito, que serviu de base para o seu Imperio. No principio soffreu grande opposição, tanto assim que, perseguido em Méca, teve que fugir para Medina (no anno de 622 depois do nascimento de J. C.), onde foi favorecido pelos principaes habitantes da cidade. D'este anno começa a era dos Musulmanos, chamada Egira, segundo uma ordem do Califa Omar, dezeseite annos depois.

Mafoma não ensinou doutrina nova; a sua

(*) Ev. de S. João, Cap. 16, v. 13, 14.

Religião consistia em uma mescla do Christianismo com o Judaismo, ainda que igualmente inimiga dos Christãos, dos Judeos e dos Idolatras. Respeitavel no que tocava ao Dogma da unidade de Deos e preccito da esmola, porém cheia de fabulas e de superstições extravagantes; mais propria para inspirar aquelle louco enthusiasmo, que zomba dos perigos e da morte, do que para sanctificar o coração ou extasiar o espirito. Dois dogmas do Mahometismo se encaminhão a este fim: o primeiro é a recompensa do Paraiso para o fiel que morre na guerra; o segundo, que os decretos de Deos regulam de tal maneira a duração da vida humana, que é inutil acautelarse para conserva-la.

Lançou Mafoma com a sua Religião os fundamentos de um vasto Imperio. Seus talentos e proesas contribuíram para que todas as tribus dos Arabes, até então desunidas e independentes, se unissem finalmente debaixo da sua obediencia, e elle veiu a ser seu Rei e seu Pontifice. Mandava convidar os Principes e os povos para receberem o seu *Islamismo* (nome que significa *Fé*, e que elle dava á sua religião), dizendo-lhes: « Em » nome d'aquelle que creou o Céu e a terra, e » que de toda a eternidade produziu o *Islamismo*, » crêde em Mafoma, Propheta da lei divina e » universal. » A sua primeira victoria exaltou o enthusiasmo dos seus proselytos, e todos os Arabes vieram alistar-se debaixo das suas bandeiras.

Senhor da Méca, e adorado de uma a outra extremidade da Arabia, cuidou de levar o isla-

mismo até onde alcançassem as suas armas. Caled, que de seus guerreiros era o mais famoso, e a quem o mesmo Mafoma chamava a *Espada de Deos*, desbaratou um numeroso exercito com um pequeno numero de soldados. D'esta maneira principiou uma guerra de mais de oitocentos annos, tão ignominiosa e tão fatal para o nome Christão. Mafoma deu a seus discipulos leis proporcionadas ao genio de uma nação, sobre a qual a linguagem ardente e seductora do Alcorão (*) devia fazer mais impressão, que as disputas minuciosas dos Theologos Christãos do Imperio Grego.

Morreu Mafoma em 632, na idade de sessenta e dois annos, recommendando tres cousas aos seus amigos: darem-se á oração; banir todos os Idolatras da Arabia, e communicar aos proselytos todos os privilegios dos Musulmanos (**). Estes tres pontos forão reverenciados como ordens divinas. Os menores versos do Alcorão tinham-lhe sido trazidos do Céu pelo Anjo Gabriel: assim o dizia elle, apezar do absurdo de algumas de suas doutrinas. Mafoma tinha inculcado Ali, seu genro, como digno da successão; mas Abubeker, seu sogro, foi todavia preferido. D'aqui nasceram odios irreconciliaveis e violento schisma entre

(*) *Alcorão* significa em Arabico *Livro por excellencia*; e assim se chama o que contém os preceitos de Mafoma.

(**) *Moslemin*, ou *Moslemen*, por corrupção Musulman ou Musulmano, quer dizer *Crente*; titulo que se dava a todos quantos se convertiam á fé de Mafoma. —

os Turcos e os Persas. Estes ultimos sustentam que os tres primeiros Califas (*), anteriores a Ali, foram usurpadores.

Esta grande controversia de Religião não produziu os effeitos, que eram de esperar. Se os Sarracenos se tivessem dividido por causa d'este ponto, ou de algum artigo do Alcorão, sem duvida pouca vantagem levariam aos Gregos. Porém no primeiro fervor do enthusiasmo, ainda acostumados a uma vida dura, sem idéa alguma do luxo, anhelando só os combates, unidos por meio de uma Religião fanatica; á maneira do fogo do Céu consumiram de algum modo todos os obstaculos. « Nós vos trazemos, diziam elles, » o Paraiso e o Inferno. Deveis pois abraçar a » nossa religião, ou pagar tributo, ou passar » pelo fio dos nossos alfanges. » E cumpriam a sua palavra.

Em dois annos conquistou Abubeker uma grande parte da Syria, e morreu sem deixar bens alguns. A sua despeza diaria não chegava a um crusado da nossa moéda. As primeiras palavras do seu testamento são admiraveis: « Este » é o testamento de Abubeker, por elle feito » estando em vespéras de passar para o outro » mundo; no tempo em que os incredulos prin-

(*) A palavra *Califa* significa chefe supremo politico e summo Pontifice dos Mahometanos. Titulo que por muito tempo tiveram os descendentes immediatos de Mafoma; porque Khalifa em Arabe quer dizer successor hereditario. Hoje os Imperadores de Marrocos tomam este titulo como descendentes do Profeta.

» cipiam a crer, em que os impios já não duvidam, » e os mentirosos dizem a verdade. » Omar, seu successor e seu emulo, acabou de sujeitar em breve tempo a Syria. Muita honra lhe coube por haver perdoado a um assassino, por quem Constantino, filho de Heraclio, o mandára matar.

Em uma só campanha sujeitou Omar toda a Mesopotamia, ao mesmo tempo que Amrou, um dos seus Generaes, subjugava o Egypto. Por sua morte, que aconteceu no anno de 644, quasi toda a Persia pertencia já aos Sarracenos, e no anno seguinte deu Othman, seu successor, fim a esta conquista. Assim caiu com o seu ultimo Rei, Isdeberdo III, o poderoso Imperio dos Persas, que desde Crasso tão tremendo fôra para os Romanos, aos golpes de uma nação, que antes de Mafoma tão despresada era. As ilhas de Chipre e de Rhodes foram pilhadas pelos Arabes, que penetraram pelos desfiladeiros do monte Tauro, ao mesmo tempo que se entranhavam pelos desertos da Nubia.

O reinado de Othman foi de curta duração, Ali foi seu successor; porém Ajesha, viuva de Mafoma, que por tres vezes o tinha arredado da successão, sublevou contra elle uma parte do exercito. Uma mulher esteve a ponto de destruir o throno de Mafoma, emquanto os Romanos e os Persas tremiam diante do estandarte do Propheta. Ali foi ultimamente assassinado em Koufa; o seu tumulo collocado em uma mesquita junto d'aquella cidade, goza de grande veneração entre a seita dos Shiitas, que ainda hoje professam

um respeito religioso por todos os descendentes de Ali. Os Persas pertencem a esta seita, e durante o mez de Junho elles celebram a morte de Ali, e de seus filhos Hassan e Hosein.

Antes de passarmos a fallar dos Califas da casa dos Omniadas, citaremos alguns factos para dar uma idéa do character d'estes Arabes, que brevemente veremos entrar pela Hespanha, Gallia e Italia, depois de terem conquistado toda a Africa. Muitos casos pasmosos dão a conhecer a superioridade dos Musulmanos sobre os Christãos d'aquelles tempos. Fugindo os Sarracenos depois que viram o seu General prisioneiro em um encontro, que tiveram com os Romanos: *Já vos esquecestes, disse-lhes um dos seus officiaes, que dar costas ao inimigo é offender a Deos e ao Propheta? Que importa que Dezar fosse prisioneiro? Deos está no alto e vos vê.* Voltaram então os Sarracenos e derrotaram os Romanos.

Na batalha de Yarmuk, antes da tomada de Jerusalem, um dos capitães animou as tropas com esta pratica: *Oh! Musulmanos, lembrai-vos que tendes diante de vós o Paraiso, e por detraz o Diabo e o Inferno.* N'uma conferencia, que Amrou teve com Constantino, perguntou-lhe este que direito pretendia elle ter sobre a Syria: *O direito que dá o Creador,* respondeu o Arabe; *a terra pertence a Deos; elle a reparte, como é sua vontade, pelos seus servos; sendo o successo das armas o que manifesta a sua vontade.* Tinha Mafoma condemnado um Musulmano por ter enganado um Judeo; aquelle apellou para Omar, o

qual ouvindo a exposição do facto, tirou do alfange e cortou a cabeça ao caviloso, dizendo: *Eis-ahi o que merece quem se rebela contra uma sentença do Propheta.*

Quando Omar marchou contra Jerusalem, levava sobre o seu camello toda a sua bagagem, que consistia em um odre cheio d'agua e um prato de páu. Vendo alguns Sarracenos vestidos de seda (vestidos que tinham sido tomados em um saque), ordenou que os arrastassem pela lama com a cara para a terra, e que lhes rasgassem os vestidos. Depois de tomar Alexandria, quiz Amrou salvar uma parte da grande bibliotheca dos Ptolomeos, e pediu para isto licença a Omar; mas este lhe respondeu: *Se os livros, de que me fallas, não contém mais do que o livro de Deos, são inuteis; e se não se conformam com elle, são máus. Manda-os pois queimar.*

Depois da morte de Ali, e abdicção de seu filho Hassan, foi eleito Califa Maowiah, filho de Abusofian, que era primo de Mafoma. Maowiah transmittiu a seus descendentes o Califado, excitando o entusiasmo religioso da sua nação. Foi elle o primeiro que mudou da Méca para Damasco a séde do Califado. Durante o seu governo Okbah, seu Logar-Tenente, conquistou quasi toda a Africa, e fundou no local da antiga Cirene a cidade de Kairwan. Carthago, que lhe tinha resistido, caiu finalmente debaixo do alfange de Hassan, successor de Okbah; e toda a costa da Africa até o Estreito de Gibraltar se submetteu ao vencedor no anno 688 da nossa era.

Os Visigodos reinavam na Hespanha e na França Meridional; sem as suas contínuas divisões e discordias elles teriam sido mais poderosos e invenciveis.

As crueldades e desordens de Witiza tinham provocado na Hespanha a guerra civil; e este Principe foi privado do throno por Rodrigo, que lhe mandou tirar os olhos. Conta-se que o Conde Julião, querendo desaffrontar a honra de sua filha, de nome Cava, violada por este ultimo Rei, convidára os Sarracenos para virem á Hespanha. Este factó não é confirmado pelos monumentos antigos; nem seria mister outra cousa, pois sabemos a quanto alcançam as revoluções occasionadas pelos vicios dos Principes.

Os Sarracenos, senhores n'aquelle tempo da Mauritania (donde tomaram o nome de Mouros), deram sobre a Hespanha e ganharam em 712 a batalha decisiva de Xerés na Andalusia; depois da qual desapareceu para sempre o Rei Godo. Musa, que governava em Africa como Vice-Rei do Califa Valid, veiu logo acabar a conquista feita por Tarik, offerecendo, segundo a prudente politica da sua seita, aos habitantes deixa-los em sua religião e leis, contentando-se com o mesmo tributo que pagavam aos seus soberanos. A maior parte das cidades o receberam sem resistencia, outras foram saqueadas e queimadas.

D. Rodrigo defendeu heroicamente a sua corôa, assim como a religião e a independencia dos Visigodos contra o Islamismo e o poder dos Arabes; porém os seus esforços foram inuteis. Oppas, Ar-

cebispo de Sevilha e parente de Witiza, não se envergonhou de combater a favor dos Musulmanos, e de sacrificar a patria e a Religião ao odio que a Rodrigo conservava. Mas Pelagio, heróe de sangue real, tendo-se retirado para as montanhas das Asturias e de Burgos, acompanhado com infinitos Christãos, fundou nas mesmas montanhas um pequeno reino, onde se manteve por meio do seu valor.

A ambição dos Mouros não se podia conter nos limites dos Pyreneos. O primeiro ensaio não foi feliz, porque Eudes, Duque de Aquitania, os rechaçou; porém Abderaman, novo Emir ou governador da Hespanha, fez segunda invasão com forças superiores, e chegou até a cidade de Sens. Rechaçado pelo Bispo Ebbon, deu sobre a Aquitania, derrotou o Duque, e penetrou até o centro do Reino. A esta invasão occorreu Carlos Martel, o qual salvou a França na batalha, que livrou aos Mouros entre Poitiers e Tours, ficando morto Abderaman. Os Sarracenos perderam n'esta batalha mais de tresentos mil homens, segundo referem os Francezes; mas similhante exaggeração não merece credito algum, porque apesar d'esta derrota ainda permaneceram os Sarracenos por alguns annos no Languedoc e na Provença.

Ao mesmo tempo que os Arabes destruíam o Imperio dos Visigodos na Hespanha, levavam as suas conquistas até o Indostão; elles dominavam sobre as margens do Ganges, sobre as costas do Mediterraneo, assim como reinavam sobre as do Oceano; isto é, na Asia, na Africa e na Europa;

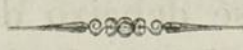
e teriam sem duvida invadido a Italia, se tivessem subjugado a França. Apagada a sêde das conquistas, os Arabes começaram a edificar: o Califa Mansur fundou Bagdad sobre as margens do Tigre, para onde mudou a sua residencia; animou as artes e as sciencias, e aformoseou a sua capital enriquecendo-a por via do commercio.

Ao mesmo tempo crescia o Cairo em opulencia, fazendo-se o emporio do commercio do Egypto, em quanto Alexandria definhava e decaia. Os Arabes apprenderam o Grego e tradusiram as obras de medicina, de astronomia e de outras sciencias; fundaram escolas, observatorios e laboratorios para as operações chemicas; criaram os primeiros hospitaes, e instituiram tambem as primeiras boticas. Se não foram os inventores da algebra, sciencia que os Gregos já conheciam, deram-lhe pelo menos mais desenvolvimento, e elevaram-na ao gráu de perfeição que hoje tem. Crearam universidades, e legaram-nos muitas descobertas interessantes (*).

(*) A lingua Arabe não se perpetuou na Hespanha apezar da longa dominação dos conquistadores; porém muitas palavras se conservam, que lhe pertencem exclusivamente, entre ellas todas as que começam pela syllaba *al* ou que d'ella se compoem, como Algebra, Alkali, Guadalquivir, Gibraltar, &c., &c. Por esta regra muitos acreditam que a palavra *Almanach* ou *Almanack* é tambem de origem Arabe, e assim o fazem crer Constancio e outros etymologistas; porém vejamos d'onde procede esta palavra. No meio do terceiro seculo (250) vivia em França, na Bretanha, um frade chamado Guinklan, que se tinha feito

Desde a batalha de Xeres em 712 até a tomada de Granada em 1492, passaram-se setecentos e oitenta annos, tantos quantos durou o imperio dos Arabes na Hespanha. As divisões intestinas, mais do que o poder dos Christãos, decidiram a final a sorte da Peninsula Iberica, onde não foi menos fatal o fanatismo dos Godos do que tinha sido a superstição dos Mouros; uns e outros mereciam bem a sorte, que lhes coube. Os Arabes perderam a Europa occidental, porém dominavam no Oriente e nas costas Africanas do Mediterraneo.

celebre por sua erudição, a qual consistia então em saber ler, escrever, e um pouco de Astronomia. Todos os annos compunha um livro que elle fazia multiplicar por cincoenta e cinco copistas, e no qual indicava o curso do sol e da lua. Era escrito na antiga lingua *celtica*, e tinha por titulo: *Diagonon Al-Manach Guinklan*; isto é, Predicções do Frade Guinklan. Como o titulo era extenso, o povo só se servia da palavra *Al-Manach*, que pelo correr dos tempos se tornou geral, e a unica para designar o livro que nós hoje chamamos Folhinha, Almanack ou Calendario, de *Kalendæ*, nome que os Romanos davam aos primeiros dias de cada mez.



CAPITULO XXXVI.**O Christianismo na Europa até o reinado de Pepino.**

Augmentava-se o reino da França pelos annos de 529 a 553. Depois de dilatada guerra Childeberto e Clotario, filhos de Clovis, conquistaram o reino de Borgonha, e ao mesmo tempo sacrificaram á sua ambição os filhos menores de seu irmão Clodomiro, cujo reino repartiram entre si. Tudo quanto os Romanos possuíam nas Gallias foi abandonado aos Francos. A França se estendia muito para além do Rheno; porém a divisão dos principes, que formavam outros tantos reinos, não a deixava reunir-se debaixo de um só dominio. As duas grandes divisões principaes eram: a Neustria ou França occidental; e a Austrasia ou França oriental.

No anno de 553 concorreu Justiniano para que se reunisse em Constantinopla o quinto Concilio geral, que confirmou os antecedentes, e condem-

non alguns escriptos, que podiam ser favoraveis a Nestorio; ao que chamaram os tres Capitulos por causa dos tres autores de que se tratava, com quanto já tivessem morrido, havia muito tempo. Condemnaram-se os escriptos e a memoria de Theodoro, Bispo de Mopsuesta: uma carta de Ibas, Bispo de Edessa; e entre os escriptos de Theodoreto, aquelles que tinha composto contra S. Cyrillo. Os livros de Origenes, que baralhavam todo o Oriente havia um seculo, tambem foram reprovados. Este Concilio, começado com menos pureza de intenção, teve uma conclusão feliz, e foi accito finalmente pela Santa Sé, que se lhe tinha opposto no principio.

Dois annos depois do Concilio, Narses, que tinha expellido os Godos da Italia, alcançou uma victoria completa contra Bucelino, General das tropas da Austrasia. Com todas estas vantagens a Italia não ficou sujeita aos Imperadores. Em tempo de Justino II, e depois da morte de Narses, o reino da Lombardia foi fundado por Alboino, que se apoderou de Milão e de Pavia (570). Roma e Ravenna salvaram-se de suas mãos com muita difficuldade; e os Lombardos fizeram passar os Romanos por infinitas calamidades. Por este tempo a ambiciosa Fredegundes, mulher do Rei Chilperico I, punha em combustão toda a Gallia, alimentando as discordias entre os Reis d'aquelle paiz.

No meio das desgraças da Italia, em quanto Roma ardia n'uma peste horrivel, S. Gregorio Magno subiu contra a sua vontade á cadeira de

S. Pedro. Este grande Pontifice logrou amainar a peste pelas suas orações e medidas salutaras: instruiu os Imperadores e chamou-os á obediencia, que lhe era devida: confortou a Africa e confirmou na Hespanha os Visigodos convertidos do Arianismo, animando o Catholicismo de Ricaredo, que acabava de entrar no gremio da Igreja: converteu a Inglaterra: reformou a disciplina na França, cujos Reis sempre Orthodoxos levantou acima de todos os Reis da terra: domou o furor dos Lombardos, salvando Roma e a Italia, a tempo que os Imperadores a não podiam soccorrer: reprimiu o orgulho dos Patriarchas de Constantinopla, que principiava a despontar: illuminou toda a Igreja com a sua doutrina: governou o Oriente e Occidente com tanto vigor como humildade, e deu ao mundo um perfeito modelo do governo ecclesiastico.

A historia da Igreja não tem cousa mais bella do que a entrada do Santo Monge Agostinho no Reino de Kant com quarenta companheiros, que, precedidos de uma cruz e da imagem de Nosso Senhor Jesus Christo, faziam votos solemnes pela conversão da Inglaterra (*). S. Gregorio, que os tinha mandado, lhes dava instrucções por cartas verdadeiramente apostolicas, e os admoestava que proseguissem na sua missão com aquelle fervor, que inspiravam os continuos milagres que Deus fazia pelo seu ministerio (**). Bertha, Princesa

(*) Beda, L. 1.

(**) Greg. L. 9, Ep. 58, Ind. 4.

de França, atrahiu ao Christianismo Edhilberto seu marido. Os Reis de França e a Rainha Brunehault protegeram a nova missão. Os Bispos de França concorreram tambem para esta obra primorosa, e foram elles que por ordem do Papa sagraram S. Agostinho. O auxilio que S. Gregorio enviou ao novo Bispo fez vingar os fructos da Religião, e a Igreja Anglicana recebeu a sua fórma.

Viram-se depois grandes calamidades no Oriente e no Occidente: a morte de Mauricio espirando entre os supplicios: Phocas tomando posse do Imperio por uma acção abominavel: Heraclio derrotado e a cruz roubada pelos infieis: a Rainha Brunehault entregue a Clotario II, e sacrificada á sua ambição: Mafoma lançando os fundamentos do Imperio dos Califas: a heresia dos Monothelitas protegida por Heraclio, e depois por Constante seu neto: S. Maximo, afamado em todo o Oriente pela sua piedade e pela sua doutrina, soffrendo infinitos males pela Religião Catholica. Foi singular a virtude e a constancia d'este Papa, que de desterro em desterro veiu a morrer finalmente no meio de tantos soffrimentos sem queixar-se, nem afrouxar da inteireza que pedia o seu ministerio.

Entretanto a Igreja Anglicana, alentada pelos desvelos dos Papas Bonifacio V, e Honorio, resplandecia por toda a terra. Abundavam n'ella os milagres e as virtudes como nos tempos dos Apostolos; e para sua exaltação acrescia a santidade dos seus Reis. Edwino abraçou com todo o seu povo a fé que lhe tinha dado a victoria

sobre seus inimigos, e converteu os povos circumvisinhos. Oswaldo servia de interprete aos pregadores do Evangelho; afamado por suas conquistas, preferiu comtudo a gloria de ser Christão. Os Mercianos foram convertidos pelo Rei de Northumberland Oswino; seus visinhos e seus successores trilharam seus passos, e as suas boas obras foram immensas.

A Italia sempre desditosa, sempre ao desamparo, gemia com o peso das armas dos Lombardos. Constante perdendo as esperanças de os arrojar, resolveu-se a destruir o que não podia defender. Mais cruel que os mesmos Lombardos, saqueou Roma: as mesmas Igrejas não escaparam; aniquilou a Sardenha e a Sicilia, e tornando-se odioso a todo o mundo, morreu pela mão dos seus. Debaixo de seu filho Constantino Pogonato, isto é, de barba cerrada, os Sarracenos se apoderaram da Cilicia e da Licia. Constantinopla sitiada salvou-se apenas por um milagre. Os Bulgaros, povos que vieram da embocadura do Volga, se reuniram aos inimigos do Imperio, e occuparam esta parte da Thracia, que depois se chamou Bulgaria, e que vem a ser a antiga Mysia.

Por estes tempos recebeu a Igreja nova luz pelo Concilio de Constantinopla (680), sexto Concilio geral, ao qual o Papa Santo Agathão presidiu pelos seus legados. O Concilio excommungou um Bispo celebre pela sua doutrina, um Patriarcha de Alexandria, quatro Patriarchas de Constantinopla, isto é, todos os autores da seita dos Monothelitas, sem poupar ainda mesmo o Papa

Honorio pela condescendencia que tivera com elles. Fallecendo Agathão a tempo, em que o Concilio ainda se não tinha fechado, o Papa S. Leão II ratificou as decisões, e esteve por todas as censuras impostas pelo Concilio.

Constantino Pogonato, imitador do grande Constantino e de Marciano, assistiu ao Concilio como elles tinham assistido; e como se portasse com a mesma reverencia e sugeição recebeu, como elles, os titulos de Orthodoxo, Religioso, Imperador pacifico e Restaurador da Religião. Seu filho Justiniano II lhe succedeu de menor idade. No seu tempo a fé se estendia e brilhava para a parte do Norte. S. Kiliano, enviado pelo Papa, semeou o Evangelho na Franconia. No Pontificado de Sergio veiu Ceadual, um dos Reis de Inglaterra, mesmo em pessoa, reconhecer a Igreja Romana, donde tinha emanado a verdadeira fé para a sua Ilha; e depois de haver recebido o baptismo pelas mãos do Papa, morreu catholico conforme os seus desejos.

A casa de Clovis tinha decaido em deploravel fraquesa: muitos principes acclamados em menoridade se davam a divertimentos e a uma vida licenciosa, que depois não queriam deixar na idade adulta. Daqui veiu essa longa successão de Reis inertes, que não tinham mais do que o nome, e que entregavam o governo nas mãos dos *Maires de Palacio* (*Majores domus*). Debaixo d'este titulo Pepino Heristel governou a França, e legou a sua casa o mais brilhante futuro. Por sua autoridade, depois do martyrio de S. Vigberto, se

estabeleceu a fé na Frisia, que a França acabava de ajuntar ás suas conquistas. S. Swiberto, S. Willebrod e outros varões apostolicos espalharam o Evangelho pelas provincias visinhas.

Entretanto tinha felizmente passado a menoridade de Justiniano: as victorias de Leoncio tinham quebrantado os Sarracenos, e o Imperio do Oriente, até então enevoado, recebia um novo lustre. Mas este destemido capitão, injustamente preso e solto fóra de tempo, cortou o nariz a seu amo e o expulsou. O rebelde veio a pagar na mesma moeda, porque Tiberio, chamado Absimares, lhe fez o mesmo tratamento, e tambem governou pouco tempo. Justiniano recobrando outra vez o throno levou a vingança a tanto extremo, que foi morto por seus inimigos. As imagens de Filipico, seu successor, não foram aceitas em Roma, porque este Imperador apadrinhava os Monothelitas, e se tinha declarado contra o sexto Concilio. Filipico, a quem tambem arrancaram os olhos, foi deposto, e eleito em seu lugar Anastacio II, Principe Catholico.

Foi por esta mesma epocha, que os Sarracenos ganharam a batalha de Xeres na Andalusia, como fica dito no Capitulo antecedente, e se apoderaram de toda a Hespanha. Aqui temos a Igreja passando por uma nova prova; ella que se tinha podido conservar illesa entre os Arianos, tambem se não assustou vendo-se entre os Mahometanos. Os Mouros, senhores da Hespanha a tão pouco custo, quizeram estender-se para além dos Pyreneos; mas Carlos Martel, destinado a

malograr suas esperanças, ganhou contra elles a famosa batalha de Tours, apesar dos esforços de Abderaman, seu General. Carlos Martel tinha succedido, não obstante ser bastardo, ao poder de seu pai Pepino Heristel, que deixou a Austrasia á sua casa, como uma especie de Principado soberano, e o commando da Neustria pelo cargo de *Maire* do Palacio (Mordomo ou Governador). Carlos reuniu tudo pelo seu valor, podendo tambem conter os Mouros, e alargar o seu reino até os Pyreneos.

O imperio de Anastacio foi muito curto: era mister combater, e o exercito obrigou Theodosio III a occupar o mando e o throno. Theodosio foi vencedor e Anastacio encerrado em um mosteiro. Leão Isauro, Prefeito do Oriente, não quiz reconhecer a Theodosio; mas d'isso se não seguiu inconveniente algum, porque este largou facilmente o imperio, que tinha aceitado com repugnancia, e retirou-se para Epheso. Os Sarracenos receberam horriveis golpes durante o reinado de Leão. Levantaram vergonhosamente o cerco de Constantinopla. Pelagio, que se tinha refugiado nas montanhas das Asturias, depois da derrota de Xerés, tinha lançado os fundamentos d'essa immensa monarchia, que já se preparava para ser o açoute dos Arabes.

O poder e autoridade de Carlos Martel não tinham limites; todas as Gallias lhe obedeciam. Poderoso na paz e na guerra, e senhor absoluto da França, reinou sob differentes Reis, que punha e tirava á sua vontade, sem tomar o titulo

de Rei; pois que assim era preciso para não offender o orgulho dos grandes Senhores feudaes. O novo reino da Hespanha, chamado nos primeiros tempos o Reino de Oviedo, medrava pelas victorias e pela conducta de Affonso, genro de Pelagio, que, á maneira de Ricaredo, de quem era descendente, tomou o sobrenome de Catholico. Garcia Ximenes fundava ao mesmo tempo o reino de Navarra, que chegou a ser depois o mais consideravel de todos os Estados Christãos das Hespanhas.

Os Allemães da margem do Rheno e do Danubio tinham já recebido o Christianismo desde longos annos; porém ainda conservavam a mescla impura dos ritos pagãos, como as romarias dos bosques sagrados, a invocação das arvores, e até mesmo os sacrificios humanos. Muitos Missionarios vindos de Roma tinham pretendido, mas debalde, substituir pela idolatria o culto catholico; um Monge Inglez, chamado Winfried, chegou a Allemanha em 715, e com tanto zelo como devoção se dedicou á conversão d'aquelles Idolatras, que logrou attraí-los para o gremio da Igreja. Tendo encontrado no principio alguma resistencia da parte dos Frisões, passou a Roma, onde mudou de nome, tomando o de Bonifacio; e com a protecção do Papa Gregorio II, não só converteu estes povos, como uma grande parte da Allemanha; pelo que mereceu ser elevado á dignidade de Bispo, e depois canonisado.

Em 727 procreveu Leão o culto das imagens, do qual abusava com rustica superstição a cega

credulidade do povo, e não podia deixar de defende-lo com enthusiasmo. Em logar de illustrar o povo a respeito dos abusos, tiraram-lhe os objectos da sua veneração e da sua confiança. Desfizeram-se as pinturas, destruíram-se as estatuas, depois de se haver prohibido inutilmente que não fossem honradas nem veneradas. Por toda a parte houveram sedições e rebeliões. O vulgo fazia consistir a Religião n'esses objectos sensíveis, suppondo-lhes sempre alguma virtude milagrosa. A maior parte dos Padres, principalmente os Monges, interessados na sua conservação, entregavam-se a um zelo tao violento como contagioso. Os Iconoclastas (*destruidores de imagens*) foram um objecto de horror para a plebe. Os Arianos, accommettendo a divindade de J. C., não tinham sido mais odiosos aos Catholicos.

A Italia ainda passou a mais: não quiz pagar os tributos ordinarios ao Imperador, disfarçando a desobediencia com a impiedade do Soberano. Luitprando, Rei dos Lombardos, abusou do mesmo pretexto para se apoderar de Ravenna, residencia dos Exarchas (titulo que tomavam os Governadores enviados á Italia). O Papa Gregorio II oppoz-se á destruição das imagens, ao mesmo tempo que tambem se oppunha aos inimigos do Imperio, e fazia esforços para conter os povos na obediencia. Fez-se a paz com os Lombardos, e o Imperador deu então ao seu decreto contra as imagens um impulso violento, lançando fóra da sua cadeira o Patriarcha S.

Germano, que morreu no desterro na idade de noventa annos.

Pouco depois os Lombardos se armaram de novo; e nas calamidades por que faziam passar o povo Romano, só foram contidos pelo poder de Carlos Martel, cuja autoridade e soccorro tinha implorado o Papa Gregorio II. O Imperador Leão morreu por fim deixando o Imperio e a Igreja n'uma agitação espantosa. Artabaso, Pretor da Armenia, fez-se acclamar Imperador em logar de Constantino Copronymo, filho de Leão, e restabeleceu as imagens. Porém Constantino mui prompto voltou a Constantinopla, derrotou Artabaso, e renovou todos os excessos de seu pai. Depois da morte de Carlos Martel, Luitprando ameaçou Roma: o Exarchado de Ravenna esteve em grande risco, e a Italia deveu a sua salvação á prudencia do Papa S. Zacharias.

Carlos Martel tinha deixado dois filhos, Carloman e Pepino; o primeiro, enfastiado do seculo, no meio de suas grandezas e victorias, abraçou a vida monastica; o segundo reuniu portanto na sua pessoa todo o poder de seu pai, que elle soube sustentar por um grande merecimento. Resolvido a obter o que seu avô e pai tinham preparado com tanto discernimento, tentou Pepino sentar-se no throno de França. Childerico, o mais miseravel de todos os Principes, lhe abriu o caminho, ajuntando á qualidade de inerte e indolente o defeito de insensato. Os Francezes, cansados e aborrecidos d'essa raça de Principes incapazes; e acostumados, havia

muito tempo, com a autoridade da illustre casa de Carlos Martel, fecunda em homens grandes, não encontravam outra difficuldade senão o juramento que tinham prestado a Childerico.

N'esta conjunctura propoz-se ao Papa um caso de consciencia, que ninguem se tinha ainda lembrado de sujeitar ao parecer de Roma. Tratava-se de decidir a quem se deveria dar o titulo de Rei, se a um Principe incapaz do governo, ou a um ministro depositario da autoridade real. Com a resposta do Papa Zacharias julgaram-se os Francezes desligados do juramento prestado a Childerico; tanto mais quanto elle e seus antecessores, pelo espaço de um seculo, pareciam desobrigados de os governarem, deixando todo o poder a cargo dos *Maires* do Palacio. Por este modo foi Pepino collocado sobre o throno, e o titulo de Rei reunido á autoridade, que já exercia com muita honra. Childerico, privado da soberania pela autoridade do Papa, foi encerrado em um mosteiro juntamente com seu filho.

O Papa Estevam III achou no Rei, novamente acclamado, o mesmo zelo que havia tido Carlos Martel pela Santa Sé contra os Lombardos. Depois de ter implorado em vão o soccorro do Imperador, lançou-se nos braços dos Francezes. Pepino o recebeu na França com todo o acatamento, e quiz ser sagrado e coroado pela sua mão. Depois d'isto atravessou os Alpes, libertou Roma e o Exarchado de Ravenna, e obrigou Astolfo, Rei dos Lombardos, a uma paz rasoavel. Porém violando-a este depois da retirada dos

Francezes, marchou contra Roma e poz-lhe sitio. Foi nesta occasião que o Papa Estevam escreveu ao seu protector aquella famosa carta em nome de S. Pedro, na qual, em premio de uma guerra politica, promette a felicidade d'este mundo e a bemaventurança eterna, não sem ameaça de condemnação no caso de lhe negar soccorro.

Entretanto proseguia Constantino a guerra contra as imagens. Para acobertar-se com a autoridade ecclesiastica, reuniu em Constantinopla um numeroso Concilio. Não appareceram n'elle, segundo o costume, nem os Legados da Santa Sé, nem os Bispos ou Legados das outras Sés Patriarchaes. N'este Concilio não sómente se condemnou como idolatria toda a honra, que se dêsse ás imagens em memoria dos seus originaes; como até foram condemnadas a esculptura e a pintura como artes abominaveis. Era esta a opinião dos Sarracenos, cujos conselhos, segundo a voz geral, tinha seguido Leão quando lançou por terra as imagens. Comtudo, não se disse no Concilio nem uma só palavra contra as Reliquias, nem se prohibiu que as honrassem; antes excommungou todos aquelles que se oppozessem ás Orações, com que invocamos o soccorro da Santa Virgem e dos Santos.

Em consequencia da carta do Papa Estevam, Pepino tornou a atravessar os Alpes, e castigou o infiel Astolfo, que não queria desempenhar o Tratado de paz. A Igreja Romana jámais tornou a receber tão copiosas dadivas, como lhe fez este piedoso Monarcha. Fez-lhe doação das cidades

que tinha conquistado aos Lombardos, e motejou da fraqueza e pouco brio de Copronymo, que as vinha reclamando, como se fosse capaz de as ter defendido. Depois d'esta epocha os Imperadores bem pouco se fizeram respeitar em Roma: desafiaram o desprezo pela sua fraqueza, e se fizeram odiosos pelos seus erros. Pepino foi considerado como protector do povo e da Igreja Romana; cuja qualidade passou como hereditaria á sua casa e aos Reis de França.

Postoque Roma fosse governada por Duques, dependentes dos Exarchas de Ravenna, os Papas tinham n'aquelle tempo a autoridade principal, de que eram devedores, não tanto ás suas grandes riquezas, como ao respeito que a Religião inspirava para a sua Sé, e á confiança que todos tinham na sua pessoa. S. Gregorio tinha negociado e tratado com os Principes em diversos negocios d'Estado. Os seus successores dividiram a sua vigilancia entre os objectos do Bispado e os da politica. Por ventura poderia deixar de ser assim, desde que as funcções espirituaes se uniam com os interesses profanos? Os Papas igualmente interessados em libertar-se do dominio dos Imperadores, e em resistir ás empresas dos Reis da Italia, procuraram todos os meios de desempenhar estes dois objectos; empregando a astucia e a Religião para este fim, conseguiram fundar uma monarchia. De todas as obras humanas, esta é talvez a mais digna de uma attenta curiosidade, ou por sua natureza, ou por seus progressos, ou pelas suas prodigiosas consequencias.

Pepino, depois de uma serie continuada de victorias; depois de ter sujeitado os Saxões e os Esclavões ao tributo, e o Duque de Baviera ao juramento de fidelidade, depois de haver unido á sua corôa a Aquitania; respeitado interior e exteriormente, morreu em 768, no decimo setimo anno do seu reinado. Nunca affectou Pepino poder muito absoluto: pois sempre remettia os negocios principaes para as Assembleas da Nação, de quem, pela sua prudencia, era o oraculo. O mesmo Pepino, com a approvação dos Cavalleiros, tinha dividido o Estado entre os seus dois filhos, Carlos e Carlomano; o primeiro dos quaes é celebre na historia debaixo do nome de Carlos Magno.

CAPITULO XXXVII.**Carlos Magno. Imperio dos Francos.**

Repartida a Monarchia entre os dois filhos de Pepino, Carlos e Carlomano, desavieram-se entre si os dois irmãos; e a sua desavença teria tido funestas consequencias, se a morte de Carlomano, em 771, não viesse pôr-lhe termo. Achando-se com toda a liberdade o vasto e ambicioso genio de Carlos, formou em breve tempo projectos capazes de immortalisar o seu nome. Um reinado de 46 annos, fecundo em victorias, em politicas instituições, e em successos singulares, offerece sem duvida, no meio da barbaridade d'aquelles tempos, um spectaculo curioso.

O odio mutuo entre os Papas e os Lombardos era sobejo motivo de frequentes perturbações na Italia. Os Duques de Espoleto e de Benevento não queriam reconhecer a Didier como successor

de Astolfo. Este Principe attribuindo aquella rebellião ás intrigas pontificias, tinha assolado o que chamavam *Patrimonio de S. Pedro*. Todavia ajustaram-se Paulo I e Didier; porém a politica do Papa era em tudo semelhante á de seus predecessores. Pela morte de Paulo I, Estevam IV recorreu á França para obrigar o Rei Lombardo á restituição de alguns bens da Igreja, quando este acabava de suffocar um schisma escandaloso.

A ingratição de Estevam ainda foi mais excessiva. Receioso por causa do projecto dos dois casamentos de Carlos Magno e de seu irmão com duas filhas do Rei da Italia, empenhou-se em desfaze-los; e não só se oppôz porque os Principes já eram casados, como pintou-lhes os Lombardos como uma nação digna de desprezo e de horror, da qual *sabemos certamente*, disse Estevam, *que procederam os leprosos*. Esta imputação não serviu de obstaculo para que Carlos deixasse de casar com a filha de Didier, que repudiou pouco depois, provavelmente com o intuito de conquistar o Reino do pai.

Enojado Didier com esta affronta, deu asylo á viuva de Carlomano e a seus dois filhos, aos quaes privára Carlos Magno dos direitos de successão; procurou igualmente chamar a seu partido o Papa Adriano I, e não podendo conseguilo, invadiu as terras da Igreja. Carlos Magno vóa em soccorro do Papa, atravessa os Alpes e toma Verona, onde os filhos e a viuva de Carlomano estavam residindo; apodera-se de Pavia depois de longo assedio (em 774), e destróe a

monarchia dos Lombardos, que tinha de existencia 206 annos. Didier acabou a vida em um Mosteiro, unico refugio dos Reis desgraçados. A historia não diz o que aconteceu aos sobrinhos de Carlos Magno; e por ventura ignorar-se-hia se fosse objecto de elogio para o vencedor?

Durante o sitio de Pavia foi Carlos Magno para Roma. Todo o Clero saiu ao seu encontro com pendões, e Adriano o recebeu pomposamente na Igreja de S. Pedro, cantando o povo: *Bemdicto seja aquelle que vem em nome do Senhor*. Segundo os historiadores, a doação de Pepino foi confirmada. Por muito generoso que fosse Carlos Magno para com a Santa Sé, não despresou os seus proprios interesses. Ajuntou ao titulo de Rei dos Lombardos, como Patricio Romano, os direitos da soberania em Roma e nos Estados concedidos aos Papas. Conta-se que Adriano lhe concedêra o direito de ordenar e de confirmar a eleição dos Pontifices; porém os Reis Ostrogodos e os Exarchas tinham usado de similhante direito, como pertencente aos Soberanos de Roma.

Não seguiremos a este heróe nas expedições que distinguem quasi cada anno do seu reinado. Contentemo-nos de observar tão sómente os factos memoraveis. Reinava gloriosamente em Hespanha Abderaman, ou Almanzor, Principe Arabe, de singular merecimento. Os pequenos Reis Christãos das Asturias tinham prudentemente pedido a paz; porém rebellando-se os Governadores de Saragoça e de Aragão, convidaram a Carlos Magno

e reconheceram-no por seu soberano. Bastou isto para passar os Pyreneos em 778, e sujeitar toda aquella região até o Ebro, ou para melhor dizer, foi n'ella recebido por aquelles que o tinham convidado. Ao voltar d'esta expedição, foi a retaguarda do seu exercito derrotada pelo Duque da Gascunha, em Roncesvalhes, onde morreu Roldão (Rolando, ou Rutland), tão celebrado pelos romancistas, e que se suppõe ser sobrinho de Carlos.

Morreu Abderaman no mesmo anno; e a sua morte, a que se seguiram guerras intestinas entre seus filhos, deu aos Christãos de Hespanha occasião para se exaltarem de novo. A grandeza d'este Monarcha ainda respira n'uma soberba Mesquita, que veiu a ser a Cathedral de Cordova: edificio de seiscentos pés de comprimento e duzentos e cincoenta de largo, sustentado por trezentas sessenta e cinco columnas de alabastro, jaspe e marmore preto. Similhante obra não poderia ser concebida nem executada, depois dos Gregos, senão pelo povo Arabe.

Muito tempo havia já que os Saxões estavam em guerra com a França. Conservavam estes povos toda a ferocidade dos costumes germanicos. Sujeitos ao tributo por Pepino, que além d'isso os tinha obrigado a receber Missionarios, não podiam supportar nem o tributo, nem uma Religião pacifica, tão contraria ás paixões humanas. Havendo aquelles barbaros morto alguns Missionarios, o Abbade de Fulda, n'uma junta de Worms em 772, moveu o Rei a armar-se



WITTEKIND

contra elles. Os Saxões foram vencidos muitas vezes, e sempre rebeldes. O celebre Witekind, seu General, não cessava de inspirar-lhes o ardor dos combates e o amor da independencia. O mesmo Witekind em 782 alcançou uma victoria completa contra os Francezes.

Carlos Magno vingou-se cruelmente mandando passar em Verden ao fio da espada quatro mil e quinhentos Saxões dos principaes. Depois de sanguinolentas victorias sujeitou-se Witekind, abraçou o Christianismo, e foi baptisado em presença do mesmo Rei. Porém esta submissão pouco influiu no animo dos seus compatriotas, que ora se sujeitavam, ora se rebellavam, até que foram de todo subjugados depois de trinta annos de resistencia. Milhares de familias foram transportadas para Flandres e para outras partes. Os mais valerosos e decididos levaram comsigo para a Escandinavia o seu implacavel odio ao jugo e á Religião dos Francezes.

O conquistador considerando com razão o Christianismo como o melhor meio de domar um povo feroz, ignorava que os Christãos não se fazem á força. Os seus Capitulares para os Saxões parecem quasi tão barbaros como os seus costumes. Obriga-os, sob pena de morte, a receber o baptismo; impõe-lhes os dizimos ecclesiasticos, a que os mesmos Francezes se não queriam sujeitar: condemna ao ultimo supplicio os transgressores da abstinencia quaresmal; n'uma palavra, substitue a violencia á persuasão. Um tribunal sanguinario, chamado *Côrte Vehemica*,

exercitou por muito tempo um poder tão atroz e absoluto, que mais parecia uma horrorosa inquisição do que um tribunal de justiça (*).

(*) Grande parte da Allemanha por muitos seculos esteve submettida a um poder judiciario, não menos espantoso e temivel que a inquisição de Hespanha e de Portugal. Esta jurisdicção, cuja memoria lembrada hoje faz horror, era designada pelos nomes de *Juizes Livres* (*Francs Juges*) da Santa Vehme, ou associação vehemica, e de Tribunal secreto de Westphalia. A etymologia d'estas denominações, a origem e a epocha do começo da jurisdicção vehemica, são objectos controversos e pouco conhecidos. Comtudo diremos, conforme a opinião mais geral, que principiaria pelos fins do seculo VIII e no primeiro quartel do seculo IX, estabelecida por Carlos Magno em virtude dos conselhos do Papa Leão III, para manter na fé Christã os Saxões, havia pouco tempo convertidos. Foram por tanto crimes religiosos os primeiros que os *Juizes livres* tiveram que julgar; mas, com o andar dos tempos, desmedidamente alargaram os limites da sua autoridade, e arrogaram a si o jus de decidir sobre toda a casta de crimes.

A Westphalia, parte do paiz que os antigos Saxões habitavam, era a principal sede do Tribunal secreto; mas d'este ponto central estenderam os Juizes a sua jurisdicção por toda a Allemanha. Compunha-se o Tribunal de um Grão-Mestre, e de duas ordens de Juizes, de quadrilheiros e de *Illuminados*, que faziam as vezes de *Officiaes* e de *Filiaes*, que eram os executores das sentenças. A recepção d'estes ultimos se fazia com ceremonial espantoso: o candidato devia ser Germano por nascimento, de condição livre, Christão e affiançado por dois Juizes; appresentava-se ao Tribunal com a cabeça descoberta e ajoelhado; pondo a mão direita sobre uma espada e um nó de corda, proferia o seu juramento,

Tudo quanto se atreveu a mover em Allemanha ficou sujeito ás armas do heróe Francez.

cuja formula era horrivel e abominavel. No começo do seculo XV, epocha da maior influencia e poder da associação vehemica, passava de cem mil o numero dos *Filiaes*.

O adepto devia observar o juramento com extremo rigor, porque a espada desembainhada e o nó, sobre que o proferia, não eram symbolos indifferentes e de mero apparatus; a menor indiscripção de um *filial* novato era punida com prompta morte; o mais disfarçado aviso que por gesto ou palavra desse a qualquer condemnado, merecia a mesma pena. Houve um d'estes illuminados que pagou com a vida só esta simples phrase, que disse ao ouvido de um sentenciado, estando n'um banquete: *N'outras partes come-se melhor pão do que aqui*. Horroris a narração das circumstancias das execuções, clandestinamente effectuadas; basta dizer que aos Juizes, que infringiam os estatutos, abriam pelo cachaço para lhes arrancar a lingua, e depois os enforcavam.

Faziam-se as sessões d'este horrivel Tribunal em toda a parte, quer em casas, quer no meio das selvas; tanto em cavernas, como ao ar livre. Os *Familiares*, munidos de cordas e de punhaes, vigiavam o circuito do lugar da sessão, e justicavam logo os imprudentes collidos em flagrante delicto de curiosidade. O Tribunal procedia por duas formas, ou por contestação com o culpado, ou por *via inquisitorial*. Quando algum dos cem mil espias da associação vehemica dava denuncia contra alguém, um dos Familiares ia intimar o accusado para comparecer ante os Juizes; pregava de um modo particular com a ponta do punhal a citação escripta n'algun lugar da habitação do infeliz denunciado, e proclamava em voz alta a sua commissão; e como prova de a ter cumprido levava uma lasca de pedra ou de madeira cortada tam-

Tassilão, Duque de Baviera, tendo-se sublevado, foi despojado do seu Estado. Os Esclavonios da

bem com o punhal: tres vezes se renovava a citação com o mesmo formulario, antes do dia aprasado para o julgamento. Chegando o accusado ao Tribunal era interrogado, e podia contrariar a denuncia; mas no caso de condemnação, que era a mais ordinaria conclusão do processo, partiam uma vara por cima da cabeça do réo, relaxando-o aos familiares, que o enforcavam sem demora.

Se o denunciado não comparecia, condemnavam-no sobre a palavra do denunciante. Este processo *summario*, chamado *inquisicional*, era o que mais geralmente usavam. Os executores, que de ordinario eram nomeados dois, procuravam a victima, e por força ou por astucia a sacrificavam. O condemnado bradava em vão por soccorro: á vista do punhal vehemico, que era de forma particular, toda a gente ficava immovel, porque a menor intervenção a favor de um proscripto pelo tribunal era punida com a morte. Os executores não penduravam as victimas nos patibulos, não confundiam os seus actos com os da justiça regular; e para que fossem bem distinctos, deixavam o punhal cravado no corpo do que immolavam, e ao cadaver se não dava sepultura ecclesiastica.

Por seculos permaneceu esta instituição occulta e execranda, até que algumas cidades Allemãs, vendo o quanto era odiosa e abusiva, se ligaram contra a *Santa Vehm*, e os habitantes para a repellir empregaram as armas de que a mesma se servia: o punhal e o baraço. Por outro lado os Imperadores, que por muito tempo tinham autorisado e protegido aquelle tribunal, que fôra dos mais activos e energicos auxiliares do seu poder e dominio, chegaram a assustar-se com o espantoso incremento e força que a *Santa Vehm* desenvolvia, querendo de subordinada passar a dominadora. Outras causas mais

Pomerania foram subjugados; e os Hunos e Abaros, estabelecidos na Hungria, arrojados para além do Raab. Bastava apparecer Carlos Magno para desapparecerem seus inimigos. Nós o veremos agora muito maior entre os seus proprios vassallos.

Entre tantas guerras occupava-se Carlos Magno no governo, nas leis, nos costumes, nas letras e na Religião; tinha frequentes Assembleas nacionaes para regular os negocios do Estado e da Igreja; examinava tudo, e a tudo presidia com incançavel zelo. O Concilio de Francfort, em

concorreram para destruir a associação vehemica; até que a revolução religiosa do seculo XVI, e o progresso da illustração publica lhe descarregaram os derradeiros golpes. Porém era um tribunal com tão forte organização, que só lentamente pôde ser destruido; e nunca chegar a decretar-se formalmente a sua abolição.

Esta instituição decrepita deu mostras de se reanimar e remoçar, sob os nomes de Tugend-Bund e Burschenschaft, quando os povos Allemães se ligaram para lutar contra Napoleão; e depois da queda d'este, os novos confederados se voltaram contra o despotismo, que ia campeando na Allemanha; a existencia da moderna e occulta associação manifestou-se no caso de Kotzebue. Este escritor, accusado de attentar contra a liberdade germanica, foi assassinado ao grito de *Vivat Teutonia* pelo mancebo *illuminado* Sand, que deixou na ferida o punhal com um bilhete que dizia: « Sentença de morte executada contra Augusto Kotzebue aos 23 de Março de 1819. » Porém as providencias energicas dos monarchas e governos tem dissolvido estas recentes associações.

(Panorama.)

que foi condemnado o culto das imagens, offerece á historia materia interessante. O primeiro objecto d'este Concilio era condemnar a doutrina de dois Bispos Hespanhóes. O mesmo Carlos, sentado em um throno, fez a abertura e propoz a condemnação. Nem Constantino, nem outros Imperadores tão ciosos de decidir as materias theologicas, fizeram tanto como elle, que, longe de ser vituperado, mereceu constante elogio; sem duvida porque todos os defeitos do seu procedimento foram encobertos com a sua autoridade e com os seus beneficios.

Mostrou Carlos Magno muito maior altivez na questão das imagens. Leão IV, filho de Constantino Copronymo, imitando a perseguição de seu pai, tinha desterrado Irene, sua propria mulher, por occultar imagens debaixo da cabeceira da sua cama. Esta Princesa devota e ambiciosa alcançou depois o governo na menoridade de seu filho, Constantino Porfyrogeneto, Imperador ainda menino, a quem foi associada. Pretendia Irene restabelecer um culto, que amava por gosto e por politica. Tarasio, Secretario d'Estado, eleito Patriarcha de Constantinopla, foi o instrumento dos seus designios. O segundo Concilio de Nicéa, em 787, decidiu que se devia dar ás imagens a *adoração* de honra, e não a verdadeira *latria*, que só é devida á natureza divina.

O Papa Adriano, mandando para a França a traducção dos Actes, acabou de scandalisar os Francezes, prevenidos já contra os Gregos e contra o seu culto; porque na monarchia não se

dava honra alguma ás imagens. Carlos mandou compôr por varios Bispos, e publicou em seu nome os *Livros Carolinos*, cujo titulo é o seguinte: *Contra o Concilio, que se teve occulta e arrogantemente na Grecia, para fazer adorar as imagens.* Sómente este titulo dá idéa de um compendio de injurias e de sophismas. Finalmente o Concilio de Francfort reprovou o de Nicéa com o ultimo despreso; e o Rei mandou ao Papa os seus Livros Carolinos, tão proprios para atear mais o fogo das disputas.

A resposta do Papa a Carlos Magno é toda circumspecta, e n'ella sustenta a doutrina de Nicéa sem condemnar a de França; se recebeu o Concilio dos Gregos foi com receio, diz Adriano, de que não tornassem ao erro; falla geralmente dos projectos que forma para a exaltação da Igreja Romana, e do *Poder Real*. Leão III, successor de Adriano em 796, mandou logo a Carlos Magno o Estandarte de Roma, pedindo-lhe que enviasse alguém para receber o juramento de fidelidade dos Romanos: prova sensível dos seus direitos de soberania sempre reconhecidos. Tres annos depois Leão teve que fugir de Roma perseguido e maltratado, e foi ter com Carlos Magno, que o fez voltar áquella cidade cheio de honras, dispondo-se para acompanhá-lo.

Com effeito, seis dias depois de chegar a Roma, convocou o Rei os Bispos e os Cavalleiros, e depois de ouvir o Papa como accusado, tomou conhecimento da causa, e Leão purificou-se por meio do juramento. Vai Carlos Magno ouvir

missa no dia de Natal á Igreja de S. Pedro. O Papa repentinamente, entre as ceremonias ecclesiasticas, põe-lhe na cabeça a Corôa Imperial, e o povo clama de todas as partes: *Vida e victoria para Carlos Augusto, coroado pela mão de Deus, grande e pacifico Imperador dos Romanos.* Este Principe, se dermos credito a Eginhardo, seu Secretario, não esperava tal cousa; pois testificou não sómente a sua admiração como o seu pesar; porém, por pequena que seja a reflexão, desconfiar-se-ha muito de taes demonstrações. Julgou-se pois que o Imperio, do qual não existiam vestigios, estava restabelecido, e Carlos Magno obrou como successor de Augustulo, ultimo dos Imperadores do Occidente.

Irene, que tinha feito matar a Constantino para reinar só, offereceu a Carlos Magno a sua mão, com o receio de perder o que ainda conservava na Italia. Concluido estava o casamento quando o Patricio Niceforo, conspirando contra Irene, encerrou-a n'um convento, e occupou o throno. Temendo Niceforo o poder de Carlos Magno, enviou-lhe embaixadores, e foram regulados os limites de ambos os Imperios por um tratado celebrado em 811. A Monarchia de Carlos Magno achou-se por este modo perfeitamente definida, e a fama do seu nome alcançava até a Asia, onde tinha correspondencia com o famoso Haroun-al-Raschid, vigesimo quinto Califa, um dos que mais contribuíram para illustrar e civilisar os Arabes.

No sentir de Eginhardo, a amisade do Rei da

França parecia ao Califa digna de ser preferida á de todos os outros Príncipes. Prova do grande caso, que d'ella fazia, é o ter-lhe cedido o senhorio de Jerusalem, para onde a devoção attraía já infinitos Christãos. Entre os mimos curiosos, que Haroun-al-Raschid lhe mandou, foi particularmente admirado pelos Francezes um relógio que dava as horas, o primeiro que na França se tinha-visto (*). Por muito empenho que Carlos

(*) Os primeiros relógios, de que faz menção a historia, foram uma especie de ampolheta de agua, de que os Chinas se serviam desde remota antiguidade. Pretendem alguns que foram os Babylonios os inventores dos relógios de agua, que d'elles passaram para a Asia Menor, e d'alli aos Gregos no anno 555 antes de J. C. na epocha de Cyro. Os Romanos começaram a usar d'estes relógios 160 annos antes de J. C. Pela epocha do nascimento de J. C. foi que os Romanos substituíram a agua pela areia fina; porque a agua tinha o inconveniente de evaporar-se no verão e de condensar-se no inverno até gelar. Os primeiros relógios de peso, de que ha noticia, appareceram no fim do seculo decimo. Gerberto, um monge francez, que depois foi eleito Papa debaixo do nome de Silvestre II, construiu, talvez o primeiro, em Magdeburgo no anno de 996. Foi no seculo XIV que appareceram os primeiros relógios dando as horas por meio de um martelo. O de Padua foi construído no anno de 1344. Sem embargo, estes relógios eram muito imperfeitos; o pendulo era ainda desconhecido, pois que vemos a sua invenção ao Florentino Galileo e ao Hollandez Huygens. Os relógios de algibeira são os mais engenhosos. Os Inglezes acreditaram por muito tempo haver sido os inventores; porque um relógio de prata, que existia em um castello da Escossia, tinha escripto sobre o mos-

Magno tivesse para civilisar a nação, os sabios da sua cõrte não eram para comparar-se com o Califa. Podiam n'aquelle tempo os Arabes servir de mestres a toda a Europa sepultada nas trévas da ignorancia. Digamos pois alguma cousa a respeito de tão admiravel phenomeno.

Os Abassidas, occupando novamente o throno, tinham trasladado a capital do Imperio Musulmano de Damasco para Cassa, e depois para Bagdad nas margens do Tigre; para onde o Califa Mansur attraiu as sciencias e as artes, das quaes tinham os Gregos communicado o gosto aos seus barbaros vencedores. Especie de triumpho reservado para os povos civilisados no seu proprio

trador estas palavras: *Robert B. Rex Scotorum*; isto é, Roberto Bruce, Rei dos Escossezes; e este Rei tinha reinado desde o anno de 1305 até o de 1358; d'onde inferiram que os relogios de algibeira eram conhecidos na Escossia no principio do seculo decimo quarto. Porém tudo isto foi para ficção de um ourives de Glasgow. O verdadeiro inventor dos relogios de algibeira foi um Allemão, chamado Pedro Hele, relojoeiro de Nuremberg, que em 1500 fez esta descoberta. Os primeiros relogios de algibeira eram maiores que os actuaes, e tinham a figura de um ovo, e por isso lhes davam o nome de ovinhos de Nuremberg (*petits œufs de Nuremberg*). Depois fizeram-se muito mais pequenos, até o ponto de traze-los em anneis, e as senhoras os traziam encastoados nos seus pingentes; mas estavam muito longe da perfeição que hoje tem. O Hollandez Huygens, nascido em 1629, e morto em 1695, foi quem aperfeiçoou o maquinismo dos relogios, e de então para cá a arte tem continuado a fazer progressos.

abatimento; triumpho consolador, se alguma cousa ha que possa consolar na escravidão, depois da ruina de uma gloriosa liberdade. Aquellas preciosas sementes foram cultivadas por Mahadi, successor de Almanzor; Al-Raschid, successor de Mahadi, augmentou a sua fecundidade por meio dos seus trabalhos e das suas luzes. No tempo de Almamou, de Motassem e de Watika, as artes e as sciencias floresceram muito mais, até que finalmente as discordias e guerras civis roubaram aos Arabes, assim como a outras muitas nações, os fructos do engenho, annexos ordinariamente á felicidade e tranquillidade publica.

Em todos os Imperios se encontram as mesmas revoluções produzidas pela mesma causa; e nada ha que mereça ser mais observado, quando se estuda prudentemente a historia. Uma das causas da decadencia dos Estados foi sempre a divisão entre muitos Principes. Este uso estava estabelecido, e Carlos Magno o seguiu em 806 quando fez o seu testamento, declarando que no caso de disputa entre os seus tres filhos se recorresse á sentença da Cruz a fim de cumprir-se a vontade de Deus (*). Em 813, ficando unicamente dos

(*) Carlos Magno fez em 806 o seu testamento, que mandou assignar por todos os Bispos e pelos Cavalleiros, e remetteu depois para Roma, a fim de que tambem fosse assignado pelo Papa. Era costume em França que todos os filhos do Rei herdassem o Reino, dividido em tantas partes, quantos eram os Principes. Carlos tinha então tres filhos, e seguiu o costume da nação. A sentença da

tres irmãos Luiz, Rei da Aquitania, e por consequencia unico herdeiro, Carlos o associou no Imperio. Em uma grande festividade, feita de proposito, ordenou Carlos a seu filho que tomasse a corôa do Altar, onde estava collocada, e que a pozesse sobre a cabeça, dando a entender por este meio, que sómente a recebia de Deus.

A gloria do Imperio Francez parecia sepultar-se juntamente com Carlos Magno, o qual morreu em Aquisgran, sua residencia ordinaria, em 814, com setenta e dois annos de idade e 46 de reinado. Era elle senhor, quando morreu, de toda a França e de toda a Allemanha, de uma parte da Hungria, dos Paizes-Baixos, do Condado de Barcelona em Hespanha, e do Continente da Italia até Benevento. Para sustentar poder tão vasto era necessario tão grande engenho como o seu.

Este heróe, pelos seus talentos e pelas suas proesas, grandes idéas, incrível actividade, sizado governo e virtudes proprias, postoque n'ellas se possam observar muitos defeitos, foi o prodigio do seu seculo. Ao mesmo tempo que meditava e executava as mais vastas empresas, não despresava a mais pequena individuação. A sua casa era um modelo de economia, e a sua pessoa um modelo de simplicidade e de verdadeira gran-

Cruz, a que allude, era uma das provas judiciarias a mais ridicula d'aquelles tempos; porque aquelle que podesse estar mais tempo com os braços em cruz ganhava a causa; e n'isso consistia a prova da cruz.

desa. Estabeleceu o excellente uso de mandar pelas provincias Commissarios para examinar o procedimento dos Duques que as governavam, e dos Condes que lhes administravam a justiça, afim de ouvir as queixas, enfrear as vexações e manter o socego. Aquelles Reaes Commissarios faziam as suas visitas de tres em tres mezes; em Roma mesmo a sua autoridade era respeitada pelos Pontifices.

Sendo o Clero a unica corporação, que tinha algumas luzes, não é para admirar que Carlos Magno, amigo das sciencias, assim como da Religião, a tivesse sempre enchido de favores e de mercês. Carlos empregou os Bispos em todos os negocios; associou-os com os Condes na administração da justiça, e fez juntamente com elles e com os Cavalleiros aquelles Capitulares, nos quaes se acham abusos confundidos com boas leis. Prescreveu o dizimo em compensação das terras tiradas ás Igrejas; imposto que excitou por muito tempo grandes murmurações. Porém por outra parte ordenou que os Bispos deixassem de trazer armas, que se applicassem ao estudo e ao ministerio de Pastores; n'uma palavra, empenhou-se em reviver a disciplina ecclesiastica; e se o não pôde conseguir é prova de que o mal era incuravel.

Temos visto até onde se estendia a autoridade d'este Principe em materias de Religião, sem que os Bispos nem os Papas lhe fizessem a menor resistencia: do que se vê um novo exemplo na famosa disputa a respeito da terceira pessoa

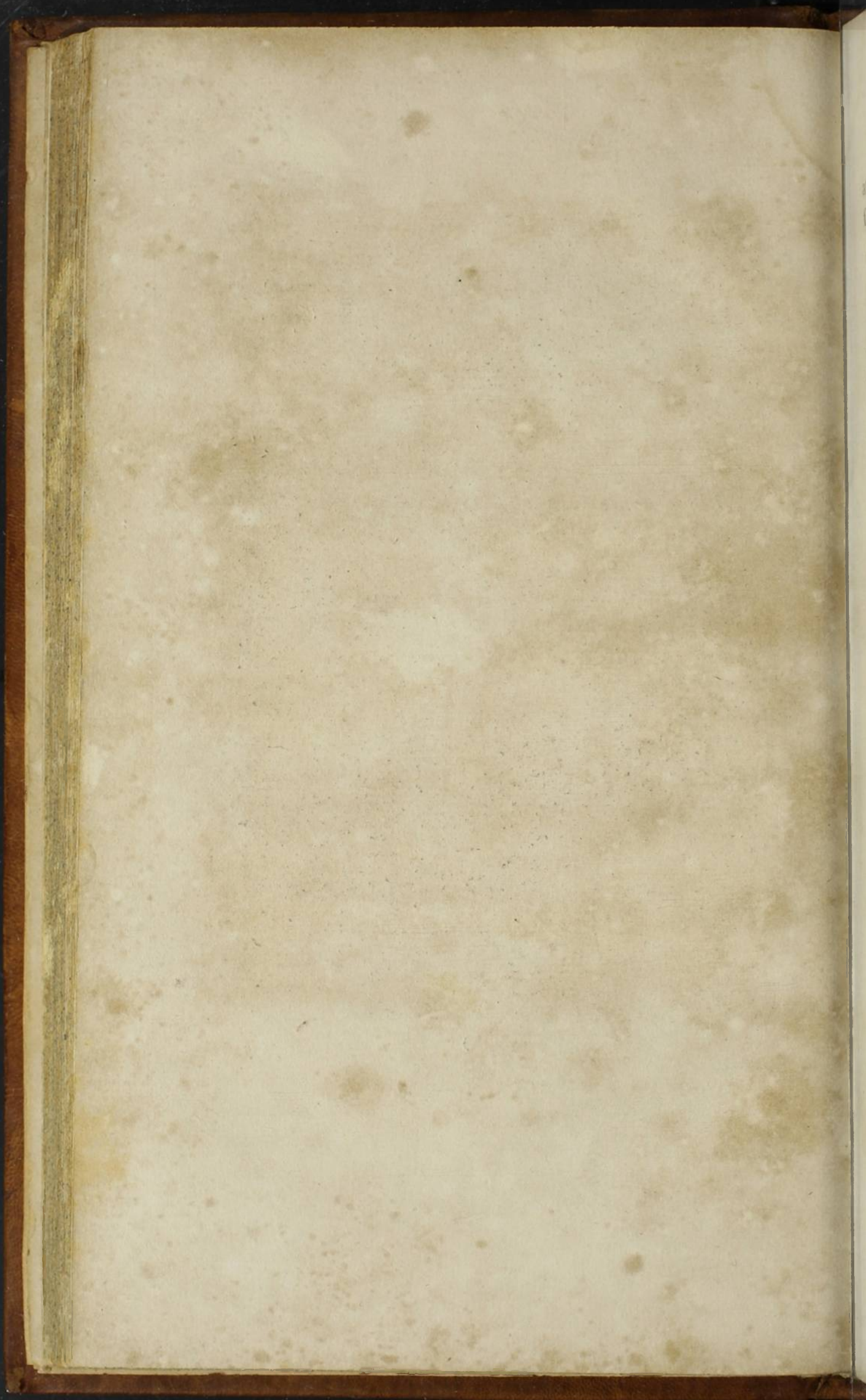
da Trindade. O Symbolo de Nicéa dizia, que o Espirito Santo *procede do Padre*. Depois do setimo seculo os Hespanhóes e os Francezes accrescentaram *e do Filho (Filioque)*. Era isto um escandalo horroroso no pensar dos Gregos, e uma novidade digna de condemnação no sentir da Igreja Romana, a qual desapprovava tambem o uso de cantar o Symbolo. O Rei convocou em 809 o Concilio de Aquisgran, afim de confirmar a addição.

Carlos Magno sustentou-a como theologo em uma carta dogmatica, cheia de textos compilados, que remetteu ao Papa Leão III. Este Papa nada decidiu; justificou sómente o uso de Roma, e aconselhou que se fizesse a pouco e pouco ir desaparecendo o uso de França. O *Filioque*, sem a condescendencia do Pontifice, teria talvez occasionado um schisma entre os Italianos e os Francezes, assim como entre os Gregos e os Latinos. Felicidade era não se entregarem o Clero e os Monges do Occidente n'aquelle tempo ao espirito de controversia: n'outra qualquer epocha estes passos do Soberano poderiam ter produzido terriveis dissensões.

Se Carlos Magno, seguindo o exemplo dos Imperadores de Constantinopla, presumia de Theologo, ao menos a sua intelligencia não se limitava a um circulo de vãs subtilezas: pois sempre tendia para tudo quanto era grande e util em todos os generos. Formou uma marinha para oppôr-se ás incursões dos Normandos, piratas terriveis, que insultavam o Reino, e o



C. MAGNO

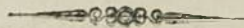


assolaram depois da sua morte: fez construir fortalezas na Allemanha para conter os Saxões, e outras para fazer respeitar os limites do Imperio: empreendeu unir o Oceano com o Mar Negro por meio de um canal entre o Rheno e o Danubio, e outras muitas cousas de igual magnitude; mas eram necessarios para sua execução conhecimentos superiores á capacidade dos Francezes d'aquella epocha.

Ajuntando este Principe infinitos sabios na sua côrte, formou no seu palacio uma especie de Academia, de que era membro. Estabeleceu escolas nas cathedraes e mosteiros, em cujas escolas nenhuma outra cousa se ensinava senão Grammatica, Arithmetica e o Cantochão; o que já era muito, pois que alguns Concilios tinham exigido que os Sacerdotes podessem pelo menos comprehender a oração dominical. Não fallaremos das liberalidades que Carlos Magno usou com as Igrejas, especialmente com a de Roma, porque foi este o espirito dominante de muitos seculos. Os thesouros dos Hunos e dos Lombardos supriam as necessidades publicas, e davam para fartar o gosto de piedosas prodigalidades.

Cousa parece bem fóra do commum, que reprehendendo Carlos Magno aos Ecclesiasticos o amor das riquezas, continuasse a enriquecê-los. Tres grandes Abbadias foram a recompensa de Alcuino, Inglez sabio, que o Imperador tinha attraído para a França, e cujas obras não podem encontrar hoje quem as leia. O poderoso Abbade era arguido por ter vinte mil escravos. Sendo o

povo servo, e podendo conter as suas tres Ab-
badias vinte mil subditos, não o arguiam sem
razão: ao menos Alcuino nos dá alguma idéa
da opulencia ecclesiastica.



CAPITULO XXXVIII.

Decadencia do Imperio dos Francos. A Dynastia de Carlos Magno privada do throno da França. Hugo Capeto ou a terceira raça.

No tempo de Luiz, denominado o Benigno, filho de Carlos Magno, tudo annuncia uma proxima decadencia. A devoção pusillanime do Principe, a fraquesa do seu character e a limitação do seu engenho, devia ceder ao peso de um Imperio tão vasto. Um dos grandes erros de Luiz foi o dividir a monarchia entre seus filhos, enfraquecendo por este meio uma autoridade já fraca por causa do desmazelo do seu governo. Doou Luiz a Aquitania a Pepino, a Baviera a Luiz, e para o Imperio associou-se com Lothario, o primogenito dos tres Principes. Bernardo, Rei da Italia e neto de Carlos Magno, indignou-se com esta divisão; incitado por lisongeiros, que logo o abandonaram, tomou armas contra seu

lio, e morreu em consequencia de haver-lhe este mandado arrancar os olhos.

Luiz, depois d'estes rigores contra seu sobrinho, accusou-se a si mesmo n'uma junta geral, e supplicou aos Bispos que o admittissem á penitencia publica. Este facto provava fraco entendimento no Monarcha, cuja devoção mal entendida humilhava a suprema Magestade. Judith de Baviera, sua segunda esposa, vendo que pela primeira partilha, entre os filhos do primeiro matrimonio, ficava excluido seu filho Carlos (depois Rei com o cognome de Calvo), obrigou-o a que fizesse segunda divisão; o que obteve com o consentimento de Lothario. Esta nova partilha foi a origem de immensos desastres, de perturbações e guerras civis. — Luiz foi encerrado n'um mosteiro por seu filho Lothario, ajudado pelo Papa Gregorio IV; e depois restituído ao Throno por influencia dos seus outros dois filhos, Luiz e Pepino.

A Imperatriz Judith tinha alcançado para seu filho Carlos a Neustria. A morte de Pepino tinha dado lugar a uma nova divisão entre Carlos e Lothario, que estava então de posse do reino da Italia. O Rei de Baviera, que fôra excluido da successão de Pepino, armou-se contra seu pai; marchava este a combater aquelle filho rebelde, quando atemorizado por causa de um eclipse do sol, caiu doente junto a Moguncia, e expirou no vigesimo oitavo anno do seu reinado. No seu tempo cresceu o poder dos Papas, e restabeleceu-se a liberdade das eleições canonicas; e com

quanto mandassem os Papas dar juramento de fidelidade pelo povo ao Imperador, era com a seguinte clausula: Salva a fidelidade promettida ao Senhor Apostolico (ao Papa).

Um máu filho nunca chegará a ser bom irmão; portanto preparemo-nos para ver armados os filhos de Luiz o Benigno uns contra os outros. O Imperador Lothario, esquecendo-se dos seus juramentos a favor de Carlos o Calvo, empreendeu despoja-lo, e ao mesmo tempo formou projectos contra o Rei de Baviera. Ambos estes filhos segundos, unidos por commum interesse, venceram e derrotaram a seu irmão primogenito na batalha de Fontenay na Borgonha. Poucas batalhas foram tão sanguinolentas; nesta o odio fraternal foi implacavel. Ambos os vencedores, para assegurarem os despojos do vencido, se dirigiram ao Clero que os favoreceu; porém Lothario ainda pôde conseguir uma nova partilha, ficando com a Italia e as regiões situadas entre o Rhodano e os Alpes, o Mosa e o Rheno. Carlos conservou a Neustria e a Aquitania: Luiz, intitulado o Germanico, ficou com todas as provincias além do Rheno, e com algumas cidades d'esta parte.

Lothario morreu poucos annos depois; a sua parte foi de novo dividida por seus tres filhos; e com estas continuas divisões a monarchia de Carlos Magno foi completamente destruida. Carlos o Calvo, tão cobarde e tão frouxo como seu pai, mas tão intrigante como sua mãe, não pôde evitar as desordens, occupando-se tão sómente

com os Concilios e com as disputas religiosas sobre a predestinação. Por este tempo a historia profana está tão identificada com a sagrada, que é impossivel separa-las. Os Bispos julgavam-se senhores de dispôr das corôas; os Papas tornam-se quasi independentes; e Nicoláo I estabelece aquellas famosas maximas a favor da dignidade de Papa contra os Reis; pelo que foi considerado como o precursor de Gregorio VII.

Entretanto morreu Luiz o Germanico, e deixou a herança a seus tres filhos: Carlomano ficou com a Baviera, Luiz com a Saxonia, e Carlos com a Suabia. Carlos o Calvo, que pretendeu disputar-lhes a successão, passou pela vergonha de ser vencido. Os Sarracenos continuando as suas incursões invadiram a Italia; o Papa João VIII reclamou o soccorro de Carlos, ameaçando-o no caso de negar-lh'o. Com effeito marchou Carlos para a Italia; porém em sua ausencia seu sobrinho Carlomano veio tirar-lhe a corôa imperial. Carlos vendo-se atraçoado pelos grandes fugiu, e morreu n'uma palhoça. Um acto capitular do ultimo anno do seu reinado permite aos nobres ou Cavalleiros transmittir os empregos a seus filhos, uma das origens do governo feudal, que se estabeleceu sobre as ruinas da dignidade real.

Calamidades, desordens e anarchia, é tudo quanto nos offerece o Continente da Europa. Luiz o Gago, filho de Carlos o Calvo, compra de certo modo a corôa com as condições que os Bispos e Cavalleiros quizeram impôr-lhe; e só

foi reconhecido Imperador depois de ter promettido aos primeiros, que o Clero gosaria dos mesmos bens e dos mesmos privilegios, de que gosava no tempo de Luiz o Benigno. Foi nesse tempo que se viu um Papa fugitivo promulgando em França leis geraes, e ordenando em seu nome uma leva para fazer a guerra aos Duques da Toscana e de Spoleto, que tinham invadido os Estados da Igreja. — Basta indicar estes factos para que se julgue do estado da monarchia em França.

A Luiz o Gago succederam em 879 Luiz III e Carlomano, ambos seus filhos do primeiro matrimonio. O Duque Boson, sogro de Carlomano, lhes alcançou a corôa; porém ao mesmo tempo um Concilio de Manta, no Delfinado, por *inspiração divina*, segundo os proprios termos de que se serviu, concedeu o reino de Arles ou de Provença ao mesmo Duque, Cavalleiro ambicioso, que tinha sabido inspirar confiança ao Papa e ao Clero. A Italia estava debaixo do poder do Rei de Baviera, que tambem obrigou a que lhe cedessem uma boa parte da Lorena. Despojados d'este modo, e mortos os dois filhos de Luiz o Gago, devia succeder-lhes Carlos, seu irmão mais moço, chamado depois o Simple; porém como não tinha mais de cinco annos de idade, e fosse mister um Rei, que podesse resistir ao inimigo e defender o reino, elegeram então a Carlos o Gordo (filho de Luiz o Germanico), que já era Imperador.

Carlos o Gordo reuniu a si todo o Imperio

Francez, excepto o reino do usurpador Boson. Similhante Imperio era muito vasto para um chefe sem engenho e sem valor. Os Normandos accommetteram a França, penetraram até Pontoise, e depois de queimarem esta cidade, sitiaram Pariz. Este sitio é muito celebre na historia da França; de uma e de outra parte se fizeram grandes prodigios. Eudes, Conde de Pariz, que logo veremos occupar o throno; Roberto, seu irmão, o Bispo Goslin, o Bispo Anischerico, e o Abbade Eble, sobrinho de Goslin, distinguiram-se especialmente pelo seu patriotismo e por sua valentia. Os sitiados defenderam-se por mais de um anno sem que Carlos apparecesse; e quando chegou com um exercito numeroso foi para fazer uma negociação vergonhosa, e comprar por grande somma a retirada do inimigo.

Este infame procedimento do Imperador excitou o descontentamento e a rebelião por toda a parte; os Allemães foram os primeiros que se sublevaram. O Imperador foi deposto por uma Junta; Arnoul, Rei de Baviera, foi eleito seu successor no Imperio; porém a Italia sujeitou-se a Berenger, Duque de Friul, e a Gui, Duque de Spoleto. — O Conde Eudes, que tinha salvado Pariz, e cujo pai Roberto o Forte, Duque de França, tinha tambem sido um heroe, foi eleito Rei; porém parece que Eudes accitára a corôa sómente como Tutor de Carlos o Simples. Com effeito Eudes morreu em 898, e Carlos começou a governar, fazendo-se digno do cogno-

me que tinha merecido por causa da sua incapacidade. Foi em seu tempo que Rollon, famoso chefe Normando, fundou o reino, a que deu o nome da sua nação; e ao qual dera o mesmo Carlos sua filha em casamento, com a condição de abraçar o Christianismo.

O mentecapto Carlos, governado por Haganon, ministro odioso, foi o ludibrio assim dos Cavalleiros como dos Normandos. Preso por Herberto, Conde de Vermandois, morreu na prisão, tendo perdido no tempo do seu deplorado reinado a Allemanha juntamente com o Imperio. Berenger occupava o throno da Italia. A Allemanha invadida pelos Hungaros viu-se exposta a todos os furores d'aquelles barbaros. Os Estados elegeram, por unanime consentimento, a Othon, Duque de Saxonia, o qual regeitando a corôa por causa da sua velhice, propôz em seu logar a Conrado, Duque de Franconia, que foi aceito e acclamado Rei da Allemanha. D'este modo perdia a geração de Carlos Magno successivamente todos os fructos da politica e das victorias d'este herôe, porque nenhum dos seus successores se tinha mostrado digno de ser seu descendente.

Os Hungaros tendo sujeitado a Allemanha a um tributo annual, caíram sobre a Italia, e penetraram até a Lorena e o Languedoc. Era tal a situação do Occidente, que todos viam chegar o fim do mundo. As desordens multiplicavam-se entre o povo, no Clero, na nobresa e nos governos. O fanatismo e a mais profunda

ignorancia caracterisam o seculo decimo, que tambem era o seculo dos crimes, porque não havia freio algum para as paixões. Hugo, que possuia diversas Abbadias juntamente com o Condado de Pariz, e com os Ducados de França e de Borgonha, despresando ainda o titulo de Rei, chamou a Luiz de Ultramar, filho de Carlos o Simples, refugiado em Inglaterra, e o proclamou Rei; porém o seu reinado foi uma serie de alternativas, em que o poder de Hugo chegou a ser como o dos antigos *Maires* de Palacio.

Morto Luiz de Ultramar, deixou a Lothario, seu filho, uma sombra de dignidade real; ou, para melhor dizer, Hugo o Grande consentiu em lhe conceder o titulo de Rei, conservando elle o poder. Porém Hugo morreu dois annos depois; e Hugo Capeto, seu filho, herdou não só as suas ricas Abbadias, como as suas dignidades e o seu poder. Lothario sendo dotado de actividade e de valor empreheendeu recuperar a Lorena, da qual os Allemães se tinham assenhoreado. O Imperador Othon II teve a lembrança de oppôr-lhe um competidor, cedendo a Lorena inferior a Carlos, irmão de Lothario, que a recebeu a titulo de vassallo, ficando o Reino de Lorena assim dividido entre Othon e o Principe Carlos. Como a fortuna dos Othons faz uma epocha interessante na historia, diremos como a casa de Saxonia chegou a alcançar a dignidade real e o Imperio.

Conrado, Duque de Franconia, foi eleito Rei, como já fica dito, por conselho e por causa da

negativa do Duque de Saxonia. Conrado morreu sem filhos varões em 919, depois de haver designado para seu successor a Henrique, filho do Duque Othon, a quem era devedor da sua corôa. Os Estados confirmaram esta eleição, e Henrique o Passarinheiro (chamavam-no assim porque gostava muito da caça dos passaros), subiu ao throno da Allemanha debaixo dos melhores auspicios. Este Principe valente, sabio e prudente, sujeitou vassallos rebeldes, disciplinou as tropas, edificou fortalezas e cidades, recusou o tributo aos Hungaros, venceu-os e poz em segurança o seu reino. Henrique apesar d'isso nunca se intitulou Imperador, postoque este titulo lhe fosse conferido pelas suas tropas.

Othon I, seu filho, succedeu-lhe em 936 pela eleição dos Estados. Othon triumphou de muitos rebeldes, sujeita ao tributo a Dinamarca e a Bohemia, e chega a ser o maior Principe do seu seculo. A Italia dividida entre tyrannos, inimigos uns dos outros, arruinada e destruida por guerras continuas, desejava a paz, porque as revoluções são os fructos das discordias; eis-ahi porque os Allemães alcançaram afinal o Imperio. João XII, collocado na Santa Sé aos dezoito annos de idade, chamou a Othon contra Berenger e Adalberto seu filho, cuja tyrannia se tinha tornado insuportavel na Italia. Com effeito Othon condescendeu com os votos do Papa, depoz Berenger e seu filho, e foi coroado em Milão Rei da Italia, e no anno seguinte foi coroado Imperador em Roma pelo mesmo Papa João XII;

pelo que confirmou todas as doações dos Principes Francezes, tão interessantes para a dignidade dos Pontifices.

Todavia era tal a immoralidade d'aquelles tempos, que o mesmo Papa João XII conspirou com Adalberto contra o Imperador; porém este voltando á Italia castigou os Romanos, e fez depôr o Papa por um Concilio, e eleger a Leão VIII, simples leigo, mas homem virtuoso. Leão foi tambem deposto por seu turno, e apesar da morte de João XII a sedição não se extinguiu; Benedicto V foi eleito em seu lugar. Tanta audacia contra um grande Principe teve o mesmo effeito das empresas insensatas. Othon sitia Roma, reduzindo-a á ultima extremidade; sujeita os Romanos, e perdoa-lhes. Benedicto confessa-se culpado perante um Concilio, e despoja-se voluntariamente dos habitos Pontificaes; Leão VIII reassume as Chaves de S. Pedro, e publica aquelle celebre Decreto, em que dá poder perpetuo a Othon e aos seus successores para nomear o Papa e dar investidura aos Bispos.

Por quarta vez teve o Imperador que voltar a Roma para castigar um novo attentado. Os Romanos expulsaram o Papa João XIII, eleito em presença dos Commissarios Imperiaes, depois da morte de Leão VIII. Othon, justamente irritado, castigou severamente os sediciosos, desterrou os Consules, mandou prender os Tribunos, e ordenou que o Prefeito de Roma fosse açoutado pelas ruas. Vemos por isto que as antigas dignidades subsistiam ainda sómente no nome, ali-

mento vão do orgulho de um povo tão cobarde como turbulento. Este povo, conforme Luitprando, Bispo de Cremona e autor contemporaneo, era tão despresado n'aquelle tempo, postoque sempre tão altivo, que bastava sómente o nome de Romano para indicar um homem perfido, cobarde e infame.

O Imperador Grego Niceforo tendo reconhecido a dignidade imperial de Othon, e havendo desposado sua filha com o filho d'este Principe, comtudo mandou assassinar os Embaixadores, que deviam conduzir a Princesa. Ateou-se a guerra: os Allemães accommetteram a Apulia e a Calabria, derrotaram um exercito Grego, a cujos prisioneiros mandou Othon cortar o nariz, e os enviou depois para Constantinopla. Niceforo foi morto pelos seus vassallos, e João Zimiscés, seu successor, concluiu a paz com Othon, concedendo-lhe a soberania de Capua. Othon morreu em 973; o titulo de Grande não era para elle uma homenagem da lisonja, mas um dom do seu merecimento.

Othon II tendo sómente dezoito annos de idade succedeu a seu pai; a sua mocidade deu occasião a infinitas perturbações, que elle mesmo teve a força de dissipar. Roma foi o seu primeiro theatro, onde teve de dar exemplo da sua justiça. Crescencio ou Cincio, filho da impudica Theodora, tendo formado o projecto de restabelecer a Republica Romana, sublevou o povo e fez morrer n'uma prisão o Papa Benedicto VI, a quem os sediciosos deram por successor Benedicto VII.

Bonifacio VII foi eleito por outro partido; e ainda houve terceiro, que elegeu João XIV, do qual Bonifacio foi homicida. Estes horrores eram tão frequentes e tão rapidos, que os historiadores não concordam entre si, nem a respeito dos nomes, nem a respeito das datas. O Papa de uns é o Anti-Papa dos outros.

Othon II depois de concluir a guerra de França, dividindo a Lorena, como já dissemos, com o irmão do Rei Lothario, partiu para Roma e reprimiu os sediciosos; porém pretendendo tomar a Calabria aos Gregos, foi derrotado pelos Sarracenos, aliados n'aquella occasião dos mesmos Gregos, e morreu em Roma, cuidando de novos preparativos para desafrontar as suas armas. Othon III, seu filho, succedeu-lhe na idade de tres annos. A sua menoridade foi tempestuosa porque sua mãe e sua avó disputavam entre si a regencia. — Os partidos e os escandalos renasceram em Roma, onde Crescencio ateou de novo o fanatismo da liberdade. Othon appareceu na Italia em 996; entrou em Roma e pôz cerco ao castello de Santo Angelo, onde o rebelde se tinha encerrado; tomou-o de assalto, e mandou cortar a cabeça a Crescencio.

Neste comenos tivemos mais dois Papas e um Anti-Papa. Gregorio V, que era parente chegado do Imperador, e expulso por Crescencio, foi tão excessivo em sua vingança contra o Anti-Papa João XVI, que o mandou passar pelas ruas da cidade montado em um burro, cuja cauda lhe servia de redeas, depois de ha-

ver-lhe o povo arrancado os olhos. — Julgue cada qual dos costumes publicos pelos dos chefes da Religião, que infelizmente arrastados pela torrente d'aquelles perversos tempos lhe davam ainda mais toda a força de um contagioso exemplo. Neste logar andamos por entre os abrolhos da historia; os objectos confundem-se, e não offerecem nenhuma individuação interessante; pelo que apenas referiremos os factos mais memoraveis. — Voltemos entretanto á França, onde nos esperam grandes acontecimentos.

Ao mesmo tempo que a casa da Saxonia possuia a Allemanha e Italia, desmembradas do Imperio Francez, a casa de Carlos Magno perdeu a corôa de França. Luiz V, filho do Rei Lothario, pouco tempo sobreviveu a seu pai. Hugo Capeto, tão illustre pelo seu nascimento, como pelas altas virtudes que o adornavam, aproveitou a occasião para apropriar-se da corôa, que já havia cingido a cabeça de seu avô Roberto, e de seu tio Eudes. A corôa de França pertencia pelo direito de sangue a Carlos, Duque de Lorena e irmão de Lothario. Porém a qualidade de vassallo do Imperador pareceu ser um titulo legitimo para o excluir da mesma corôa. Carlos foi portanto declarado cobarde, indigno do seu sangue, e traidor á sua Patria.

Hugo, renunciando as Abbadias, que tinha herdado de seu pai, obteve o favor e a protecção do Clero, fazendo-se reconhecer e proclamar por uma assembléa nacional. Foi sagrado em Rheims, e teve a providencia de se associar com

seu filho Roberto para que a successão lhe não fosse disputada. Todavia, Carlos voltou ao Reino, e pretendeu reivindicar seus direitos; porém atraído pelo Bispo de Laon, caiu nas mãos do seu competidor, e morreu prisioneiro em 992. O facto mais memoravel do reinado de Hugo foi o processo de Arnoul, Arcebispo de Rheims, deposto por um Concilio por causa da traição contra o novo Rei, protegendo a volta de Carlos e a sua causa. Hugo morreu deixando a corôa a seu filho.

Tanto que Roberto succedeu a seu pai, viu-se logo a braços com as pretensões da Côrte de Roma. A Igreja tinha prohibido o matrimonio dos parentes até o 7.º gráu. Roberto era parente de Bertha, sua amada esposa, em quarto gráu; varios Bispos tinham autorizado este matrimonio. Porém Gregorio V, em um Decreto fulminante, ordena ao Rei e á Rainha que se separem, sob pena de excommunhão. — Roberto resistiu ao principio e foi excommungado; mas não teve outro remedio senão sujeitar-se, tal era a influencia do fanatismo d'aquelles tempos: repudiou Bertha cedendo aos terrores supersticiosos, e casou com Constança, filha do Conde de Arles, mulher de um genio turbulento, ambiciosa e fanatica.

Quantas cousas não annunciam estas scenas extraordinarias!! Veremos em breve tempo os raios do Vaticano abraçar a Europa toda, abalar todos os thronos, e romper os mais fortes laços da sociedade. Comtudo, se Roberto fosse dotado

de ambição e de fortaleza, teria podido chegar a ser soberano dos Papas. Os Italianos, depois da morte de Henrique II, successor de Othon, terceiro e ultimo Imperador da casa de Saxonia, desgostosos com o dominio Allemão, offereceram-lhe a corôa e o Imperio, que elle teve a prudencia de regeitar. A casa de Franconia substituiu a de Saxonia na pessoa de Courado II, cujo reinado principiou em 1024. No reinado de Henrique II a Italia era um volcão; toda ella ardia entre partidos, e a Europa participava delles pela influencia dos Imperadores ou dos Papas.

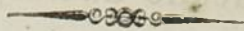
O segundo matrimonio de Roberto foi uma origem de pesares e de infelicidades para elle e para o povo. A Rainha Constança o dominava com uma altivez insupportavel; pretendendo regular a successão, quiz excluir o Principe Henrique, o primogenito de seus filhos, que ella aborrecia, para substitui-lo pelo segundo, chamado Roberto. Como não conseguisse esta injustiça, armou ambos os filhos contra o pai, e provocou a guerra civil. Felizmente os Principes arrependidos do mal que tinham feito, voltaram a seus deveres; e Henrique, que Roberto tinha mandado sagrar em sua vida, succedeu-lhe em 1031. — Constança ainda tentou um novo crime, armando Roberto contra seu irmão, de qual se tinha mostrado amigo até aquelle tempo.

O Rei sorprendido no principio teve que refugiar-se na Normandia; porém dissipando pouco tempo depois a conjuração, concedeu ao irmão rebelde o Ducado da Borgonha. O successo

mais notavel deste reinado foi o segundo casamento de Henrique com a filha de Jarosdisláo, Czar ou Principe da Russia. Os impedimentos do matrimonio tinham-se multiplicado tanto, e o exemplo de seu pai era tão horroroso, que Henrique julgou sem duvida ser mais prudente procurar uma mulher naquelle incognito paiz, a fim de se livrar dos perigos da excommunhão. Tal era a confusão de todas as cousas na ordem civil, que o mesmo Rei não sabia como se havia de casar.

É impossivel descrever as desordens, que por outra parte produzia a anarchia. Qualquer simples cavalleiro era naquelle tempo o tyranno da sua terra, e o inimigo dos seus visinhos; os mais ricos ou poderosos eram o flagello de seus semelhantes, porque não havia lei, nem justiça sobre a terra, e tudo se decidia pelas armas. Vendo os Bispos a inutilidade das suas censuras, ordenaram que, desde quarta-feira á noite até segunda-feira pela manhã, as violencias seriam prohibidas sob pena de excommunhão: e sendo este prazo ainda muito dilatado, restringiram este regulamento ao espaço do sabbado á noite até segunda-feira pela manhã; de fórma que em todos os mais dias da semana pareciam autorizados o homicidio e o roubo.

Tal era a situação da França no reinado de Henrique I, o qual morreu em 1060. Percorramos agora os outros povos para termos uma idéa geral dos costumes daquelles tempos, que com pouca differença eram os mesmos por toda a parte.



CAPITULO XXXIX.

**Inglaterra. Os Normandos. Hespanha. Imperio dos Arabes.
Imperadores de Constantinopla. Schisma dos Gregos.**

Principia a Inglaterra a merecer lugar na historia desde o principio do seculo sexto. Depois que os Romanos abandonaram a Grãa-Bretanha, para defender o resto do Imperio contra os barbaros, os Bretões chamaram em seu auxilio os Saxões contra os Piktos e contra os Escossezes; os auxiliares porém acabaram por subjuga-los. Os Saxões e os Angulos (originariamente o mesmo povo) fundaram quasi a meiado do quinto seculo os sete reinos pequenos, chamados Heptarquia (*). O Christianismo foi introduzido no reino de Kent pela Rainha Bertha, filha de Cariberto Rei de Pariz, e mulher d'El-Rei Ethelberto. Foi

(*) Os reinos de Kent, Sussex, Essex, Wessex, Mercia, Estanglia, e Northumberlandia.

naquelle tempo que Gregorio o Grande enviou S. Agostinho a prégar a fé a estes barbaros.

O zelo de Bertha foi imitado por uma Rainha de Northumberlandia, e por outra de Mercia. Por toda a parte penetrou a verdadeira Religião. Offa, o mais celebre dos Reis de Mercia, depois de haver assassinado o Rei de Estanglia e invadido os seus Estados, occupou o throno em 755. Indo para Roma afim de pedir a absolvição, recebeu-a do Papa Adriano I. O mesmo Offa estabeleceu o *dinheiro de S. Pedro*, especie de imposto que os Papas exigiam depois como tributo. N'uma palavra, desvaneceu a lembrança dos seus crimes, por meio de sumptuosas fundações. Sendo este Principe alliado de Carlos-Magno, enviou-lhe o famoso Alcuino, venerado por um prodigio de sciencia, em tempos que era difficil achar-se quem soubesse ler.

A Heptarquia findou em 827. Egberto, Rei de Wessex, o unico que ficou das antigas familias reinantes, tornou a uni-la em um só reino. Vendo-se perseguido na sua mocidade, achou asilo na côrte de Carlos-Magno, onde deixando a ferocidade Saxonia, tinha adquirido costumes mais doceis e mais cultos; porque os Francezes, assim mesmo, segundo a opinião do historiador Malmesbury, eram o modelo dos povos do Occidente, posto que ainda estivessem muito proximos da antiga barbaridade. A prudencia, a sabedoria e o valor de Egberto salvaram o reino acomettido pelos Dinamarquezes, piratas que se tornavam cada dia mais tremendos. Apezar

disto brevemente os veremos estabelecidos tanto em Inglaterra como na França.

Até agora não temos senão indicado as empresas dos Normandos, piratas audazes que infestavam a Europa. Convém formar uma idéa do seu character e das suas sañguinolentas expedições. Os povos da antiga Escandinavia (hoje em dia a Suecia e a Noruega, a que tambem é necessario accrescentar a Dinamarca) foram chamados Normandos, isto é, *homens do Norte*. Dalli tiram a sua origem diversas nações Germanicas, estabelecidas no Imperio Romano. Estes povos conservavam os costumes dos primeiros Celtas, os mesmos costumes dos Scythas, costumes simples, crueis e ferozes, com os quaes se fizeram formidaveis conquistadores. A sua Religião era digna de similhantes costumes. Os Normandos adoravam a Odino, Deus Supremo, a quem chamavam *terrivel, incendiario, autor da destruição, e pai da mortandade*.

O grande principio dos Celtas, e particularmente dos Escandinavos, era que o direito procede da força, e que a victoria prova a justiça. Os Normandos tudo decidiam pela guerra; não suspiravam senão pelos combates, e corriam de uma para outra empresa, afim de ajuntar e amontoar despojos; donde procederam aquellas frequentes emigrações, attribuidas falsamente a uma superabundancia de população. Intrepidos e habituados a todo o genero de sofrimentos, não lhes faltava senão a disciplina militar para sujeitar as nações mais cultas. Mario,

por meio da disciplina, tinha triumphado dos Cimbroz, vizinhos da Escandinavia; porém no tempo em que fallamos não havia já Romanos.

Carlos-Magno estabelecendo uma marinha, que defendia e guardava as embocaduras dos rios, preveniu as invasões dos Normandos; porém seus successores foram tão descuidados, que, em tempo de Luiz o Benigno, e de Carlos o Calvo, o paiz soffreu continuas incursões daquelles barbaros. Os Normandos chegavam ás costas e entravam pelo interior das Provincias sem nenhum obstaculo; seus navios, pequenos e leves, podiam entrar por toda a parte. Os Normandos roubavam e queimavam, abandonando logo o theatro de suas emprezas, e depois volviam com novas forças. Ruão foi duas vezes saqueada, e Pariz surprehendida e queimada em 845. Carlos intrincheirado em S. Diniz, não cuidava senão em salvar as reliquias. O mesmo Carlos, em lugar de combater, julgou que devia comprar a paz por 54 quintaes, 2 arrobas e 24 arrateis de prata; e finalmente por um acto capitular estabeleceu contribuições para os Normandos.

Se a Inglaterra experimentou o mesmo flagello, ao menos achou a sua salvação em um grande Principe. Os Dinamarquezes, no tempo de Ethelwolf, successor de Egberto, fizeram muitas incursões, porque o Rei despresava a vigilancia do Governo por praticas de devoção. Tres filhos seus reinaram tambem com pouca gloria; porém Alfredo, seu irmão segundo, homem admiravel em um seculo de horrores, occupou felizmente o

throno em 871. Armado contra os Dinamarquezes, alcançou no principio diversas victorias; mas não pôde resistir a novos enxames de piratas, que vinham auxiliar-se mutuamente; e abandonado por suas tropas teve de refugiar-se no centro de uma lagoa, esperando occasião opportuna de atacar o inimigo.

Chegou por fim a occasião, e Alfredo soube tão bem aproveitá-la, que venceu os Dinamarquezes; e querendo tirar partido destes barbaros permittiu-lhes que se estabelecessem em Northumberlandia, e na Estanglia, regiões despovoadas, com a condição de abraçarem o Christianismo. Estas condições forão aceitas, e a Inglaterra respirou. O essencial era prevenir novos desastres; uma milicia regular, uma marinha consideravel, formada em muito pouco tempo, e um governo recto, justo e prudente, que punha toda a sua vigilancia nas necessidades publicas: taes foram os primeiros fructos da paz, e tambem os penhores da segurança e da victoria. Uma terrivel invasão de Dinamarquezes renovou em 895 as calamidades da França; mas sendo para a Inglaterra uma tormenta passageira, desbaratou Alfredo em breve tempo o inimigo.

Consagrou Alfredo o resto do seu reinado aos trabalhos politicos, dignos do seu genio e da sua grande alma. Aperfeiçoou as leis, estabeleceu *Jurados*, para o exame dos crimes, dividiu o Reino em *Condados*, e os Condados em *dezenas*, *centenas*, ou em pequenos districtos, de modo

que facilmente se mantinham o socego, a boa ordem, a harmonia e a subordinação. A liberdade publica resultava do imperio das leis a respeito de cada particular. Queria Alfredo que os Inglezes fossem livres obedecendo ás leis, e obedecendo-lhes elle mesmo reinava por meio dellas. Acareou os sabios, creou escolas, fundou a celebre Universidade de Oxford, e recompensou sempre o merecimento. As artes, a agricultura e o commercio, nada escapou ao zelo activo que o animava. Espalhou todas as sementes de felicidade e da virtude, que foram infelizmente suffocadas nos seguintes reinados. Este Rei, tão digno de admiração, e talvez superior a Carlos Magno, morreu em 901 com 53 annos de idade.

A Inglaterra, depois de Alfredo, começou a perder os fructos de suas admiraveis instituições por causa das guerras e das perturbações interiores. Duarte o Antigo, filho de Alfredo, esteve continuamente armado contra os Dinamarquezes. Os tres filhos de Duarte (Athelstan, Edmundo I e Edredo) reinaram successivamente com pouca tranquillidade. No tempo de Edredo, os Monges da ordem de S. Bento estabeleceram-se como reformadores; accommetteram o Clero e os outros Monges, dominaram o animo do Rei, occasionaram uma rebellião contra seu successor Edwy, que não quiz sujeitar-se ao mesmo systema, e governaram no reinado de Edgar. O celebre Abbade Dunstan, Bispo de Worcester e de Londres, Arcebispo de Cantuaria, possuindo ao mesmo tempo todas as tres Mitras com a

reputação de Santo, foi a alma de todos estes manejos em favor dos Monges.

Em tempo de Ethelredo, Principe sem talento, os Dinamarquezes invadiram de novo a Inglaterra. Os Inglezes tinham já degenerado, e em 1013 sujeitaram-se a Swenon, Rei de Dinamarca. Canuto o Grande, filho deste, principiou a reinar em 1017, e chegou a firmar o seu poder sobre a Inglaterra, a Dinamarca e a Noruega, que elle conquistou; porém acabou o seu reinado em actos de devoção, peregrino em Roma, e fundando Igrejas em Inglaterra. Haroldo e Canuto II, seus filhos, não sustentaram a sua gloria, e os seus reinados foram curtos. Os Inglezes, por morte do ultimo em 1041, sacudindo o jugo estrangeiro, chamaram a Duarte o Confessor, Principe da antiga raça, refugiado na Normandia. Morrendo Duarte sem successão, por causa de um voto de castidade, deixou a Inglaterra exposta á ambição do famoso Guilherme, Duque de Normandia, como veremos no seguinte capitulo.

A Hespanha não nos offerece senão um quadro confuso de grandes desordens, de pequenos combates e de continuas revoluções. Os Christãos por suas imprudencias motivaram a sua perseguição no reino de Cordova. O pequeno reino das Asturias, fundado por Pelagio, augmentou-se pelo valor e prudencia de Affonso III. Garcia Ximenes, Francez de origem, fundava ao mesmo tempo o Reino de Navarra, que chegou a ser o mais consideravel de todos os

Estados Christãos daquela região. Os Mouros ou Arabes, comtudo, ainda possuíam Portugal, Murcia, Andalusia, Valença, Granada, Tortosa, e o interior das Provincias além dos montes de Saragoça e de Castella; isto é, mais das tres quartas partes da Hespanha, e as mais ferteis comarcas.

Entre os Mouros haviam grandes Cavalleiros mui poderosos, que se ostentavam independentes; os Christãos porém não eram entre si mais unidos. O mesmo D. Affonso teve de soffrer conspirações; sua mulher e ambos os seus filhos foram rebeldes. Ha uma chronica de D. Affonso, na qual se faz menção do Reinado de Wamba. Ramiro II, Rei de Leão e das Asturias, alcançou em 938 a celebre victoria de Simancas contra os Mouros, por intervenção de Sant-Iago, a quem o Rei em uma romaria a Compostela tinha feito uma promessa. O nome de Sant-Iago serviu para os Hespanhoes dahi em diante de voz de guerra. Comtudo, o valeroso Almanzor, Vice-Rei de Cordova, venceu e derrotou os Christãos, tomou Leão e saqueou Compostela; porém, enfraquecido por uma grande peste, foi derrotado por sua vez, e morreu de desgosto para não sobreviver á sua derrota.

O Reino de Cordova, dès do principio do undecimo seculo, foi desmembrado por causa da ambição de muitos Cavalleiros, que usurparam o titulo de Rei. Toledo, Valença, Saragoça, Sevilha, Orihucla e quasi todas as grandes cidades tiveram Reis independentes; as Provincias

mudaram-se em Reinos. Quasi o mesmo succedia entre os Christãos. D. Sancho, Rei de Navarra, teve a imprudencia de dividir os seus estados entre os seus quatro filhos, e houveram Reis de Leão, de Navarra, de Castella e de Aragão; os quaes, procedendo do mesmo modo, chegaram a ser inimigos. Finalmente a historia antiga da Hespanha é tão confusa e tenebrosa, como a de todos os Estados daquelles tempos, porque nella se não descobre mais do que uma serie continua de crimes e de heroicidades, fructo das discordias intestinas e das guerras de Religião.

Uma cousa digna verdadeiramente de attenção é que, sendo o povo por toda a parte escravo, gosava entretanto de grandes privilegios no Aragão. Os *Ricos homens*, eleitos pelo povo, formavam um tribunal, que impunha á Corôa; o seu Presidente, que era o Regedor das Justiças, era quem recebia o juramento do Rei. O mesmo Regedor, no caso em que o Rei violasse os privilegios, tinha direito para o citar perante os Estados geraes, e até para o mandar depôr. No reinado de Carlos V principiou esta Magistratura a perder a sua autoridade; e no de Felippe II já não era mais do que um titulo sem poder.

O grande Imperio dos Arabes tambem padecia as revoluções, que produzem as discordias. A gloria e a dignidade de Califa tinha perdido muito do seu esplendor, depois de Watiku a meiado do seculo nono. Os Governadores foram-se tornando independentes; Argel, Tunes

e Tripoli formaram Estados particulares. Em breve tempo as disputas religiosas augmentaram as desordens, e deram armas aos ambiciosos. A seita dos Fatimitas levantou-se juntamente com o furor do fanatismo, e fundou um Imperio no Egypto. O Cairo, capital deste Imperio, chegou a ser ao mesmo tempo a residencia de um novo Califa, e uma cidade de commercio muito florescente. Outros fanaticos reformadores sublevaram-se contra seus Principes naturaes, e foram fundar um novo reino nas costas occidentaes da Africa, cujo chefe reunindo tambem o sacerdocio com a dignidade real, tomou o titulo de Miramolim.

Os Califas de Bagdad tinham recebido para tropas auxiliares os Turcos, da mesma familia dos Hunos, povos da Tartaria, dados á guerra e ás conquistas por seus costumes e vida errante. Estes auxiliares, aproveitando-se da occasião para subjugar aquelles mesmos que defendiam, apoderaram-se das Provincias da Asia, reservando para si a autoridade real, e deixando o sacerdocio aos Califas, porque se sujeitaram prudentemente á Religião do paiz. Formaram-se então muitos Estados com Chefes chamados *Soldãos*, os quaes recebendo a investidura do Califa, tinham comtudo grande cuidado de lhe não deixar muita autoridade. O Rei Pontifice, a meiado do seculo undecimo, era quasi semelhante aos Reis da Europa; quantos mais vasallos tinham, tanto menor era o seu poder.

O Imperio de Constantinopla em sua deca-

dencia offerece quasi sempre o mesmo espectaculo de fraqueza, de loucura, de superstição, de crimes e de sublevações. Niceforo, que vimos tirar o throno a Irene, foi um tyranno abominavel. Os Sarracenos tomaram-lhe a Ilha de Chipre, e os Bulgaros, flagello da Thracia, o mataram em uma batalha em 811, depois de haverem destruido o seu exercito. Estauracio, seu filho, fez-se tão odioso des do principio do seu reinado, que foi obrigado a fazer-se Monge, em virtude de uma rebellião geral. Miguel Rangabé não quiz fazer a paz com os Bulgaros, porque um frade decidiu, que em consciencia não se podiam entregar os desertores. Os Gregos foram derrotados pelos Bulgaros, e o Imperador fugiu; pelo que os Officiaes irritados, acclamaram Leão o Armenio.

Leão o Armenio, renovando a perseguição contra as imagens, foi morto cruelmente em uma Igreja, no anno de 820. Miguel o Gago, seu successor, não só perseguiu as imagens, como tambem mandou guardar o sabbado e celebrar a Paschoa como os Judeus. Os Sarracenos aproveitando-se da sua fraqueza, tomaram a Ilha de Creta (hoje em dia Candia), quasi toda a Sicilia, e entraram pela Apulia e pela Calabria. No reinado de Theofilo, posto que mais digno de reinar, redobra a perseguição, e os Sarracenos dilatam as suas conquistas. Por sua morte a Imperatriz Theodora, regente na menoridade de Miguel III, restabeleceu o culto das imagens como Irene; porém mandou matar milhares de

Maniqueos. Os que puderam escapar foram unir-se aos Sarracenos, e deste modo teve o Imperio por inimigos os seus proprios vassallos.

Miguel mandou recolher Theodora n'um convento; porém entregando-se a todo o genero de impiedades e de crimes, foi assassinado por Basilio, em 867, com quem se tinha associado no Imperio. Basilio, que tinha sido mendicante, acha-se Imperador; entregue á confiança do Patriarcha Phocio, a quem antes tinha desterrado, foi victima de sua credulidade. Leão, seu filho, compondo sermões, deixou que os inimigos assolassem o Imperio. Constantino Porphyrogeneto, filho de Leão, cujo reinado principia em 912, e acaba em 959, merece elogios como protector das sciencias que cultivava; mas os negocios do Imperio iam cada vez mais em decadencia. Romano, filho de Constantino, depois de haver envenenado seu pai, foi o tyranno do seu povo.

Nicesforo Phocas teve a gloria de vencer os Sarracenos, de lhes tomar Antioquia e de lhes fazer outras muitas conquistas; mas aborrecido por causa da sua avareza, foi assassinado em seu leito por sua propria mulher. João Zimisce, que o tinha ajudado a assassinar, apoderou-se do Imperio e derrotou os Russos em Andrinopla e na Bulgaria, porém foi igualmente assassinado pelo Eunuco Basilio em 976. Em seu lugar subiu ao throno Basilio II, neto de Constantino Porphyrogeneto; guerreiro terrivel, venceu os Bulgaros e mandou tirar os olhos a mais de quinze mil pessoas. Depois da sua morte seguiram-se

crimes tão horrorosos, que ninguém acreditaria a não serem confirmados por todos os contemporaneos. A Princeza Zoé, filha de Constantino, envenena seu marido para casar com seu amante Miguel Paphlagoniense, que ella elevou ao throno.

O Imperador Paphlagoniense, opprimido de enfermidades e de remorsos, morreu com habito de Monge. Zoé deu o Imperio juntamente com sua mão a Miguel Calafate, filho de um calafate de navios; mas depois de uma grande sublevação, mandou tirar os olhos ao novo marido, e governou só por espaço de um anno. Finalmente casou Zoé por quarta vez com Constantino Monomaco, um dos seus antigos amantes, e o mandou coroar; porém a avareza de Monomaco ia-lhe custando a vida em uma procissão, em que foi preso pelo povo. Até aqui temos dado uma idéa do estado do Imperio Grego, onde, se algumas vezes apparece um Principe capaz e valeroso, vê-se sempre o mesmo espirito dominante.

Isaac Comeno, um dos melhores Imperadores aclamado em 1057, foi odiado pelos Monges por applicar ás publicas necessidades o superfluo das suas riquezas; os Monges gritavam contra a impiedade e o sacrilegio. O Imperador entregando-se á devoção, despojou-se da corôa em favor de Constantino Ducas, e recebeu o habito de Monge. Ducas, amante da paz, deixou expostas as Provincias aos estragos dos Turcos; e dividindo o Imperio entre seus filhos, encar-

regou do governo a Eudoxia, sua mulher, com a condição de não passar a segundas nupcias. Eudoxia porém não cumpriu a sua palavra, e casou-se com Romano Diogenes por causa da belleza do seu rosto, elevando-o por este meio ao Imperio. Por ventura, os Gregos d'aquelle tempo valiam mais que os barbaros? E que cousas uteis aprenderiamos nós, se nos demorassemos com as individuações da sua historia?

Resta portanto n'este capitulo fallar ainda do schisma dos Gregos, consumado quasi na mesma epocha que temos descripto; é um objecto de curiosidade, digno da historia, independente das suas correlações com a Religião. Para seguir os seus progressos é mister partir da sua origem. Tendo sido deposto em 858 Ignacio, Patriarcha de Constantinopla, por intrigas de Côrte, foi nomeado para o substituir um simples leigo, chamado Phocio, de illustre nascimento, engenho superior, e o homem mais sabio da Europa, porém de character tímido, astuto e hypocrita; umas vezes docil e humilde com subtileza, e outras vezes soberbo com descaramento. Chegou Phocio em seis dias á dignidade Patriarchal. No primeiro dia recebeu o habito de Monge, porque entre os Gregos era necessario ser Monge para subir ás dignidades da Igreja; no segundo foi Leitor, no terceiro Subdiacono, no quarto Diacono, depois Saerdote; finalmente Bispo e Patriarcha.

Como o antigo e o novo Patriarcha tinham cada um os seus sequazes, e a discordia perturbava

o Estado, Miguel III dirigiu-se ao Papa Nicoláu I, que desejava ser juiz da Igreja Grega, assim como era das Igrejas do Occidente. A deposição de Ignacio e a eleição de Phocio foram confirmadas em 861 por um Concilio de mais de 300 Bispos, presidido por dois Legados sobornados. Porém Nicoláu, n'outro Concilio de Roma, anulou a sentença do de Constantinopla, e escommungou o Patriarcha Phocio *por autoridade de Deus, dos Apostolos, de todos os Santos, dos seis Concilios geraes, e da sentença que o Espirito Santo pronuncia pela bocca do Pontifice*. Phocio irritado por semelhante procedimento, convocou novo Concilio, excommungou e depôz o Papa, intitulando-se Patriarcha Ecumenico ou Universal, titulo que causou em Roma notavel escandalo.

Phocio pretendia, conforme antigas idéas, que a primazia tinha sido transferida para Constantinopla juntamente com o throno Imperial; quando menos era este o pretexto para a independencia da Igreja Grega, cujo projecto desde logo concebeu. Formou portanto uma serie de accusações contra a Igreja Latina, e tratou de desacredita-la no animo do povo. Basilio, o homicida e successor de Miguel III, cortou a contenda mandando restabelecer o Patriarcha Ignacio. Phocio foi desterrado, e n'um Concilio de Constantinopla (oitavo Concilio geral), em que se acharam tres Legados de Adriano II, fulminaram-se excommunhões contra elle. A paz pareceu restabelecida, mas não podia durar, porque já não era possivel extinguir a competencia.

Ignacio foi também ameaçado de excommunição por causa da conversão dos Bulgaros, cujas Igrejas ficaram pertencendo á jurisdicção do Patriarcha de Constantinopla. Roma as reclamou pelos Legados de Adriano, porém um Concilio de Constantinopla decidiu a favor do Patriarcha. Depois da morte de Ignacio, voltou Phocio ao seu antigo credito na côrte; João VIII o reconheceu, e um Concilio de cerca de 400 Bispos, congregado em Constantinopla no anno 979, o restabeleceu solemnemente, annullando os pareceres dos outros Concilios, que o tinham condemnado. Phocio não consentiu em renunciar a sua jurisdicção a respeito da Bulgaria, e o Papa fulminou excommunhões. Seus successores não quizeram reconhecer a Phocio, o qual, desterrado de novo por Leão o Philosopho, morreu a final deixando a origem de um schisma eterno, cuja influencia foi bem terrivel para a Religião.

O rompimento total só aconteceu no meiado do seculo undecimo. O Patriarcha Miguel Cerulario, menos habil e tão ambicioso como Phocio, emprehendeu livrar-se dos Papas, e começou a invectivar a Igreja Latina, accusando-a de muitas abominações. O odio do Patriarcha ainda mais se exacerbou por causa de uma carta muito forte de Leão IX, que arguia aos Gregos mais de noventa heresias, condemnadas pela Igreja Romana; e provava o poder temporal dos Papas com a doação de Constantino. Os Legados do Papa, que Cerulario não quiz receber, deixaram no altar de Santa Sophia um acto de excom-

munhão contra o Patriarcha. Cerulario da sua parte respondeu por meio de um Decreto muito injurioso; e assim se consumou o fatal rompimento.

Os Gregos despresavam em summo gráo os Romanos, pois os tinham por barbaros ignorantes; e indignando-se do imperio que os Papas pretendiam ter sobre todo o Universo, davam excommunhões por excommunhões. Os Imperadores de Constantinopla, necessitando dos socorros do Occidente, algumas vezes se empenharam em reunir ambas as Igrejas; porém os interesses politicos não suffocam os odios e desavenças religiosas. O Schisma, posto que tivesse havido algum intervallo de paz aparente, perpetuou-se. Ainda teremos occasião de tratar deste mesmo assumpto.

CAPTULO XL.

Os Normandos na Italia. Guilherme o Conquistador. Guerra do Sacerdocio com o Imperio. Gregorio VII. Henrique IV. A Inglaterra. Thomaz Becket. A Allemanha. A Italia. A Hespanha (*).

Temos que atravessar uma grande epocha, pejada de successos memoraveis, em que veremos, além de conquistas e de outras guerras, as do Sacerdocio com o Imperio. Quizeramos individuar os acontecimentos para não confundir as datas; mas crusam-se os factos com tal correlação, que não é possivel separa-los, desde o meiado do seculo undecimo até o decimo-terceiro. Chegamos ao tempo em que os Papas, esquecidos dos limites e obrigações do seu ministerio de paz, começam a atear o incendio das guerras civis, armando os vassallos contra os Principes, e alvorotando a Europa toda com os

(*) Desde meiado do seculo xi até fins do seculo xii.

terrores da superstição. O celebre Gregorio VII foi o autor d'estes males; mas de longe estava tudo preparado, e os factos que precederam o seu Pontificado explicam muito melhor as suas funestas emprezas.

Prescindiremos dos Pontificados, em que Hildebrando (depois Gregorio VII) governou longo tempo a Igreja de Roma, antes de ser Papa, por morte de Alexandre II, em 1073. Antes porém de entrarmos no emaranhado labyrintho de suas desavenças com o Imperador Henrique IV, citaremos dois factos memoraveis, por onde deve começar a epocha que nos occupa. O primeiro foi o estabelecimento dos Normandos na Italia, facto notavel, assim por sua singularidade como pelos seus effeitos. Os Normandos, que por sua destemida affoutesa e ambição, eram os mais valentes guerreiros d'aquella epocha, foram chamados á Italia, ora como aliados dos Gregos, ora dos seus inimigos. O Duque de Napoles, a quem tinham utilmente servido contra o Duque de Capua, deu-lhes um grande territorio entre as duas cidades, onde fundaram Aversa em 1029.

Este estabelecimento attrahiu novos aventureiros; tres filhos de Tancredo de Hauteville, Fidalgo Normando, lançaram os fundamentos de um Estado para a sua familia. Vendo Leão IX as terras da Igreja expostas a uma invasão, pediu tropas ao Imperador, e com um exercito composto de Allemães e Italianos, foi atacar os Normandos em pessoa; porém foi derrotado e preso

por estes guerreiros, que ainda assim lhe pediram a absolvição restituindo-lhe a liberdade. Nicoláu II fez ainda mais, deu-lhes em feudo todas as terras que podessem conquistar na Italia. O autor d'esta politica ambiciosa era o famoso Hildebrando, Monge Italiano de baixo nascimento, mas austero, habil, de animo ousado e condição indomavel; zeloso da reforma da Igreja, e muito mais das pretensões da Curia Romana, capaz de leva-las ao ultimo excesso, e de sustenta-las com a ultima violencia.

O segundo facto refere-se tambem á conquista dos Normandos. Já dissemos que Duarte o Confessor, Principe da familia real dos Anglo-Saxões, tinha morrido sem successão. Tendo passado a sua mocidade na Normandia, amava muito o Duque Guilherme, filho bastardo do Duque Roberto, e quiz declara-lo seu successor; porém os Normandos se tinham tornado odiosos em Inglaterra, e a Nação elegeu Haroldo, senhor poderoso, cuja politica se dirigia desde muito tempo a occupar o throno. Todavia, servindo-se Guilherme de um testamento de Duarte a seu favor, falso ou verdadeiro, que isto não vem para o caso, ousou emprehender a conquista da Inglaterra. Com effeito, desembarca Guilherme com 60 mil homens, alcança uma victoria decisiva em Hastings, onde morreu Haroldo; força os Inglezes a submeterem-se, e reina pelo direito das armas.

Alexandre II tinha protegido a conquista de Guilherme, e por isso recebeu pela primeira vez

a Inglaterra um Legado. O Monge Italiano Laufranco subiu á cadeira de Cantuaria, Primaz do Reino, e trabalhou efficaçmente para arraigar n'elle os principios ultramontanos. Mas Guilherme, assim devoto como parecia, não o era tanto que submettesse os direitos da corôa á Igreja. Quiz que os Canones dos Synodos, e as mesmas Bullas do Papa, só tivessem effeito com o sello da autoridade real. No seu reinado não fez o Clero alteração alguma.

Foi finalmente Hildebrando eleito Papa, por morte de Alexandre, com o consentimento do Imperador Henrique IV. Não antevia o joven Imperador as desgraças que lhe causaria este Pontifice; nem seria facil de crer, que um Monge pretendesse a Monarchia Universal, que contemplasse todos os Reis Christãos como seus vassallos, e que realmente intentasse submete-los como taes ao seu poder. Sem embargo, as suas proprias cartas o demonstram. Principia pois declarando as suas pretensões sobre a Hespanha, e ordena que se lhe pague um tributo pelas conquistas, que n'ella se fizerem aos Sarracenos; *porque o Reino da Hespanha não pertence actualmente a nenhum mortal, mas só á Sé Apostolica.*

Felippe I de França, Principe fraco e vicioso, retardava a sagração do Bispo de Macon, e era accusado de simonia; Gregorio VII o ameaçou, e o declarou tyranno; Filippe se submetteu, e a França viu-se entregue a um Legado terrivel. Bispo de Die, que foi o flagello da Nação. Armado sempre de excommunhões contra a simonia e

os casamentos dos Clerigos, experimentou que os vicios eram mais difficultosos de subjugar, que os Soberanos. Quasi por toda a parte não era então havido o celibato como obrigação por uma grande parte do Clero e do povo, apesar dos antigos decretos dos Concilios. Bradavam pois todos no Occidente, como se faria no Oriente, se um Patriarcha de Constantinopla intentasse submeter o Clero Grego ao celibato (*).

Nenhuma outra cousa roubava tanto os cuidados ao Pontifice, como fazer o Sacerdocio independente dos Principes, e d'este modo mais

(*) No Concilio de Nicea, em 325, Paphnucio, Bispo da Thebaida superior, oppoz-se fortemente á lei do celibato que se pretendia impôr aos padres. Não foi senão quasi no setimo seculo, que se uniu ao celibato uma idéa de perfeição e de virtude. Gregorio VII, perseguidor zeloso dos clerigos casados, excitou grandes perturbações; o Papa foi tratado de herege, que alterava a doutrina de J. C. e de S. Paulo. *Se elle porfiar, estimamos mais renunciar o sacerdotio do que as nossas mulheres, e poderá procurar Anjos para governar as igrejas.* Esta era a linguagem, como dizem os historiadores d'aquella idade, mais trivial do clero. O Bispo de Moguncia esteve a ser maltratado pelo seu clero, quando quiz introduzir esta innovação em Erfurt. No ultimo Concilio geral (de Trento) o celebre Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeo dos Martires, sustentou sempre a doutrina contraria ao celibato, que teria prevalecido sem duvida, se aquelle Concilio não fosse pela maior parte composto de Regulares, que a isto se oppunham. Não é necessario pois collocar na ordem dos escandalos publicos o procedimento dos clerigos, que não queriam suscitar-se a uma lei nova, manifestamente contraria ao voto da natureza.

dependente de Roma. D'ahi veiu a grande questão da *investidura*, que o Papa tratou de simonia, prohibindo, sob pena de excommunhão, o recebe-la dos Leigos. Esta foi a origem das guerras entre o Sacerdocio e o Imperio. Achava-se o Imperador Henrique IV a braços com a guerra civil, quando recebeu uma intimação para comparecer ante o Papa como accusado por seus vassallos; o Imperador respondeu fazendo depôr o Papa no Concilio de Worms. Proferiu então o Pontifice em pleno Concilio o terrivel anathema pelo qual tirou ao Rei Henrique o reino Teutonico com o da Italia, desobrigando todos os seus vassallos do juramento de fidelidade. — Foi esta a primeira vez, que um Soberano foi deposto pelo Papa; porém esta serviu de modelo a outras muitas.

Esta sentença determinou os Allemães a rebelarem-se. Porém nada é tão escandaloso, como ver no Concilio de Roma, onde tal sentença foi dada, a celebre Condessa Mathilde e sua mãe Beatriz, senhoras de uma grande parte da Italia, seguindo ás cegas o partido do Papa Gregorio contra Henrique seu proximo parente. Então uma Junta de Tibur deliberava, e o Rei humilhou-se tanto, que os Grandes declararam a sua deposição, se dentro de um anno não fosse absolvido. Amedrontado Henrique, pediu misericordia ao Pontifice, foi á Italia e recebeu a absolvição; obrigando-se a comparecer ante a Dieta da Alemanha, e a submeter-se ao juizo do Papa. Henrique promette tudo; porém animado pelos

Lombardos, falta á sua palavra, em virtude do que foi deposto pelos Allemães.

Em seu lugar foi eleito Rodolfo, Duque de Suabia. O Papa não se atreveu logo a declarar em favor de um nem do outro. Depois de correr fortuna varia ganhou Henrique uma batalha, em que foi morto Rodolfo; fez depôr o Papa em um Concilio, e nomear em seu lugar a Gilberto, Arcebispo de Ravena; e com um exercito e o seu Anti-Papa marchou para a Italia. Gregorio VII, encerrado em Santo Angelo pôde fugir para Salerno, onde morreu no seguinte anno de 1085, depois de haver fulminado novas excomunições contra o Anti-Papa e o Imperador. As ultimas palavras que proferiu, tiradas da Escrip-tura, dignas teriam sido do maior Santo: *Amei a justiça e aborreci a iniquidade, e por isso acabo n'um desterro.* Porém, como casar estas palavras com as de Jeremias, tantas vezes repetidas em suas cartas: *maldito seja aquelle que não ensanguenta a sua espada?*

O Conquistador da Inglaterra, com o vigor da sua politica, foi o unico que se fez respeitar de um Papa, que mettia debaixo dos pés as corôas. Prohibiu que os Bispos fossem a um Concilio em Roma, prendeu a seu Irmão, Bispo de Bayeux, que queria ir para Roma com os seus thesouros; e quando este reclamava as immunições ecclesiasticas, respondeu-lhe: *Eu não prendo o Bispo, prendo o Conde*, porque elle tinha dado a seu irmão o Condado de Kent. Este Monarcha opprimiu de tal modo a Inglaterra, que aniqui-

lou as suas leis, os seus costumes, e até a mesma lingua. Um de seus filhos rebellando-se na Normandia, foi Guilherme combate-lo em pessoa; pelejaram ambos em combate singular sem se conhecerem, e o pai caiu ferido; reconhecendo o Principe Roberto, lançou-se-lhe aos pés, e obteve o perdão.

Por uma graça indiscreta de Felippe I, Rei de França, marchou Guilherme contra elle, pôz fogo á cidade de Manta, e chegaria com seu furor até Pariz, se não o atalhasse uma enfermidade mortal. Estando para morrer, culpou-se a si proprio de haver derramado inutilmente tanto sangue, augmentou e enriqueceu muitas Abbadias, mandou crear muitos Mosteiros, e ordenou que os seus thesouros fossem repartidos pelas Igrejas e pelos pobres. Guilherme o Ruivo, filho segundo do Conquistador, succedeu a seu pai na Inglaterra, e Roberto, que era o primogenito, ficou só com a Normandia e o Maine. Henrique, que era o mais moço, e a quem quasi nada coube, tinha de assenhorear-se pelo tempo adiante de toda a successão.

Gregorio VII parecia que reinava ainda na pessoa de seus successores. O Abbade de Monte Cassino, por elle designado á hora da morte, e eleito com o nome de Victor III, renovou o Decreto contra as *investiduras*. (*) Morreu Vic-

(*) A investidura consistia no baculo e no anel, que os Bispos recebiam das mãos do Principe. O baculo, diziam os Bispos e tambem os monges, é o symbolo da

tor III em 1088, e subiu á cadeira apostolica Urbano II, o qual logo declarou, que seguiria fielmente as maximas de Gregorio VII. Com effeito, renovou-se o escandalo das investiduras; e em um Concilio de Autum foram excommungados Felippe I e o Imperador Henrique IV. — Felippe I, tendo repudiado sua mulher, a Rainha Bertha, e casado com Bertrada, terceira Esposa do Conde de Anjou, foi ameaçado pelo Papa de excommunhão, se não se separasse d'esta e admittisse de novo aquella; mas o Rei submetteu-se antes á excommunhão do que renunciar a Bertrada.

Entretanto chegaram os Normandos a ser poderosissimos na Italia. Roberto Guiscard, depois de ter tomado ao Imperio tudo o que possuia na Italia, fez tremer os Gregos em Constantinopla. Os seus talentos reviveram em Boemundo, seu filho, um dos mais celebres heróes das Cruzadas. Já a Sicilia pertencia aos Normandos; os Sarracenos e os Gregos estabelecidos na Ilha tinham-se submettido. Ainda que os Normandos se reconhecessem feudatarios da Santa Sé, não havia ninguem que menos escravo fosse do Papa do

autoridade pastoral; o anel indica o casamento espiritual do Prelado com a sua igreja; logo os que dão a investidura com o baculo e o anel pretendem dar o Espirito Santo, e consequentemente são simoniacos e hereges. Quando se rendia homenagem, mettiam-se as mãos entre as do Soberano: este era o crime de tanta deshonra para o sacerdocio. Similhantes rasões, corroboradas com anathemas, não admittiam replicas.

que elles. Quiz Urbano II ter um Legado na Sicilia, e foi-lhe negado pelo Conde Rogerio; o Papa teve que ceder, nomeando por uma Bulla o mesmo Rogerio legado *a latere*.

Pascoal II succedeu a Urbano II, que morreu no anno de 1099. Alguns Legados do Papa Pascoal excommungaram de novo a El-Rei Felippe n'um Concilio de Peitiers. Parte dos assistentes sublevaram-se no Concilio: choveram as pedras sobre os Legados e sobre os Bispos, e um Clerigo saiu com a cabeça quebrada. Todavia, Felippe sollicitava com fervor a absolvição, e dobrou emfim o Papa; o Rei foi absolvido por um Legado, depois de ter ido descalço a um Concilio de Pariz jurar, que renunciaria o trato com Bertrada; porém apesar do juramento continuaram a viver juntos, e seus filhos foram declarados aptos para succeder á corôa. D'onde se conjectura, que o seu casamento fôra approvado, ou que o Papa dissimulára, porque estava occupado com negocios mais serios.

O Imperador Henrique IV, sempre exposto aos anathemas de Roma, era um espantoso exemplo dos males nascidos do abuso do poder ecclesiastico. Urbano II e a Condessa Mathilde tinham feito rebellar-se contra elle seu filho Conrado; e depois da morte d'este, Pascoal II deu artificiosas traças para que se rebellasse o mais moço Henrique, sob pretexto de defender a Igreja. Preso o Imperador, forçaram-no a renunciar a corôa, e seu filho Henrique foi coroado em Moguncia perante os Ministros do Papa. Finalmente

Henrique IV morreu em Liège no anno de 1106, depois de ter enviado ao rebelde a sua espada e a corôa. Para cumulo de horror, fez o filho desenterrar o cadaver do pai; pois cumpria perseguir até a sepultura um Principe excommungado. — Assim acabou este Imperador, que entre alguns vicios possuia muitas virtudes; contam que elle se achára em sessenta e seis batalhas.

Henrique V triumphante pelo parricidio, não reccou sustentar contra o Papa o mesmo direito de investidura, pelo qual tinha sido seu pai excommungado. O Papa pretendeu armar a Europa contra elle; porém Henrique dissipou a tempestade, e apresentou-se na Italia com um exercito. Fez-se então um tratado entre o Papa e Henrique, que ambos tinham intenção de violar, assim que se apresentasse occasião. Com effeito, renovaram-se as excommunhões e a guerra civil; e com quanto o Papa Pascoal não se atrevesse a excommungar Henrique, faziam-no por elle os seus Legados e os Concilios; a rebelião progredia, e os Saxões tomavam o seu partido com outros muitos rebeldes. Entretanto, morre a Condessa Mathilde, deixando todos os seus Estados á Santa Sé; porém como a maior parte eram feudos do Imperio, veiu Henrique V tomar posse, e fez-se coroar em Roma.

Morto Pascoal, Calixto II desobrigou os vassallos do Imperador do juramento de fidelidade. Acossado Henrique pelos rebeldes, buscou com prudencia a sua segurança na paz, que se concluiu na Dieta de Worms, abandonando elle o

direito da investidura, assim como a *Suzerania*, sobre as terras da Igreja. A paz entre o Sacerdocio e o Imperio foi estabelecida por um Concilio geral de Latrão, onde se acharam mais de tresentos Bispos. Morto o Imperador Henrique V, grandes desavenças se suscitaram sobre a successão, porque o Imperador morreu sem filhos. Eleitos ao mesmo tempo Conrado, Duque de Franconia, e Lothario, Conde de Suplemburgo, ateou-se a guerra civil. Honorio II, que tinha succedido a Calixto II, admittiu a Embaixada de Lothario, enquanto Conrado passava á Italia, e se fazia coroar em Moura, e depois em Milão.

Veiu augmentar ainda mais este incendio o Schisma na Igreja entre Innocencio II e Anacleto: o primeiro tinha sido eleito clandestinamente; tinha porém grande arrimo em S. Bernardo, que o fez reconhecer em França, na Inglaterra, e pelo Imperador Lothario. Este desgraçado schisma foi tambem parte para derramar-se muito sangue na Italia e na Allemanha. Com a morte de Anacleto fez S. Bernardo submeter-se a Innocencio o Anti-Papa Gregorio; e o triumpho da Igreja foi para o Santo uma corôa de gloria. Os Romanos se sublevaram e restabeleceram o Senado; Innocencio II morreu de paixão, em consequencia d'este attentado; Celestino II, seu successor, governou só cinco mezes. Depois d'elle veiu Lucio II, que foi morto ás pedradas por querer lançar fóra do Capitolio os Senadores. — Seguiu-se Eugenio III (*),

(*) No Pontificado de Eugenio III foi que Graciano,

Monge de Claraval e discipulo de S. Bernardo, que não podendo supportar a insolencia dos Romanos, retirou-se para França, asilo dos Pontifices que não dominavam em Roma.

A Inglaterra não devia isentar-se d'esta regra geral dos costumes religiosos d'aquelle tempo. Luiz o Moço, Rei de França, teve a imprudencia de divorciar-se de Leonor, sua esposa e herdeira de Guiena e do Poitou, a qual casou logo com Henrique Plantageneto, Duque da Normandia, que veiu a ser Rei de Inglaterra depois de Estevam, porque era neto de Henrique I por sua mãe a Princesa Mathilde. Já a Inglaterra gosava de um bom governo, e Henrique pretendeu restringir o extremado poder do Clero, servindo-se da influencia do seu Chanceller Thomaz Becket, Clerigo atilado e brioso, a quem elevou á cadeira de Cantuaria, Primaz do Reino. Porém longe de encontrar o apoio que pretendia, achou grande opposição da parte de Thomaz, condemnando os

monge da Toscana, publicou o seu famoso *Decreto* ou colleção de Canones, intitulado: *Concordia dos Canones discordantes*; obra que veiu a ser a base do Direito Canonico. Observaremos com *Giannone* um grande passo da politica de Roma: quanto mais cultivado era o direito civil, tanto mais importava fazer com que dominasse o Direito Canonico. Opposeram uns a outros livros, seguindo o mesmo methodo: o *Decreto* ás *Pandectas*; as *Decretas* ao *Codigo*; o *Sexto*, ás *Clementinas*, e as *Extravagantes* ás *Novellas*. Paulo IV fez compôr as *Institutas* Canonicas para oppô-las tambem ás *Institutas* de Justiniano. (*Veja-se a Hist. de Napoles*, Liv. XIV).

artigos de Clarendon, e excommungando os Ministros de Henrique II.

As cousas pareciam serenadas na Inglaterra pela intervenção de Luiz o Moço; porém o Prelado voltando ao reino excommungou o Arcebispo de York por ter sagrado em sua ausencia o filho primogenito de Henrique, associado á corôa. Algumas palavras indiscretas do Rei em um transporte de colera, deram logar ao monstruoso assassinato de Thomaz na sua Igreja. O Rei teve a prudencia de aquietar a Côrte de Roma, submettendo-se ás suas decisões, e fazendo penitencia sobre a sepultura de S. Thomaz de Cantuaria, a quem o povo honrava como Martyr, como um Thaumaturgo. Henrique II tinha conquistado a Irlanda, e submettido o Rei da Escossia a reconhecer-se seu vassallo; porém não podia conter seus tres filhos na obediencia, e morreu em 1189 consumido de pesares, depois de haver consentido em um tratado a favor do rebelde Ricardo, seu filho primogenito e seu successor.

Antes de passar adiante, lancemos um rapido olhar pela Allemanha, pela Italia e pela Hespanha. No tempo dos Imperadores da casa de Franconia quasi que se anniquilou a autoridade real na Allemanha. Já no tempo da casa de Saxonia estava ella mui decaída, por causa do governo feudal, e pelas muitas concessões feitas ao Clero. Mas as disputas de Henrique IV e de Henrique V com os Papas acabaram de confundir tudo; assim como os Normandos e o Clero. Á medida que a corôa ia perdendo os seus di-

reitos, augmentavam os Estados os seus. Diz expressamente um contemporaneo de Henrique IV, que todos os negocios publicos deviam regular-se por conselho e autoridade dos Duques. N'uma palavra, assenhorearam-se os Estados de todo o governo publico.

Quando a casa de Suabia subiu ao throno, o Reino da Allemanha abrangia parte da França, e tinha por limites d'aquella parte o Rhodano, o Saona, o Mosa e o Escalda. Se tão pouca autoridade tinha o Imperador no centro, que poderia elle na circumferencia? Com a casa de Suabia augmentou-se alguma cousa a autoridade do Principe. A jurisprudencia romana começou a introduzir-se em tempo de Conrado III, e os principios de Justiniano vigoraram o poder, que se tinha enfraquecido com as leis germanicas. Veremos tambem como Frederico Barba-Ruiva, para augmentar sua autoridade, dividiu e subdividiu os Estados, augmentou o numero dos Principes e das cidades livres, e enfraqueceu por este meio o corpo Germanico. Seu exemplo foi seguido por Henrique VI, e depois por Frederico II.

Davam os Imperadores o titulo de Rei; d'esta maneira os Ducados de Polonia e Bohemia se tinham convertido em reinos tributarios. A Hungria tinha seus Reis independentes, e alli respirava ainda o feroz valor dos antigos Hunos. A Russia era todavia mais barbara. Os Reinos de Suecia e de Dinamarca quasi que não mereciam mais attenção. Estes paizes, d'onde tantos povos conquistadores se tinham espalhado para a parte

meridional da Europa, apenas offerecem alguns laivos obscuros para o quadro da historia universal. Um Erico foi o que fez o primeiro codigo que teve a Suecia; e Waldemar I, Rei de Dinamarca, foi o fundador da cidade de Dantzick. O Christianismo, desde muito tempo prégado aos povos do Norte, só muito tarde se arraigára entre elles, e a ignorancia entretinha a barbaridade.

Na Italia, mais que n'outra parte, as pequenas facções, a anarchia e a violencia, tinham reduzido tudo a espantosa confusão e miseria. Genova e Veneza tão sómente se exaltavam por via do commercio. Genova tinha tomado a Corsega aos Arabes; Veneza, menos antiga e mais poderosa, tinha-se subtraído de toda a vassallagem. A Istria, as costas da Dalmacia e Ragusa estavam debaixo do seu dominio. Tinha Veneza alcançado victorias contra os Gregos e Hungaros, e defendido o Papa Adriano IV contra o Imperador Frederico Barba-Ruiva. Estas duas republicas commerciantes, ciosas por desgraça uma da outra, fizeram-se a guerra em vez de conservar-se nos limites de uma assisada emulação. Lucca, Pisa e Florença tomaram tambem gosto á industria, e estiveram a ponto de ser livres. Emquanto as armas eram honradas no resto da Europa, começam as artes a renascer na Italia.

No fim do seculo XI deixámos a Hespanha dilacerada pelos Mouros e Christãos; uns e outros entregues ás guerras civis, e os ultimos fundando pequenos reinos, que necessitavam de um chefe unico para serem uma potencia. Emquanto sub-

sistir a divisão n'este paiz, só faremos menção de alguns feitos mais notaveis, que sirvam de esclarecimento para a historia da monarchia Hespanhola. No tempo de Affonso VI, Rei de Leão e de Castella, Rui Dias (o Cid Campeador) se assignalou em grandes feitos, a que muitas fabulas ajuntou o amor do maravilhoso. Foi o Cid ao cerco de Toledo, expedição que attraiu varios guerreiros estrangeiros como uma Cruzada. Perderam os Mouros esta importante cidade em 1085, da qual fez D. Affonso a sua capital. Em 1094 fez tambem o Cid a conquista de Valença.

Bernardo, Monge de Cluni, foi Arcebispo de Toledo; Urbano II deu-lhe o titulo de Primaz; titulo que outros Metropolitanos tem contestado. D. Affonso tenta estabelecer o Officio Romano em lugar da antiga lithurgia gothica ou *Mosarabica*; mas em vão, e só annos depois é que foi admittido em algumas Igrejas. Morreu D. Affonso em 1109; e o Conde D. Henrique, seu genro, filho de um Duque de Borgonha, teve por dote um Principado em Portugal, novamente conquistado aos Mouros. Cae Saragoça em poder dos Christãos; e como fosse tomada em 1118 por D. Affonso o *Batalhador*, Rei de Aragão e de Navarra, fez d'ella sua capital, como Toledo o era do Reino de Castella. Este Principe, derrotado pelos Mouros em 1134, morreu de paixão oito dias depois, legando os seus Estados á Ordem dos Templarios.

Entretanto os Aragonezes elegeram um irmão do defunto Rei, Monge velho, incapaz de gover-

na-los, e os Navarros acclamaram outro Principe; esta desavença expunha os Estados a serem presa dos Mouros. D. Affonso VIII, Rei de Castella, os salvou por um prompto soccorro, e ufano com isto tomou o titulo de Imperador das Hespanhas. Vieram os Templarios reclamar a corôa de Aragão em virtude do testamento de D. Affonso o Batalhador, porém contentaram-se com algumas terras onde se estabeleceram. Conforme as apparencias foi creada, á imitação do Instituto dos Templarios, a Ordem militar de Alcantara em 1158, a quem D. Affonso VIII deu em feudo tudo quanto os Cavalleiros podessem conquistar aos Mouros. A Ordem militar de Calatrava, sujeita á observancia de Cister, foi instituida dois annos depois, e a de Sant-Iago em 1161. Nasciam as fundações umas das outras.

D. Affonso Henriques, Conde de Portugal, recebeu de seus soldados o titulo de Rei, depois de uma batalha ganhada aos Mouros em 1139; aos quaes tomou depois a cidade de Lisboa. O Papa Alexandre III fez o novo Reino de Portugal tributario da Santa Sé, exigindo dois marcos de ouro annualmente. Tendo no fim do seculo XII casado o Rei de Leão, D. Affonso IX, com uma sua prima, filha do novo Rei de Portugal, veiu um Legado de Celestino III annullar este casamento, e pôr em interdicto os dois reinos. Passado pouco tempo tornou o Rei a casar com D. Berengela de Castella, que tambem era sua parenta. Fulminou Innocencio III a excommunhão e o interdicto, e o Rei teve que sujeitar-se,

separando-se da sua segunda esposa, depois que o Pontifice declarou legitimos os seus filhos.

Tendo D. Pedro II, Rei de Aragão, casado em Montpellier com a herdeira do Conde d'esta cidade, passou a Roma, fez-se coroar por Innocencio III em 1204, e obrigou a sua corôa a pagar um censo annual á Santa Sé. Protestaram os Estados de Aragão contra tal empenho, que infallivelmente seria havido como tributo, e sustentaram que sem o seu consentimento não podia o Rei submeter-se a tanto. Nunca Principe algum se tinha feito coroar em Roma, sem expôr os direitos da soberania. Entendeu o Papa que de si dependia a coroação: pelo menos obrou como se assim fôra, pois permittiu que os Reis de Aragão se fizessem sagrar e coroar em Saragoça.

Eis-ahi o que ha digno de notar-se na historia da Hespanha até o seculo XIII, — a qual não se liga inda com os negocios geraes; tudo se acha dividido. Os Mouros perdiam muito terreno, mas os Christãos achavam-se divididos em cinco pequenos reinos (Leão, Castella, Navarra, Aragão e Portugal), sujeitos a frequentes revoluções, e em guerra muitas vezes uns contra os outros, de modo que só offerecem uma mistura confusa de interesses e de acontecimentos, onde nem os vicios, nem as virtudes podem fazer grande estrondo. Para que as individuações sejam de algum interesse, cumpre que a politica tenha um theatro elevado, que o espirito humano se desenvolva, ou que seus erros e desvarios sejam causa de algum phenomeno extraordinario.

CAPITULO XLI.

As Cruzadas. Innocencio III. Frederico II. Gregorio IX.

S. Luiz. A Hespanha (*).

Tornemos atraz para dar conta do principio que tiveram estas guerras, chamadas *Santas* por causa do seu objecto; inspiradas primeiro por um motivo de Religião, a que se ajuntaram depois outros menos respeitaveis; guerras enfim que consideradas nos seus effeitos, foram certamente funestas para a Religião, assim como para os Estados da Europa. Tinha Gregorio VII o grande projecto de armar a Europa para a conquista da Palestina; em uma de suas cartas se lê que tinha já mais de cincoenta mil homens promptos a marchar debaixo de suas ordens. Retiveram-no as suas guerras com o Imperador Henrique IV. — Mas não tardou muito occasião

(*) Desde fins do seculo XII até o fim do seculo XIII.

mais favoravel, de que se lançou mão com grande ancia, como veremos pelos seguintes factos.

Um Eremita da Picardia, chamado Pedro, vindo de volta de Jerusalem, onde fôra em peregrinação, pintou de uma maneira tão viva a oppressão da Cidade Santa, e os máus tratamentos que alli experimentavam os Christãos, que Urbano II o julgou proprio para pôr em movimento os Reis e os povos. O Eremita, coberto de andrajos, descalço, fallando como Propheta, e como tal ouvido e respeitado, diffundiu por toda a parte o seu enthusiasmo. Indicou o Papa um Concilio em Placença no anno de 1095 para resolver sobre a expedição; concorreram a elle milhares de pessoas. Os Italianos approvavam a empresa, mas não passavam de estereis applausos. No Concilio de Clermont na Alvernia, celebrado no mesmo anno, logrou o Papa excitar o enthusiasmo da nação Franceza. *Deus assim o quer*, gritaram todos, e empenharam-se para receber das mãos dos Papas uma Cruz de pano encarnado, que pregavam no vestido.

D'esta Cruz nasceram os nomes de *Cruzada* e de *Cruzados*, que se deram tanto á guerra da Palestina, como a esta nova milicia. Muito tempo havia que estava em moda a peregrinação de Jerusalem. Os Sarracenos, ou sectarios de Mafoma, eram detestados, não só por suas empresas na Europa, como por suas vexações na Asia. Todos julgavam que não havia cousa mais do agrado de Deus do que libertar o Santo Sepulchro. Demais d'isso a paixão das armas absorvia todas as outras

paixões, as aventuras encantavam sobremaneira, a gloria e a fortuna attraíam os valentes. Hugo, irmão do Rei Felippe; Roberto, Duque da Normandia; Godofredo de Bulhon, Duque da baixa Lorena e do Brabante; Eustachio e Balduino, seus irmãos; Raimundo, Conde de Tolosa; Roberto, Conde de Flandres, todos estes entraram no numero dos Cruzados: Bispos, Sacerdotes, Monges, mulheres e meninos, todos se alistaram na santa milicia.

Os melhores historiadores contam obra de um milhão e trezentos mil homens no numero dos primeiros Cruzados. O Eremita Pedro, em sandalias, com uma corda grossa na cintura, servindo de General inspirado, foi o primeiro que partiu á frente de oitenta mil homens sem provisões nem disciplina. Este exercito de bandidos foi quasi todo exterminado antes de chegar a Constantinopla. Outro igual, commandado por Godescaldo, Presbytero Allemão, tambem foi desbaratado pelos Hungaros. Comtudo, o Eremita Pedro, com o resto do seu exercito, foi bem acolhido por Aleixo Commeno, que logo teve de arrepende-se, dando traça para que os Cruzados fossem para a Asia, onde acabaram ás mãos dos Turcos; voltando Pedro para Constantinopla a esperar novos Cruzados.

Chegam a Constantinopla os Principes Francezes, aos quaes se tinha reunido tambem Boemendo, filho de Roberto Guiscard, e causam grandes receios ao Imperador, que se desembaraça d'elles, proporcionando-lhes todos os auxilios

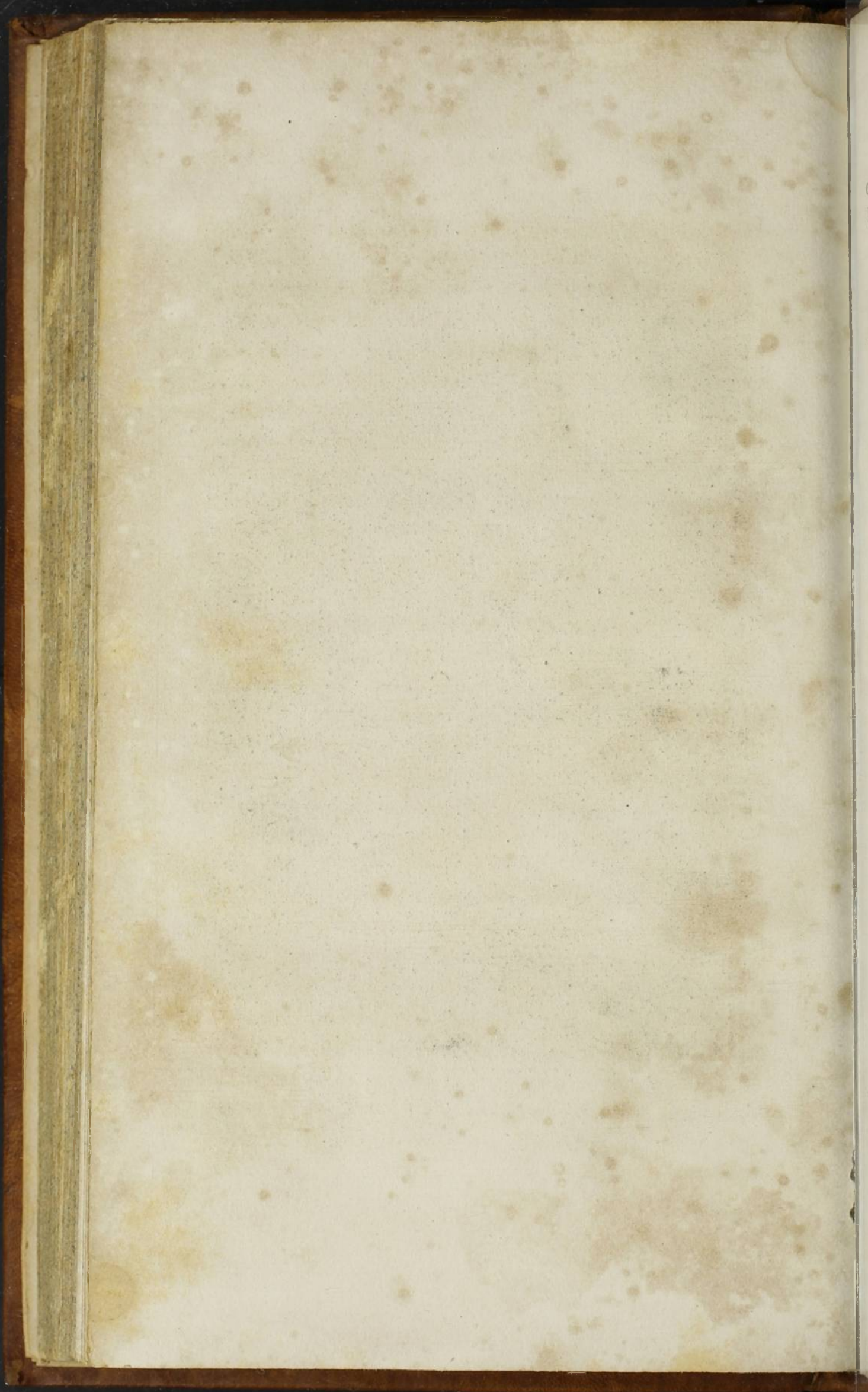
necessarios para passar á Asia. Os Turcos achavam-se então desunidos e expostos a discordias entre si. — Mais de seiscentos mil guerreiros iam dar sobre estes inimigos do nome Christão; faltava-lhes porém o que assegura as victorias, que é a união dos cabos, a prudencia e a disciplina. Todavia Nicea foi tomada a Solimão em 1097, e as tropas do Soldão duas vezes desbaratadas. Balduino penetrou na Mesopotamia, tomou Edessa, e nella fundou um Principado. Antioquia succumbiu depois de um longo cerco em 1098, e os Christãos sitiados depois n'esta cidade por duzentos mil infieis, alcançaram contra elles uma completa victoria.

Finalmente marcharam os Cruzados para Jerusalem com um pequeno exercito, e apesar d'isso no fim de cinco semanas foi a cidade tomada de assalto em 1099, e não escapou nada á carniceria. Fartos de sangue, correram descalços a visitar o Santo Sepulchro com religioso transporte. Este contraste de barbaridade e piedade pinta ao natural os costumes do seculo, e explica os acontecimentos. Foi Godofredo eleito Rei de Jerusalem, apesar da opposição do Clero, que pretendia fazer primeiro a eleição de um Patriarcha. Tal foi o fructo da primeira Cruzada, exagerada na Europa por aquelles mesmos que mais se empenhavam em continuar esta guerra desastrosa. Tres ordens monasticas e militares se estabeleceram em Jerusalem: os Hospitalarios, os Templarios, e os Cavalleiros Teutonicos.

Fallaremos agora da segunda Cruzada. A dis-



CRUZADAS



cordia tinha enfraquecido os Christãos da Asia. Já os Turcos tinham tomado Edessa, e todos temiam por Jerusalem, quando Eugenio II, cincoenta annos depois que começaram as Cruzadas, recebeu varios deputados do Oriente, que instavam por outra. S. Bernardo move o Rei de França, Luiz o Moço, a fazer-se Cruzado; e depois de renunciar o mando que lhe davam, partiu para Allemanha, onde conseguiu o mesmo de Conrado III. Ambos os Principes partiram com um grande exercito cada um. Conrado chegou primeiro a Constantinopla, e passando á Asia foi completamente derrotado pelo Soldão de Iconia, melhor cabo do que elle. Fugindo então para Antioquia, fez a peregrinação de Jerusalem, e voltou para Europa com bem poucos soldados.

O mesmo successo teve Luiz o Moço na sua expedição; vencido pelos Turcos, depois de ter fugido para Antioquia e feito a peregrinação de Jerusalem, tornou para França com a unica vantagem de ter visitado o Santo Sepulchro, e com a dôr de julgar-se deshonrado por sua mulher, que o acompanhava. Tornaram ambos sem gloria, quasi sem acompanhamento, e sem que lhes servisse de lição o seu infortunio. Ao mesmo tempo que se perdiam tantos guerreiros n'uma expedição inutil, esteve a França pacifica sob o governo de Sugero. Chegando a ser Ministro de Luiz o Gordo, e depois de Luiz o Moço, manejou sempre os negocios como homem de estado. Elle tinha antevisto todas estas desditas, e porisso tinha-se opposto áquella triste empresa.

Antes de fallarmos da terceira Cruzada, é necessario referir alguns acontecimentos que a precederam, e até mesmo que muito concorreram para ella. Foi Frederico I, denominado Barba-Ruiva, Principe de genio sublime e destemido, eleito em 1152 para succeder a Conrado III, seu tio, que o tinha nomeado por não ter senão um filho, incapaz por seus poucos annos de sustentar a corôa. Frederico começou refreando a Italia e os Romanos, cuja insolencia se tinha tornado insupportavel. Adriano IV pretendeu que Frederico lhe pegasse no estribo, assim como dizia que lhe havia dado o Imperio em feudo; mas o Imperador cedendo pelo que tocava ás funcções de escudeiro, obrigou o Papa a desdizer-se emquanto ao feudo. Os jurisconsultos de Bolonha suppunham por outra parte o Imperador soberano do mundo.

Sem embargo d'este soberano dominio do mundo, os Lombardos sublevaram-se contra o Imperador, que tomou e arrasou Milão; porém a Lombardia ligou-se toda, e Frederico foi derrotado junto a Como, vendo-se constrangido a assignar uma tregoa por seis annos com os Lombardos. Teve tambem Frederico varias disputas com dois Papas, Lucio III e Urbano III, por não quererem consentir na sagração de seu filho, e por outras cousas mais, tendentes a interesses do Clero e a regalias da Santa Sé. Ia a contenda tomando fogo, quando tristes noticias do Oriente suscitarão a terceira Cruzada; a qual serviu de diversão, mas foi ao mesmo tempo origem de outras desgraças.

Todas as desordens lavravam na Asia com os Christãos, que ahi se tinham estabelecido; ao passo que o Mahometismo era sustentado por grandes Principes. Depois da morte de Noradino, Soldão de Alepo (em 1173), foi seu successor Saladino, oriundo da Presia, o qual se achava ao seu serviço, e o excedeu em generosidade, valor, intelligencia e grandesa d'alma. Desde que Noradino cerrou os olhos, dilatou Saladino rapidamente as suas conquistas; apoderou-se da Syria, da Arabia, da Mesopotamia e da Persia, e logo ameaçou Jerusalem, mais infeliz depois das Cruzadas do que antes d'ellas. Derrotados os Christãos junto a Tiberiada caiu Gui de Luzinhã, intitulado Rei de Jerusalem, em mãos de Saladino, que o tratou generosamente.

Rendeu-se a final Jerusalem á discricão; mas não só não imitou o vencedor as crueldades commettidas n'outras eras pelos Christãos, como despediu sem resgate grande numero de prisioneiros; e restituiu a liberdade a Gui de Luzinhã, depois de lhe ter feito jurar que não tomaria mais armas contra elle; juramento que foi depois violado com permissão dos Bispos. Não se fallava em breve na Europa senão na tomada de Jerusalem, e de uma Cruzada para salvar a Cidade Santa. Gregorio VIII e seu successor Clemente III reanimaram o enthusiasmo e abalaram a Europa. O velho Henrique II de Inglaterra e o Rei de França, Felippe Augusto, esqueceram as suas desavenças e tomaram a Cruz. Frederico Barba-Ruiva, que tambem se cruzára, foi o primeiro

que partiu, acompanhado por seu filho segundo, o Duque de Suabia.

Combateu primeiramente Frederico contra os Gregos: forçou as passagens, alcançou duas victorias contra os Turcos, tomou Iconia, penetrou na Syria, e morreu por ter-se banhado no Salif, antigamente Cydno, celebre por ter causado a doença de Alexandre. De cento e cincoenta mil homens, que compunham o seu exercito, apenas restavam oito mil, que seu filho guiou á Antioquia, onde se achava Gui de Luzinhã meditando novas empresas contra Saladino, apesar do juramento que lhe dera. Os Christãos assediaram Ptolemaida, hoje chamada S. João d'Acre, e n'este famoso cerco morreu o Duque de Suabia.

Felippe Augusto e Ricardo *Coração de Leão*, Rei de Inglaterra, ambiciosos competidores, unidos na apparencia para a Cruzada, tinham-se prudentemente embarcado afim de evitar os Gregos; mas quando chegaram ao cerco de Acre iam já desavindos. Constava o exercito Christão de cerca de trezentos mil homens; porém as desavenças, os odios e os ciumes lavravam entre elles. Comtudo a cidade foi tomada depois de um assedio de tres annos. Entretanto cresce a discordia entre os Cruzados; torna Felippe para França; Ricardo, depois de inuteis esforços, celebra uma tregoa de tres annos com Saladino, que apesar das perfidias dos Christãos, obrou sempre com a sinceridade de um homem de bem. Saladino morreu em 1193, e seus filhos desmembraram o seu Imperio; o que quasi sem-

pre tinha acontecido por morte dos conquistadores.

El-Rei Ricardo á sua volta foi preso traidoramente na Allemanha pelo Duque de Austria, que o entregou a Henrique VI. — Foi o heróe da Cruzada tratado como um corsario, e só pôde obter a liberdade por um resgate de cento e cinquenta mil marcos de prata. Felipe Augusto tinha feito rebellar-se o Principe João, irmão de Ricardo; apenas este se viu solto deixou-se arrebatado da vingança, de maneira que os dois Monarchas estiveram em guerra alguns annos. Finalmente morreu Ricardo em 1199 de um tiro de flecha no cerco de um castello do Limousin, onde julgava achar um thesouro. O seu valor procedia de um caracter arrebatado, que nunca soube moderar.

Henrique VI assenhorea-se cruelmente da Sicilia e da Pulha, mandando tirar os olhos ao joven Guilherme III, filho de Tancredo. Dizem que o Imperador fôra castigado de suas crueldades por sua propria mulher, cujos direitos acabava de assegurar. Esta Princesa o envenenou, antes que elle tivesse logrado o intento de tornar hereditaria a sua casa. Chegando é o tempo em que a Côrte de Roma torna-se mais poderosa que nunca. Innocencio III e Frederico II fazem uma epocha importante, que reunirá muitos factos dignos de ser ponderados; e porisso, antes de tratar da quarta Cruzada, diremos alguma cousa sobre um dos maiores genios, que subiu ao Throno Pontificio.

Innocencio III, por sua rara habilidade e ousadia, excedeu em empresas e felizes successos a Gregorio VII. Sendo eleito em 1198 assignalou logo a sua politica com rasgos de autoridade, apoderando-se de Ancona, Espoleto e algumas outras praças; ligou-se contra o Imperio com algumas cidades da Toscana; restringiu a Legacia da Sicilia; e se aceitou a tutoria do joven Rei Frederico, filho de Henrique VI, foi mais para opprimi-lo do que para protege-lo, pois não tardou em dar mostras do seu odio contra a casa de Suabia. Durante a menoridade de Frederico dois concorrentes disputaram entre si o Imperio: Felippe, Duque de Suabia e Franconia, tio do Imperador menor, e Othon de Brunswick, sobrinho de Ricardo, Rei de Inglaterra. Felippe foi assassinado, e Othon, a ponto de ser vencido, foi unanimemente reconhecido n'uma Dieta.

Por morte de Ricardo subiu ao throno de Inglaterra seu irmão João, denominado *Sem Terra*, porque Henrique II não lhe dera apanagio. Arthur o Moço, Duque de Bretanha, pretendeu a corôa, mas foi assassinado por ordem de João. Innocencio III durante estas revoluções ateou o fogo das Cruzadas. Balduino, Conde de Flandres, foi o chefe d'esta quarta expedição prégada em França; tomaram os Cruzados Zara na Dalmacia, cidade christã, que tinha sacudido o jugo dos Venezianos. Não tardou em cair a tormenta sobre Constantinopla, dilacerada por crueis dissensões. Isaac o Anjo, destronisado por seu irmão, foi restabelecido pelos Cruzados, com a condição

de pagar duzentos mil marcos de prata, e de submeter-se ao Papa.

Subleva-se Constantinopla; os Cruzados aproveitam-se d'esta circumstancia e tomam a cidade. Os Venezianos ganharam o Peloponeso ou a Moréa, Candia e algumas outras cidades. Porém o Imperio Latino de Constantinopla, por muito fraco e dividido, só subsistiu 58 annos. O mesmo Innocencio III queixava-se a final contra os Cruzados. A guerra *Santa* foi origem da Inquisição; se a guerra podia ser *santa* contra os schismaticos, com mais forte razão contra os hereges. As heresias cresceram no seculo XII, a França e a Italia estavam cheias de *Catharos* ou *Patarinos*, de *Humilhados*, *Pobres de Lyão*, *Valdenses* ou *Albigenses*, tendo quasi todos os mesmos principios, todos confundidos de ordinario com o nome de Maniqueus.

Fulmina Innocencio III penas temporaes contra os hereges: excommunga a Raimundo, Conde de Tolosa: dá os seus Estados, e publica a Cruzada contra os Albigenses. Não repetiremos os horrores d'esta Cruzada, nem as barbaridades do seu chefe o Conde de Monfort; o triumpho dos Cruzados foi completo. Durante a Cruzada dos Albigenses assignalou-se Innocencio III contra a corôa de Inglaterra, dando o reino de João *Sem Terra* a El-Rei de França; mas João sujeitou-se ao Papa, e reconheceu-se seu vassallo. — Os nobres de Inglaterra estimulados por tanta abjeccão obrigaram-no a assignar a *grande Carta*, que ainda hoje se contempla como fundamento

da liberdade ingleza. João a violou depois, confiado em que Innocencio III a tinha condemnado como attentatoria do poder da Santa Sé.

João morreu a final, e seu filho Henrique III foi aclamado pelos Inglezes. Em 1216 morreu tambem Innocencio III, que muitos autores elevam acima de Gregorio VII. O seu poder na qualidade de soberano foi immenso; as desordens que elle excitou na Allemanha, foram um dos principaes instrumentos da sua politica. Vencido Othon IV na batalha de Bouvines por Felippe Augusto, renunciou o throno; ao qual foi elevado Frederico II em 1212. O Papa obteve d'este mesmo Frederico II tudo quanto quiz; elle renunciou o direito de mão morta, o poder de estabelecer novas portagens, e fundar fortalezas nas terras do Clero; o qual sendo já poderoso na Allemanha, cada vez o era mais em virtude das circumstancias.

Coroado Frederico pelo Papa Honorio III, separa para sempre o Reino das Duas Sicilias do dominio do Imperio. A Italia achava-se então dividida com as facções dos Guelfos e Gibe-
linos, aquella declarada a favor dos Papas, e esta dos Imperadores; não se viam senão odios mortaes, violencias e roubos. O theatro principal das discordias era a Lombardia. Uma Cruzada recente para restabelecer no throno de Jerusalem a João de Brienne, tinha partido para o Oriente, e fôra mal succedida. O Imperador tinha-se obrigado a outra Cruzada, e Gregorio IX, successor de Honorio III, Pontifice de genio in-

domito, ordenou-lhe que cumprisse o seu voto. Finalmente embarcou-se Frederico, e obteve por um tratado a cidade de Jerusalem, Bethlem, Nazareth e Sydonia, depois de concluir com o Soldão do Egypto uma tregoa por dez annos.

Formou-lhe por isso culpa o Papa, por haver tratado com os infieis, e fulminou as mais terriveis excommunhões; sublevou a Italia, e armou os Allemães; mas Frederico, voltando immediatamente, triumphou de seus inimigos, castigou seu filho rebelde, derrotou os Milanezes em Cortenova, e suffocou as revoltas. O Papa accusa então a Frederico de impiedade e de blasphemia, e este lhe retribue denominando-o o *Grande Dragão*, o *Anti-christo*, um *segundo Balaam*, um *Principe das trevas*. Morto Felippe Augusto em 1223, seu filho Luiz VIII reinou pouco tempo. Luiz IX não passava de 12 annos, mas a firmeza da regencia de sua mãe D. Branca de Castella desvaneceu as desordens causadas pela ambição de alguns vassallos.

Findou-se o negocio dos Albigenses; o Conde Raimundo obteve a paz, depois de fazer confissão publica, e de deixar ao Papa e a El-Rei parte dos seus Estados; então pareceu catholico, e recebeu a absolvição. Luiz IX, mais conhecido com o nome de S. Luiz, apesar de muito pio, soffreu o Clero em França, e regeitou o Imperio offerecido pelo Papa Gregorio IX, suppondo todavia que se devia combater o Imperador no caso que fosse herege! Gregorio IX querendo dar o ultimo golpe no Imperador convocou um

Concilio em Roma, e chamou a elle os Bispos Francezes. Mas como Frederico tinha guardas nos caminhos de Roma, foram estes Prelados presos, e o Papa morreu de paixão, vendo que tudo lhe ia mal. Morto dentro de poucos dias Celestino IV, successor de Gregorio IX, esteve a Cadeira de Roma vaga cerca de dois annos.

Emfim o Cardeal de Fiesque foi eleito com o nome de Innocencio IV. Depois de varias negociações com o Imperador saiu este Pontifice da Italia, onde não se julgava seguro. Pediu asylo aos Reis de França, de Aragão e de Inglaterra, e nenhum quiz recebe-lo. Sem auxilio nem refugio de outra especie retirou-se para Lyão, onde convocou um Concilio, accusou o Imperador, e fulminou a sua deposição. Frederico oppoz ao Papa toda a sua energia, e susteve os seus direitos por meio das armas; até que Manfredo, seu filho natural, o envenenou em 1250. Succede-lhe Conrado IV, seu filho legitimo, e a Italia sacode o jugo do Imperio; durante o seu reinado já se não sabia o que era o Imperio nem o Imperador; ia tudo em completa decadencia.

Tornemos a S. Luiz, que era o maior Principe do seu seculo pelas suas virtudes, e pela sabedoria do seu governo. Vencedor dos Inglezes, reforma os abusos, dá regulamentos sobre os feudos, e reúne a Normandia e outras provincias á corôa. Mas S. Luiz, por desgraça da França, não pôde preservar-se das preoccupações do seu seculo. Favorecendo o Tribunal da

Inquisição fez de mais a mais, em consequencia de uma grave enfermidade, voto de cruzar-se, do qual nem sua mãe nem o Bispo de Pariz o poderam dissuadir. Duraram os preparativos perto de quatro annos. Embarcou-se S. Luiz com a Rainha e dois de seus irmãos, e foi attacar o Egypto, onde depois de correr fortuna vária caiu nas mãos dos Musulmanos com toda a nobreza.

Convencionado o seu resgate, foi depois levado pela devoção á Palestina, onde perdeu sem fructo quatro annos esperando pela redempção de Jerusalem. Quiz Deus que governasse com sabedoria D. Branca, sua mãe, na qualidade de regente; mas esta Princesa morreu nos fins de 1252, e com a sua morte resolveu S. Luiz voltar para os seus Estados; cede a El-Rei de Aragão o Roussillon e a Catalunha, e a El-Rei de Inglaterra muitas das provincias confiscadas. Rebellando-se de novo os Barões Inglezes contra o fraco Henrique III, S. Luiz serviu de arbitro entre o Rei e seus vassallos. Foi do tempo de Leicester, filho do famoso Conde de Montfort, que se introduziram no parlamento dois Cavalheiros de cada Condado e alguns deputados das villas. Esta foi a origem mais certa dos *Communs*, que Eduardo (Duarte) Iº confirmou em 1295.

Vejamos agora como desaparece a casa de Suabia na Allemanha pelo odio constante dos Papas. Conrado IV, depois de haver derrotado na Italia o exercito de Innocencio IV, morreu envenenado em 1254, como seu pai, pelo barbaro

Manfredo, seu irmão natural. O Conde de Hollanda Guilherme foi eleito Imperador pela facção ecclesiastica; mas querendo subjugar os Frisões, que se tinham rebellado, foi surprehendido e morto em 1256. Fez-se então eleger Ricardo, irmão de Henrique III de Inglaterra, que teve de desamparar a Allemanha, logo que se estancou o seu thesouro. Manfredo entretanto usurpa a corôa das Duas Sicilias a seu sobrinho Conradino. A Côrte de Roma offerece esta corôa a S. Luiz, que a regeita; porém seu irmão Carlos, Conde de Anjou, menos escrupuloso que o Santo Rei, aceitou-a, apoderou-se do reino, e mandou decapitar a Conradino e o Duque de Austria. Manfredo acabou a vida na batalha de Benevento.

As Cruzadas tinham-se tornado um genero de guerra tão commum, que para tudo se invocavam. Antes de S. Luiz tinha-se cruzado uma Rainha de Hungria; cruzaram-se cerca de cincoenta mil meninos com um grande numero de Clerigos, porque Deus, como diz a Escriptura, *dos meninos tirou a sua gloria*. O mesmo homem que tinha prégado a Cruzada dos *meninos*, pré-gou a dos pastores e camponezes, e teve em breve tempo alistados cem mil homens sob o estandarte da Cruz. Clemente IV, successor de Urbano IV, mandou prégar uma multidão de Cruzadas: em Hespanha contra os Mouros: na Hungria e Bohemia contra os Tartaros: em favor dos Cavalleiros Teutonicos contra os Pagãos da Livonia, Prussia e Curlandia: em Inglaterra contra os Barões, que Henrique III não podia

submitter: em França e na Italia contra os restos da casa de Suabia: Cruzada emfim por toda a parte para a conquista da Terra Santa.

S. Luiz deixou-se arrastar de novo pelas prevenções do seu seculo. Levado pelo seu enthusiasmo fez grandes aprestos, metteu-se ao mar e passou á Africa, onde dizem que esperava mover o Rei de Tunes a abraçar a Religião Christã. Longe de obter aquelle resultado, entraram as doenças a lavrar pelo seu exercito; S. Luiz viu acabar um de seus filhos e o outro em perigo de morte; elle mesmo morreu tambem em meio da consternação geral no 1.º de Julho de 1270. Quantos passos errados se não podem dar, apesar de uma eminente virtude, quando as preoccupações dirigem a razão! Mereceu este Principe o titulo de Legislador: a sua Pragmatica contra as usurpações da Côrte de Roma é um monumento de juizo e de prudencia. Estabeleceu solidamente o direito de appellação para as justicas regias, e fez substituir aos duellos as provas judicarias; mas as desordens triumpharam ainda longo tempo da legislação.

Findaram finalmente as Cruzadas: não que esta mania se não despertasse muitas vezes, mas não se viram mais passar á Asia ou Africa exercitos europeus para o triumpho da Cruz. Já o Imperio Latino de Constantinopla estava destruido; Miguel Paleologo lança fóra Balduino II, da casa de Courtenai, e occupa o throno, prometendo submitter a Igreja Grega á de Roma, no que não convieram nem a vaidade, nem o ciume

dos Gregos. O Imperio de Allemanha era tambem presa da anarchia; então começa o direito publico do Imperio com a origem dos Eleitores; forma-se a Liga Hanseatica com mais de oitenta cidades. Finalmente os Allemães enfastiaram-se da anarchia, e elegeram Rodolfo, Conde de Habsburgo, para Imperador, d'onde tira quanto lustre tem a actual casa da Austria.

Do espirito de partido e rebellião, que animava os Italianos em geral, procederam no Reino da Sicilia scenas atrozes e uma fatal revolução. Carlos d'Anjou tinha-se tornado odioso com os seus Provençaes; João de Procida, fidalgo Siciliano, formou seus projectos de libertar a patria, e ganhou o Rei de Aragão, Pedro III, e o Papa Nicoláu III. Os Francezes foram todos degolados no mesmo dia em 1282; a mortandade começou em Palermo na segunda feira de Pascoa á hora de Vesperas; e por isso ainda hoje chama-se esta carnificina *Vesperas Sicilianas*. Pedro III apoderou-se então da Sicilia apesar da excommunhão de Martinho IV, que protegia a casa de França. Felipe o Atrevido, successor de S. Luiz, mandou um exercito para proteger a Carlos; porém Pedro III soube desviar o golpe, attraíndo a guerra para a Hespanha.

Felipe o Atrevido morreu em Perpinhão no anno de 1286, ao voltar de uma expedição infeliz contra a Hespanha; já no antecedente eram fallecidos o Papa Martinho, Carlos d'Anjou e Pedro III. Conservou Carlos II d'Anjou o reino de Napoles: a Sicilia ficou sendo um reino á parte

para o filho segundo de Pedro: Affonso III, que era o primogenito, ficou com o Aragão. Como a Hespanha começa a entrar nos negocios geraes, occupar-nos-hemos da sua historia, antes de entrar n'outra epocha. Na entrada do seculo XIII tudo se achava ainda em desunião; os Christãos se faziam mutua guerra. Indo D. Sancho VII, Rei de Navarra, á Africa, achou ao voltar parte dos seus Estados invadidos pelos Reis de Castella e de Aragão. Vendo finalmente estes tres Principes que os Mouros começavam as suas conquistas, reuniram-se e alcançaram em 1212 a celebre victoria de Tolosa, em que perderam a vida duzentos mil Musulmanos á custa da de vinte cinco mil Christãos.

Esta victoria não teve comtudo grandes consequencias por falta de pericia militar de parte dos vencedores. Pedro II, Rei de Aragão, morreu no anno seguinte na batalha de Mureto, combatendo a favor de seu cunhado o Conde de Tolosa, victima da Cruzada dos Albigenses. Em 1214 morreu tambem Affonso IX, Rei de Leão e de Castella, depois de ter tomado Alcantara aos Mouros. Renovam-se as desordens pelas disputas com o Clero; estabeleceu-se a Inquisição, que tornou os costumes muito mais barbaros. Magôa-se entranhavelmente quem lê que S. Fernando (Fernando III, Rei de Castella) foi o mesmo que aticára o fogo em que deviam arder alguns hereges. Este Principe tomou Cordova aos Mouros; Murcia e Granada reconhecerem-no por Suzerano, e com a tomada de Se-

vilha em 1248 a sua gloria subiu ao maior auge e grandeza.

S. Fernando admittiu em seus Estados e soccorreu com suas tropas a D. Sancho II, Rei de Portugal, que Innocencio IV depuzera; mas sendo publicada a Bulla de excommunhão no acampamento, o Infante de Castella e os cabos do exercito trataram logo da retirada. Este lance basta para dar a conhecer a ignorancia e superstição populares. Iago I, Rei de Aragão, celebre pelas conquistas das ilhas Maiorca e Minorca, e pela de Valença em 1238, mandou cortar a lingua ao Bispo de Girona, a quem accusava de ter revelado a sua confissão. Este sacrilegio do Rei foi parte para ser excommungado pelos Bispos da Catalunha e pelo Papa, mas foi afinal absolvido, depois de se haver confessado réo em um Concilio. Este Principe, que tão tremendo era aos Mouros, deu um codigo aos seus vassallos, e fixou a jurisprudencia por extremo incerta. S. Fernando foi tambem Legislador.

O reinado de D. Affonso X, chamado o Sabio (desde 1252 até 1284), merece ser celebrado como epocha para as sciencias. Fundou varias cadeiras na Universidade de Salamanca, publicou as Taboas Astronomicas; a elle se deve a primeira historia da Hespanha em castelhano, e o Corpo de Leis chamado das *sete partidas*, começado no tempo de S. Fernando, e acabado por elle. Eleito Imperador em 1257 por um partido opposto ao de Ricardo, quiz sustentar a sua eleição, mas debalde o intentou; resultando d'isto o descon-

tentamento do povo, que elle opprimia com impostos só para satisfazer uma ambição funesta. Passados alguns annos seu filho D. Sancho rebellou-se, e fez com que o nomeassem Regente nas Côrtes de Valladolid; D. Affonso desherdou-o, mas afinal veio este a succeder-lhe, apesar do acto pelo qual seu pai o tinha excluido.

Tinha o Reino de Navarra passado em 1234 a Theobaldo, Conde de Champanha, que o herdou por parte de sua mãe, que era irmã do ultimo Rei. Joanna, herdeira d'este reino, o fez passar á casa de França, casando com Felippe o Formoso em 1284. A historia de Hespanha está sempre cheia de confusão até o tempo em que D. Fernando e D. Isabel reuniram as duas corôas principaes.

No seculo XIII floresceram Alberto Magno e S. Thomaz de Aquino, seu discipulo, ambos Dominicanos. Os vinte e um volumes *in folio* do primeiro caíram em completo olvido; porém o segundo ainda hoje é oraculo em Theologia. Voragine, Arcebispo de Genova e da mesma ordem de S. Domingos, publicou uma colleccção de Vidas de Santos, conhecida com o titulo de *Lenda dourada*. Rogero Bacon, Franciscano Inglez, inventor dos espelhos ardentes, *camara obscura*, &c., foi varão de atilado e admiravel engenho n'um tempo, em que os melhores espiritos não passavam ordinariamente de sophistas; e assim foi accusado de Magico.

CAPITULO XLII.

Felippe o Formoso e Bonifacio VIII. Luiz de Baviera e João XXII. Felippe de Valois. Carlos V de França. Eduardo II e III de Inglaterra. O Imperador Carlos IV. Estado da Hespanha. Artes e Litteratura na Italia (*).

O celebre reinado de Felippe IV, denominado o Formoso, filho e successor de Felippe o Atrevido, que morrera em 1285, faz epocha na historia geral pelos grandes acontecimentos que n'elle houve. Veremos as empresas de um Papa altivo sofredas com vigor, e sustentada com feliz successo a autoridade Regia; veremos atear-se guerras horrorosas entre os Francezes e Inglezes, e perpetuar-se o seu odio reciproco. Reinava Eduardo I, filho de Henrique III, na Inglaterra desde o anno de 1272; Principe igualmente affouto, ambicioso e politico. Tinha elle subjugado os Gallezes, cujo Principado veiu a

(*) Desde o fim do seculo xiii até o anno de 1380.

ser o titulo dos filhos primogenitos dos Reis de Inglaterra. Vagando o throno da Escossia, constitue-se Eduardo arbitro entre os competidores, e por fim declara-se Suzerano d'este reino.

Uma contenda entre dois marinheiros, um Inglez e outro Normando, foi a origem de uma guerra desastrosa entre a França e a Inglaterra. Confisca Felippe o Formoso a Guiena e a toma sem resistencia; mas Eduardo conquistou a Escossia, que os Francezes protegião. Governava então a Igreja Bonifacio VIII pela renuncia que tinha feito da Cadeira Pontificia Celestino V. Este Papa começou erigindo-se Senhor das Corôas; e como não gostava de Felippe o Formoso, teve occasião de romper com elle por causa da *taxa* imposta por El-Rei aos Ecclesiasticos. Appareceu então a famosa Bulla *Clericis laicos*, que prohibia a todo o Clerigo pagar algum tributo sem permissão do Papa. Resistem Felippe e Eduardo, e o Papa teve que ceder, declarando os casos em que os Reis podiam haver subsidios do Clero sem permissão de Roma.

Novas desavenças se levantam umas sobre outras; persegue Bonifacio os Colonnas, Cavalleiros Romanos da facção gibelina: ultraja o Imperador Alberto de Austria, manda insultar o Rei de França por um Legado, que era seu subdito; e pretende que o reconheça por Soberano temporal. Conhecendo Felippe quanto podem as preocupações, e quanta seja a necessidade de as precaver, convoca os Estados geraes do seu Reino. Nesta occasião tiveram principio

os *Communs*, ou o *Terceiro Estado*. Nesta Junta foi sustentada a Independencia da corôa. Já Bonifacio havia convocado um Concilio, d'onde emanou a Bulla *Unam Sanctam*, que se reputou obra do mesmo Pontifice.

Fulminou Bonifacio varias Bullas contra o Rei e a Nação, e já meditava outra nova mais injuriosa ainda para as corôas, quando Nogaret e Sciara Colonna o prenderam em Anagnia, e este o maltratou no rosto; mas protegido pelos habitantes da cidade, pôde escapar das mãos dos Francezes, e foi acabar a vida de paixão em Roma. O seu fim foi como a sua vida, tormentoso e apaixonado; no processo que se fez á sua memoria muitas testemunhas depozeram contra elle, ainda que Voltaire o defendesse depois da arguição de impiedade e de blasphemias. A Bonifacio VIII é que a Igreja Romana deve o estabelecimento do Jubileu.

No maior ardor das contendias com Bonifacio VIII, experimentou Felippe o Formoso um grande infortunio. O Conde de Artois, que foi mandado aquietar os Flamengos levantados, foi batido por elles na batalha de Courtrai, onde morreu com o Condestavel e um sem numero de Cavalleiros. Marchou o Rei em pessoa, e não pôde domar o inimigo. Por fim concluiu um tratado restituindo a Flandres, depois de haver restituído tambem a Guiena aos Inglezes.

Roberto Bruce, um dos antigos pretendentes ao Throno da Escossia, lançou fóra os Inglezes, recebeu a corôa e conservou-a. D'esta maneira

foram inuteis aos conquistadores tantas guerras funestas á humanidade.

Posto que Benedicto XI, successor de Bonifacio, tivesse absolvido a Felippe o Formoso, não se contentou com isto só este Principe altivo, e por morte de Benedicto fez eleger Papa a Bertrand de Got, habil Gascão, que tomou o nome de Clemente V; o qual annullou as principaes Bullas de Bonifacio VIII e enxovalhou a memoria d'este Pontifice. Pretendeu Felippe destruir a ordem dos Templarios, e Clemente fez tudo quanto elle quiz. Em 1307 foram presos todos os Templarios, e nomeados Inquisidores para a instrucção do seu processo; de cincoenta e nove que foram queimados, não houve um só que não sustentasse a innocencia da sua Ordem. O Grão-Mestre, Jacques de Molai, e o Commendador da Normandia, irmão do Delfim de Alvernia, foram queimados vivos. Os bens dos Templarios passaram para os Hospitalarios de S. João de Jerusalem (hoje Cavalleiros de Malta), que acabavam de tomar aos Turcos a Ilha de Rhodes. O Papa emfim, sem querer ouvir as defezas dos officiaes superiores, supprimiu a Ordem.

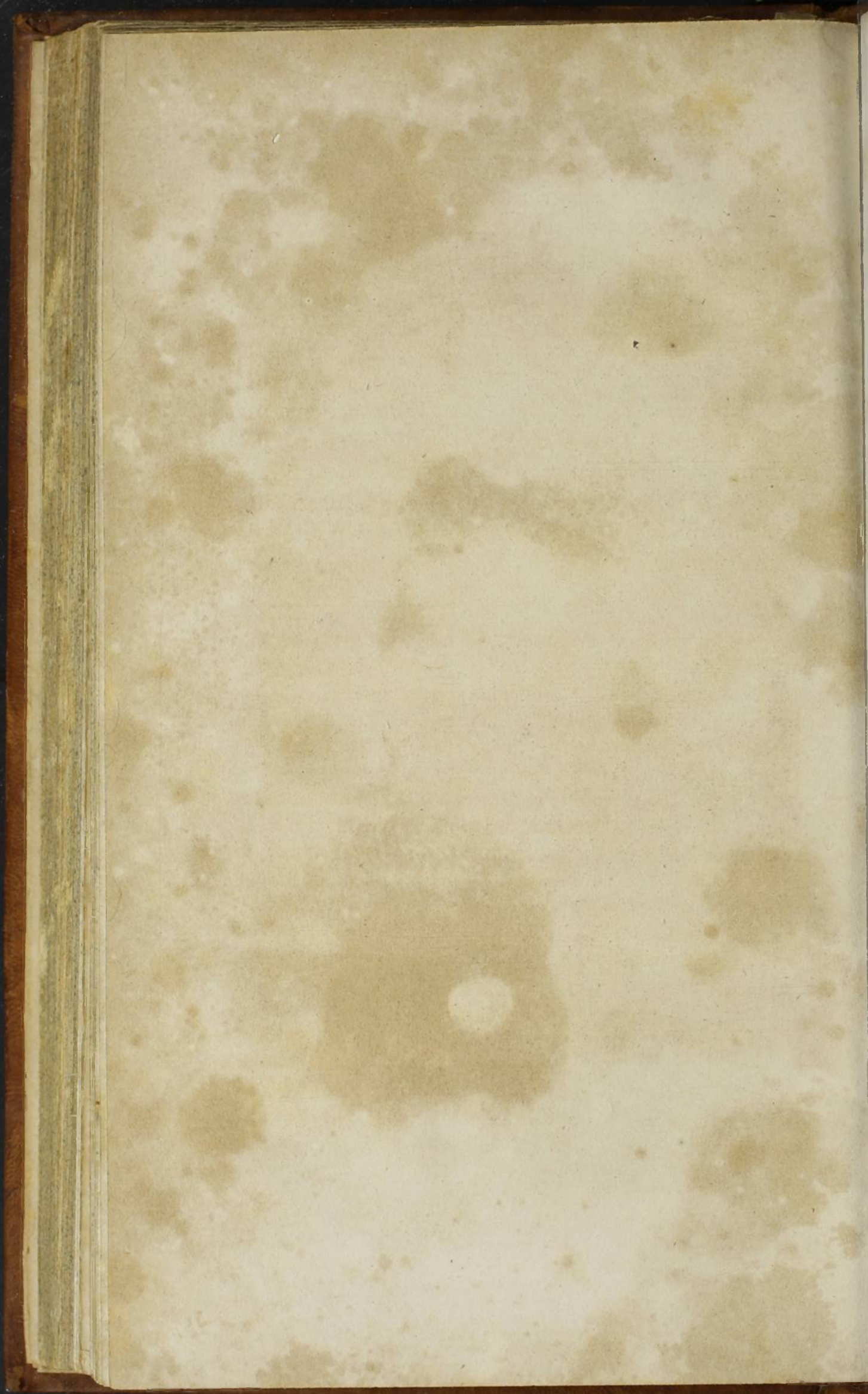
Servindo Clemente V com zelo a El-Rei Felippe, trabalhava para si mesmo. Em 1309 estabeleceu-se em Avinhão; ahi publicou no mesmo anno uma Bulla terrivel contra os Venesianos, ácerca dos negocios de Ferrara. Os Venesianos resistiram, mas foram derrotados em Francolim pelo Cardeal de Pelegrue, que logo se apoderou de Ferrara. Parte da Suissa pertencia ao Imperador Alberto

de Austria, que a opprimia com os rigores de um governo despotico (*). Os tres Cantões de

(*) O Imperador Alberto tinha proposto aos Suissos reunir os quatro Cantões (Vier Waldstædte) ás suas possessões hereditarias como Duque d'Austria; mas estes recusaram formalmente, pelo que foram maltratados e opprimidos pelos governadores (Landvoegte) enviados pelo Imperador. Em consequencia d'esta oppressão foi concluida a liga entre os tres Cantões de Ury, Schwitz e Unterwalden, representada por tres chefes valentes: Walter Fürst, Arnold de Melchthal e Werner Stauffacher. Guilherme Tell, genro de Walter Fürst, era membro da liga, porém no principio só foi como adepto sem tomar parte na execução. N'esta epocha o governador Gessler levou as cousas a ponto de exigir, que os Suissos tirassem o chapéo diante de uma gorra collocada sobre um poste, como symbolo do dominio Austriaco. Tell, que se recitou a essa prova de submissão, foi condemnado a tirar sobre uma maçã, posta na cabeça de seu proprio filho. O tiro foi feliz, porém confessando ingenuamente que a segunda flecha, que trazia consigo, havia sido destinada para o governador no caso de errar o golpe, este o levou amarrado com o fim de o sacrificar. Atravesando porém o Lago de Lucerna, levantou-se uma forte tempestade, que ia fazendo sossobrar a embarcação; e como Tell era havido como um dos mais habéis pilotos e muito experimentado, soltaram-no e elle conseguiu levar o bote á praia, onde saltou levando a sua bésta, e impellindo com o pé a embarcação para o lago. Tell sabia que o bote devia passar pelo estreito de Küssnacht para onde correu logo, e d'alli lançou a flecha mortifera, que atravessou o coração do governador. A morte de Gessler foi o signal para o levantamento geral, e para a luta renhida entre a Austria e a Suissa, que durou até o anno de 1499. Tell ainda assistiu á batalha de Mor-



G. TELL



Schwitz, Ury e Underwalden ligaram-se em 1307 para livrar-se de um jugo odioso. Marchou Alberto contra os Suissos, e tinha já passado o Reuss, quando João de Suabia, seu sobrinho, o assassinou em presença da côrte e do exercito.

O Conde de Luxemburgo, Henrique VII, foi eleito Imperador em 1308, e passou logo á Italia na esperança de aproveitar-se das desordens que alli reinavam; fez-se coroar em Milão, mas Clemente V tratou-o como a um vassallo, com o pretexto de que elle lhe tinha dado juramento de fidelidade. Estava o Imperador a ponto de domar os Guelfos da Toscana, quando morreu

garten, e pereceu em 1350 por effeito de uma grande inundação.

É esta a tradicção, confirmada por algumas capellas erectas em seu nome (Tellsplatte), e por pinturas e outros monumentos conservados até hoje. Sem embargo a existencia de Tell tem sido contestada por alguns historiadores, tanto que Joh. Müller a defendeu contra os que a negavam. O motivo principal da duvida funda-se em que na Dinamarca existe uma *Lenda* semelhante, que se acha no *Saxo-Grammaticus*; porém isto nada prova, porque a tradicção podia ter passado da Suissa pelas cidades Anseaticas até o norte da Allemanha. O que parece eximir de toda a duvida a existencia de Guilherme Tell, é que depois da expulsão dos governadores se fazia annualmente uma romaria ao lugar, donde elle saltou em terra, e que o Cantão de Ury fez edificar em 1388 a capella de Tell, junto ao rochedo, onde elle atirou sobre o governador; no mesmo anno foram em romaria á referida capella cento e quatorze pessoas, que tinham conhecido pessoalmente a Tell.

envenenado por um Dominico; dizem que em uma hostia que lhe dera a commungar. Seu filho, Rei de Bohemia, declarou depois a ordem de S. Domingos innocente d'este crime atroz. O Papa e El-Rei de França morreram no anno seguinte de 1314. Apesar dos defeitos de Felippe muito lhe deve a corôa; se procedeu com grande paixão contra Bonifacio VIII, teve ao menos a gloria de sacudir o jugo das preocupações, com que os Pontifices opprimiam os Soberanos e os Imperios (*).

Luiz X, denominado *Hutin* (amotinador), filho primogenito de Felippe o Formoso, deu principio ao seu reinado com uma injustiça, sacrificando Marigny á indisposição do povo, apesar de conhecer que era innocente. Havendo necessidade de dinheiro vendeu-se a liberdade á gente do campo, ainda servos adstrictos á gleba, que não podiam sahir das terras do senhor, nem dispôr dos seus bens. Por morte de Luiz, que falleceu em 1316, foi sua filha Joanna excluida da successão pela lei Salica, e comquanto semelhante lei a respeito da exclusão das mulheres não fosse escripta, o costume invariavel, o voto da Nação e o interesse do Reino valiam tanto como uma

(*) Se pelos costumes da côrte cumpre ajuizar dos da nação, contaremos um facto que d'elles dá horrorosa idéa. Antes que Felippe o Formoso fallecesse, foram as mulheres de seus tres filhos accusadas de adulterio. Mataram uma na prisão; outra escapou ao supplicio dizendo, que o seu casamento era nullo por causa de parentesco; e a terceira congratou-se com seu marido.

lei formal. Felipe V, chamado o Longo, irmão de Luiz X, subiu d'este modo ao throno.

Felipe tranquillizou os descontentes; perseguio os Judeus e os Leprosos, confiscando suas immensas riquezas; excluiu os Bispos do Parlamento, onde conservavam demasiada autoridade; obrigou os cidadãos a depositarem suas armas nos arsenaes, deu-lhes Capitães, e formou assim uma numerosa milicia; comprou a alguns Barões o direito que queriam conservar de cunhar moeda. Sua intenção era estabelecer a uniformidade da moeda, dos pesos e medidas; mas a morte não o deixou seguir seus intentos, que só se dirigiam ao bem publico. E como d'elle não ficaram filhos varões, succedeu-lhe em 1322 seu Irmão Carlos IV, denominado o Formoso.

Inquietavam então a Inglaterra terriveis agitações. Eduardo II, filho e successor de Eduardo I, Principe fraco, deixava-se governar por seus validos; um d'estes, fidalgo da Guiena, chamado Gaveston, foi morto pelos Grandes. Já os Barões se tinham sublevado, quando a Rainha Isabel pondo-se á frente dos rebeldes com o Principe de Galles seu filho (depois Eduardo III), fez fugir o Rei, que foi deposto pelo Parlamento como incapaz de reinar. Teve Mortimer, amante da Rainha, a barbaridade de manda-lo assassinar no anno seguinte; mas foi enforcado pouco tempo depois, e Isabel tornou-se por isso um objecto de execração. Eduardo III, que reinava pelo crime de sua mãe, fê-la encerrar em uma prisão. Por um tratado fez a paz com a França, ainda

que cedo o veremos ser o inimigo mais tremendo d'esta corôa.

N'este logar razão é mencionar os grandes acontecimentos que houve na Igreja e no Imperio. Por morte de Clemente V esteve vaga a Santa Sé mais de dois annos, e por fim o Cardeal de Euse, filho de um sapateiro de Cahors, que se nomeara a si proprio em 1316, tomou o nome de João XXII. Por morte de Henrique VII fizera a guerra civil grandes estragos na Allemanha. O Imperador Luiz, Duque de Baviera, assegurou o Imperio com a batalha de Mühldorff, em que Frederico, Duque de Austria, ficou prisioneiro, e desistiu de suas pretensões á Corôa Imperial. O Papa João declara nulla a eleição de Luiz, e prohibe que lhe obedecam. O Imperador invectiva o Papa, e por cumulo de escandalo accusa-o de herege. De uma e outra parte rompem nos ultimos excessos: emquanto o Papa depunha o Imperador, este da sua parte depõe o Papa, depois de ter-se feito coroar na Italia.

N'uma grande Junta de Roma foi João XXII convencido de herege, e degradado de toda a ordem e beneficio. Subiu depois d'isto á cadeira apostolica o Franciscano Pedro de Corbiere, que tomou o nome de Nicoláu V. O Anti-Papa porém, que tinha sido casado, foi condemnado a tornar-se ajuntar com sua mulher, que ainda vivia, e sendo levado a Avinhão, onde confessou as suas culpas, acabou n'uma prisão. Debalde se esmerou o Imperador em congraçar-se com João XXII para obter a absolvição; o Papa exigia

que elle renunciasse o Imperio, no que consentiu finalmente; mas os Estados oppuzeram-se fortemente. Morto o Papa em 1334, ainda assim não findou esta questão, que passou em legado aos seus successores. Tal era a influencia do Pontificado nos negocios politicos da Europa, que os Reis de França retiveram os Papas no seu reino emquanto lhes foi possível.

Depois da morte de Carlos IV subiu ao throno de França Felippe de Valois, VIº de nome, parente do ultimo Rei por linha paterna. Debalde pretendeu Eduardo III de Inglaterra entrar na successão pelo lado de sua mãe Isabel de França, a lei salica prevaleceu por sentença dos Pares, e Felippe VI foi acclamado. O Reino de Navarra, pelo contrario, segundo o uso da Hespanha, pertencia a Joanna, filha de Luiz X e herdeira de sua mãe. Não teve duvida Felippe de entregar-lh'o, e o Conde de Evreux, marido de Joanna, veio a ser Rei de Navarra. Comtudo, Felippe de Valois não tardou em concitar contra si o odio do Imperador, dos Flamengos, e de seu cunhado Roberto de Artois. Eduardo III a quem a preferencia de Felippe sobre o throno da França tinha sobremaneira irritado, ligou-se com os Flamengos, e formou o projecto de haver pelas armas o que não pôde pelas reclamações.

Rompe finalmente a guerra, e os Inglezes se assignalaram ganhando logo a famosa batalha naval de Ecluse em 1340, em que a frota franceza, que se compunha de cento e vinte embarcações de alto bordo, sem contar as demais, e tendo a

seu bordo quarenta mil homens, foi derrotada com grandissima perda. Apesar d'esta victoria, não pôde Eduardo com cem mil homens apoderar-se de Tournai; vexado por falta de viveres e de dinheiro, teve a final que submeter-se a uma tregoa, e retirar-se quasi como fugitivo; mas a sua ambição não se amorteceu. Volta de novo Eduardo com um exercito, toma a Normandia e chega até ás portas de Pariz; obrigado a retirar-se para Flandres, foi perseguido; e atacado imprudentemente ganhou a celebre batalha de Creci, onde a França perdeu obra de trinta mil homens e a flor da Nobresa. Correu a assediar Calais, que tomou com a sua invencivel constancia, tendo o cerco durado onze mezes.

Entretanto ia continuando a contenda dos Papas com o Imperador. Benedicto XII nega de novo a absolvição a este Principe para comprar o Rei de França. As Dietas de Renséc e Francfort em 1338, estabeleceram por uma Pragmatica Sancção a independencia do Imperio de toda autoridade, que não fosse a da pluralidade dos votos do Collegio Eleitoral. Sem embargo continua Clemente VI a perseguir a Luiz de Baviera, e fez nomear outro Imperador, Carlos, Margrave de Moravia, que a final foi conservado depois da morte de Luiz V, em 1347, quando ia dar sobre a Bohemia. Carlos IV, que foi chamado o Imperador dos Clerigos, era filho primogenito de João, Rei de Bohemia.

Emquanto Clemente VI no seu palacio de Avinhão se erigia em Senhor da Allemanha, um

homem desconhecido, fanatico e ambicioso, se apoderava de Roma, inculcando-se Restaurador da liberdade e do poder romano. Acclamado Tribuno do Povo, Nicoláu Rienzi (este era o seu nome) tomou posse do Capitolio, e publicou uma celebre declaração, em que dizia que o povo Romano tivera sempre o Imperio do Universo, e chamava ante o seu tribunal os Reis, Principes ou outras pessoas que pretendessem o Imperio. Perseguido pela Nobresa fugiu, e foi preso na Bohemia, d'onde foi remettido para Avinhão. Depois de sete annos de prisão, obteve a liberdade e foi até empregado por Innocencio VI; porém o seu genio inquieto e turbulento o lançou n'outra revolta que houve em Roma, onde pereceu victima d'aquelle inconstante povo, de quem fôra o idolo.

Pela revolução de Napoles, em que a Rainha Joanna, neta de Roberto de Anjou, accusada de haver concorrido para a morte de seu marido, teve de fugir para Provença, ficaram os Papas senhores de Avinhão por compra que fizeram á mesma Rainha como Condessa de Florença; e Clemente VI foi parte para que ella recobrasse o seu reino. Nós a veremos acabar por uma horrorosa catastrophe. Clemente VI viveu até 1352, tão condescendente com a corôa de França como altaneiro com a do Imperio. Aprasou o Jubileu a cincoenta annos; e excommungou a seita dos flagelantes, fanaticos de toda a idade e sexo, que corriam por toda a parte rasgando as carnes com disciplinas, e pretendendo que assim aplacavam a colera de Deus.

Depois da batalha de Creci estavam os negocios de França em triste estado. Felippe morreu em 1350 cheio de desgostos e desassocego. Tendo o Delfim de Vienna perdido seu filho, e querendo retirar-se para um convento, cedeu o Delfinado aos Reis de França, d'onde veiu aos primogenitos o titulo de Delfim. O Principe João, filho e successor de Felippe, chamou sobre si ainda maiores desgraças. Imprudente e arrebatado provocou o odio de seu genro o Rei de Navarra. Entretanto prepara-se Eduardo III para a guerra; João convoca os Estados Geraes, que se houveram com grande generosidade, concedendo grandes subsidios ao Rei, a fim de que estivesse preparado. Já o Principe de Galles, por outro nome o Principe *Negro*, tinha devastado algumas provincias do reino, quando João o alcançou em Maupertuis, perto de Poitiers.

Eram sessenta mil os Francezes contra oito mil Inglezes, e comtudo o Principe de Galles ganhou a batalha, na qual ficou prisioneiro o Rei João. O Delfim (depois Carlos V) governou o reino como Logar-Tenente; mas teve que lutar com muitas contradicções e alvorotos, porque ainda não tinha dado a conhecer as suas grandes qualidades. No meio dos perigos e desgraças, ia-se desenvolvendo o genio do Delfim, de maneira que triumphou de todos os obstaculos com a sua grande sabedoria. Volta Eduardo com cem mil homens a entrar em França; o Delfim evita o combate, deixando enfraquecer os Inglezes pela fome e pela fadiga, e finalmente conseguiu o

tratado de Bretigni, pelo qual El-Rei João ficava em liberdade pelo resgate de tres milhões de escudos de ouro; e outras concessões mais de algumas provincias de uma e outra parte.

Tal era a imprudencia de João, que á sua volta preparava-se para uma Cruzada contra os Turcos, apesar do deploravel estado do Reino. Durante este apresto um de seus filhos, que tinha ficado de refens em poder de Eduardo, fugiu sem querer para lá tornar. E como elle era escrupuloso na observancia de todos os seus empenhos, entendeu que estava obrigado a voltar em pessoa a Londres, onde falleceu em 1364. Como com uma alma tão nobre foi elle causa das desditas do seu paiz? É porque nenhuma virtude póde supprir n'um Principe a moderação e a prudencia. Adquiriu por direito de successão a Borgonha, e a deu como apanagio a Felipe, quarto filho seu e tronco da segunda Casa de Borgonha, que cedo veremos tão tremenda.

Sendo ainda Carlos V Delfim tinha salvado o Reino, e, depois que foi Rei, reparou todos os males do reinado antecedente. O celebre Du Guesclin, Cavalleiro Bretão, muito concorreu para a gloria d'este Principe, que soube emprega-lo e recompensa-lo dignamente. Derrotou Du Guesclin as tropas do Rei de Navarra, que aceitou a paz, desistindo de suas antigas pretensões. Findou a guerra da Bretanha, em que não cessavam os Inglezes e Francezes de tomar parte; houve o Rei por melhor aceitar a homenagem de Montfort, senhor da Bretanha, do que tê-lo por inimigo.

D. Pedro I, denominado o Cruel, Rei de Castella em 1350, tinha irritado a França e o Aragão; Du Guesclin, enviado contra elle com as *Companhias* ou *Malandrinos*, foi derrotado e prisioneiro pelo Principe de Galles, alliado de D. Pedro; porém seu irmão natural, o Conde de Trastámara, chamado depois Henrique II, desbarata-o em 1369, e mata-o, apoderando-se do throno, que transmittiu a seus descendentes.

Durante esta guerra de Hespanha recolhia a França em tranquillidade os fructos de um governo sabio. Intenta Carlos recobrar dos Inglezes o que estes tinham tomado; e com effeito apodera-se de tudo, menos de Calais. Torna então a si Eduardo, envia tropas, e penetram os Inglezes até o coração da França; mas Du Guesclin, já Condestavel do Reino, dá por toda a parte sobre elles e dissipa-os; de maneira que Eduardo em 1373 tinha perdido todas as suas conquistas excepto Calais. Morreu o Principe de Galles, e o proprio Eduardo pouco lhe sobreviveu, pois acabou em 1377, havendo reinado cincoenta annos. Subiu ao throno Ricardo II, filho do Principe de Galles, e como fosse menor, foram encarregados do exercicio da autoridade seus tios os Duques de Lancaster, de Yorck e de Gloucester. Este procelloso reinado produzirá uma revolução.

Carlos pretende assenhorear-se da Bretanha, e foi mal succedido. Morreu Du Guesclin de enfermidade em uma expedição contra os Inglezes. Carlos V sobreviveu-lhe poucos mezes. Foi este

Principe um dos melhores modelos na arte de reinar. Tudo restabeleceu com a sua prudencia, economia e politica; ajuntou um thesouro aliviando o seu povo; teve uma frota consideravel, e até cinco exercitos em pé, depois de ter-lhe custado no principio formar um corpo de mil e duzentos homens; enfreou a licença das tropas, mais perigosas muitas vezes em tempo de paz, do que uteis em tempo de guerra; honrou e recompensou toda a especie de merecimento, as letras e as sciencias, que tanto na infancia se achavam; foi zeloso dos bons costumes; n'uma palavra, só no poder de fazer bem é que fazia constituir a ventura do throno.

O Imperador Carlos IV (de Luxemburgo), Rei de Bohemia, tinha morrido em 1378. Este Principe, devedor do Imperio ao odio implacavel, que os Papas tinham a Luiz de Baviera, distinguiu-se sempre por sua extremada fraqueza unida a um orgulhoso fausto. O que ha de mais notavel no seu reinado, de que muito se fallou, é a famosa *Bulla d'ouro*, lei fundamental do Corpo Germanico, em que se fixou o estabelecimento dos sete Eleitores. Tão fraco foi elle na Allemanha, que requereu ao Papa a permissão de fazer eleger seu filho Vencesláu, Rei dos Romanos, e comprou por cem mil florins o voto de cada eleitor. Vencesláu, cuja catastrophe temos de ver, foi horriavelmente calumniado pelos Monges, muito suspeitos de parcialidade a seu respeito, porque não governou segundo as suas maximas.

N'esta epocha, como nas antecedentes, lavravam

em Hespanha as desordens, guerras e superstições. D. Diniz, Rei de Portugal, foi excommungado por haver mandado prender alguns Ecclesiasticos cúmplices na rebellião de seu filho. Os Castelhanos tomaram Gibraltar, e foram lançados d'esta praça. D. Affonso XI, Rei de Castella, reinou gloriosamente; porém D. Pedro o Cruel, seu successor, de que já fallámos n'este capitulo, foi um monstro, que todos desejariam afogar. Carlos o Máu, Rei de Navarra, exercia a sua maldade em França, mais do que no seu proprio reino. D. Pedro IV, Rei de Aragão, tyrannisava ao mesmo tempo os seus povos. E quando o sangue e as lagrimas corriam por toda a parte, os Principes ostentavam a sua magnificencia nos torneios e em vãs ceremonias.

Os Mouros sitiados em Algeziras pelos Castelhanos fizeram uso de artilharia, e por este meio, assim como pela sua coragem, prolongaram aquelle famoso sitio, que terminou em 1344. É portanto provavel que os Arabes fossem os inventores da Artilharia, pois que n'este logar é que a historia falla d'ella pela primeira vez. Ha quem pretenda que os Inglezes se serviram d'esta arma na batalha de Creci em 1346. Embora Rogero Bacon tivesse inventado a polvora cerca de um seculo antes; mas isto não prova que se lhe deva a invenção da Artilharia, porque os Chinas, alguns seculos havia já que faziam polvora, e não tinham idéa alguma das armas de fogo. Cousa é que espanta o ignorar-se d'onde veiu um segredo, que fez mudar toda a arte da guerra.

Começavam a brilhar na Italia as artes uteis e agradaveis, e até o bom gosto. Tinham-se inventado alli os espelhos, os oculos fixos, a louça fina, o papel, as notas de musica, &c. A industria ia-se desenvolvendo nas cidades commerciantes, ao mesmo tempo que fóra d'alli tudo era grosseiro e miseravel. Grande luxo era tambem no seculo XIII ter vidraças, usar de roupa de linho, de velas para alumiar-se, comer todos os dias carne fresca, e servir-se de colheres e garfos de prata. Os Italianos, seguindo o exemplo dos Trovadores do Languedoc e da Provença, entregaram-se á poesia, e brevemente excederam aos seus mestres. O Dante, natural de Florença, que morreu em 1321, espalhou pelas suas obras passagens, que ainda hoje pôdem citar-se por modelos.

Depois d'elle deu Petrarca, oriundo da Toscana, maior graça e sentimento á lingua Italiana. Bocaccio, seu coetaneo, a fixou com a sua engenhosa e elegante prosa; as outras linguas eram ainda muito imperfeitas, mas os Italianos tinham uma grande vantagem, e era que o latim formava a base da sua lingua. A corôa de louro que Petrarca recebeu em Roma, e as honras que obteve em outros paizes, foram um dos grandes motivos que animaram os talentos. Sem embargo a pedanteria inficionou logo a litteratura, confundindo o gosto das escolas antigas com as idéas daquelle tempo, tão recheadas de barbarismo. Os termos e as idéas do paganismo, applicados á Religião Christãa, formavam uma monstruosa

mescla, que a moda foi acreditando de dia em dia, assim como tinha acreditado a mistura, ainda mais monstruosa, das subtilezas dos Arabes com os Dogmas da Fé.

luna o papel, as notas e as
 tias is-en desentrevendo, nas cidades, comen-
 cialdas, no mesmoforço que fora d'alli tudo
 em progresso em fectural. Quando luzo eis tam-
 hom no seculo xiii ter ridadeas, near de roupa
 de jinho, de velas para alumiar-se, comey todos
 os dias aveva frasco e servivo de colheya e
 gados de prata. Os Italianos, seguindo o exem-
 plo dos Trevadores ho Languedoc e da Provenca,
 entregaram-se a poesia, e privamente exerceram
 nos seus mesteres. O Dante, natural de Florenca,
 que morreu em 1321, e a honra pelas suas obras
 passagens, que ainda hoje podem citar-se por
 modelos em poesia, no idioma toscano.
 Depois d'elle deu Petrarca, oriundo da Tos-
 cana, maior graça e sentimento a lingua italiana.
 Petrarca, a honra com a sua can-
 ções e elegantes poemas, as cutras fignras e um
 ainda muito imperfeitas, mas os Italianos tinham
 uma grande vantagem a servir o latino formava
 a honra da sua lingua. A canção de tanto que fa-
 tura fectaba em Roma, e as honras que abeya
 em outros paizes, e tanto um dos grandes mof-
 ras que animaram os talentos sem embargo a
 pedanteria indifereção tova a litteratura, conju-
 dando o gosto das escolas antigas com as ideas
 d'aquelle tempo. Ho racheas de barbarismo
 Os termos e as ideas do paganismo applicadas
 a religião Christã, formaram uma monstruosa

CAPITULO XLIII.

O Grande Schisma do Occidente. Os dois Concilios de Constança e Basilea. União das duas Igrejas. Henrique IV e V de Inglaterra. Carlos VI e VII de França. A Donzella de Orleans (*).

O poder e as riquezas tinham estragado o Clero; o culto, a doutrina e a moral, tudo se tinha desfigurado com superstições grosseiras, que cedo ou tarde não podiam deixar de ser-lhes damnosas. Enorme injustiça seria imputar ao Christianismo os males sem conto, a que elle serviu de pretexto. O Evangelho, a tradição, a disciplina primitiva, eram formalmente oppostos a esses males; e as virtudes christãs, de que sempre ficaram alguns vestigios, depunham contra os vicios dominantes. O despotismo sacerdotal havia de cahir com a opinião que o sustentava. Já Marsilio de Padua, Jurisconsulto, e João de

(*) Desde o anno de 1378 até meiado do seculo xv.

Gand, Theologo, escrevendo a favor do Imperador Luiz de Baviera, tinham dado terriveis golpes no poder dos Pontifices.

João Wiclef, Doutor de Oxford, dogmatisou em Inglaterra com menos comedimento. O Duque de Lancaster, um dos tios do joven Ricardo II, protegeu-o contra as perseguições do Clero. Seguiu Wiclef, n'uma palavra, as pisadas dos Albigenses, e os Protestantes seguiram as de Wiclef. As heresias funestas á Igreja Romana procedem todas das superstições e dos abusos da autoridade ecclesiastica, o grande schisma do Occidente augmentará as desordens, e consequentemente apressará aquella revolução, que só uma profunda e constante sabedoria podia precaver. Reinaram em Avinhão, para onde fôra trasladada a Santa Sé em 1309, sete Papas Francezes, o que era motivo de escandalo e magoa para os Romanos, que queriam o Papa comsigo, porque a sua presença lhes trazia dinheiro, além de que era muito natural que o Bispo de Roma devia residir em Roma.

Passou Urbano V para Roma em 1367, porém como se aborrecesse d'aquella vivenda, voltou para Avinhão em 1370, e ahi morreu no mesmo anno. Seu successor Gregorio XI resolveu a sua viagem para a Italia por circumstancias particulares; mas arrependido de ter seguido o conselho, dizem que de Santa Catharina de Senna, morreu de paixão. Onze dias depois da morte de Gregorio XI foi feita a eleição fatal, que occasionou um schisma de quarenta annos. A eleição de

Urbano VI foi seguida da de Clemente VII; a Europa dividiu-se entre os dois Papas; a França abraçou a causa de Clemente, a Inglaterra e o Imperio eram a favor de Urbano. Uma divisão semelhante teria supprido a outros motivos de animosidade.

Estes dois Pontifices fulminando maldições e anathemas, e fazendo furiosa guerra um ao outro, inquietando todas as consciencias e Estados, tinham de parte a parte santos, cujas revelações e milagres eram citados como provas em favor da boa causa. Clemente veio estabelecer-se em Avinhão, e Urbano VI ficou na Italia, onde perseguiu a Rainha Joanna, dando o Reino de Napoles a Carlos Durazzo, primo d'esta Princeza. Joanna foi obrigada a render-se, e morreu estrangulada em 1382. Não gosou Durazzo muito tempo de uma corôa ensanguentada; accitando a corôa de Hungria foi assassinado em 1386. Urbano deu a corôa de Napoles a Ladisláu, filho de Carlos Durazzo, e o Papa Clemente deu-a a Luiz II, filho do Duque d'Anjou; o que foi nova origem de guerras e desditas.

Os tios de Ricardo II de Inglaterra, que dirigiam o governo mais para seus interesses do que do bem publico, deram motivo para uma sublevação do povo. Ricardo, Principe fraco e dominado por seus vallidos, começou a governar por si; porém não fez mais do que ir cavando o precipicio em que um dia se havia de abismar. As mesmas desordens aconteceram em França na menoridade de Carlos VI, cujos tios, os Duques

d'Anjou, de Berry e de Borgonha, tornaram-se os oppressores da nação com a sua insaciavel rapacidade. Finalmente quiz Carlos VI governar, e tomou conta dos negocios em 1388. Se tivesse prudencia poderia tê-los restabelecido; mas como era ardente e inconsiderado, posto que valente e generoso, não fez senão augmentar os males nas conjuncturas criticas em que se não conheciam principios nem deveres.

Não era o schisma o menor flagello das Nações. Urbano VI publica uma Cruzada contra Clemente e os *Clementinos*; o Papa Clemente, por outra parte, mettia a saque a Igreja de França para manter a sua côrte de trinta e seis Cardeaes. Baldadas foram as esperanças de terminar-se a guerra do Pontificado com a morte de Urbano em 1389; os Italianos deram-lhe um successor, que foi Bonifacio IX, e renovaram-se todos os escandalos antecedentes. Esforça-se a Universidade de Pariz em dar fim ao schisma: morre Clemente VII: os Cardeaes de Avinhão convenem em que feita a eleição renunciariam o Pontificado: Pedro de Luna, Aragonez, é eleito com o nome de Benedicto XIII; porém logo que assumiu a Tiara, negou-se a toda especie de accommodação. Nem elle nem Bonifacio, por mais instancias que lhes fizessem as corôas, quizeram dobrar a sua soberba até o sacrificio da sua ambição.

El-Rei de Inglaterra, exposto a continuas rebellões, desejou alliar-se com Carlos VI; pediu e obteve em casamento sua filha Isabel, e con-

cluiu uma tregoa de vinte e um annos, restituindo Brest e Cherburgo, entregues aos Inglezes no ultimo reinado. Assentaram os dois Reis, n'uma conferencia que tiveram, de esforçar-se em dar fim ao schisma. Este era o desejo de todo o mundo Christão; mas oppunha-se a isto um obstaculo, que nem a razão nem a Religião poderam vencer, que era a ambição dos Pontifices. Marchava Carlos VI contra o Duque de Bretanha, quando os calores do mez de Agosto, e o susto que lhe causaram varios accidentes, o fizeram cair em demencia: molestia tanto mais funesta quanto devia durar trinta annos.

Em meio dos horrores do schisma experimentam os Estados algumas revoluções. O Imperador Vencesláu, seguindo o exemplo de seu pai Carlos IV, aliena os restos dos dominios da Italia; tenta fazer com que os dois Papas renunciem, e é deposto solemnemente em 1400; Roberto, Conde Palatino, é exaltado ao Imperio, e perde uma batalha na Italia contra os Viscontis. Uma revolução aconteceu em Inglaterra, que custou o throno a Ricardo II. Seu primo, o Duque de Lancaster, arvorou o estandarte da rebelião, e apoderou-se da pessoa do Rei; accusado no Parlamento, foi deposto, e acabou de morte violenta, succedendo-lhe o proprio rebelde com o nome de Henrique IV. O novo Rei suffocou todas as rebelliões com as armas, e assegurou a corôa, que transmittiu a seu filho.

Em França tudo era desordem; a demencia de Carlos VI parecia que se communicava a todos.

A Rainha Isabel de Baviera, esposa desleal, tudo immolava ás suas paixões. Por morte de Felippe, Duque de Borgonha, assenhoreou-se do Reino o Duque de Orléans, irmão do Rei e amante da Rainha, para opprimi-lo com escandalosas exacções. João *sem medo*, novo Duque de Borgonha, o fez assassinar nas ruas de Pariz. Ardia em desejos de vingar seu pai, o joven Duque de Orléans, para o que uniu-se com o Conde de Armagnac, que depois foi Condestavel, e cuja filha recebera por esposa. Os Armagnacs e Burguinhões assignalaram-se por seus excessos: a França, e Pariz sobretudo, nadava em sangue; e a Monarchia esteve quasi a succumbir.

O Schisma continuava na pessoa de todos os Papas nomeados pelas duas facções. Morto Bonifacio IX, seu successor Innocencio VII regeitou como os outros o meio da cessão, que incessantemente se propunha, mas debalde. Gregorio XII, successor de Innocencio VII, não foi menos obstinado.

Finalmente tornando-se neutra a França, reuniu-se em 1409 o Concilio de Piza, que teve em resultado um terceiro Papa, Alexandre V, homem de humilde nascimento, e tão obstinado como os outros. Em virtude de uma Bulla privou do Reino da Sicilia a Ladisláu, por seguir o partido de Gregorio XII. Tinha o Papa Gregorio outro zeloso defensor na pessoa de Roberto, sempre senhor do Imperio; porém os Allemães, desgostosos d'este Papa, tramavam contra o Imperador que o protegia, quando a morte de Roberto

em 1410 preveniu a conspiração. Succedeu-lhe seu irmão Sigismundo, que fez todas as diligencias para restabelecer a paz da Igreja.

O celebre Balthazar Cossa, natural de Napoles, foi o successor de Alexandre V com o nome de João XXIII. Consegue Sigismundo, que elle convoque o Concilio de Constança, onde houve prodigioso ajuntamento de Cardeacs, Prelados, Doutores, Principes Soberanos, e vinte e sete Embaixadores. No fim do anno de 1414 fez João XXIII a abertura do Concilio, que Martinho V encerrou em 1418. Occupa-se o Concilio com regulamentos: João XXIII renuncia; mas arrependido, retira-se fugitivo; é preso, processado e deposto. Gregorio XII abdicou a Tiara; porém Benedicto XIII, que se achava refugiado em Perpinhão, permanecia na sua orgulhosa obstinação. Desamparado pelo Imperador e pelos Reis de Aragão, de Castella e de Navarra, foi deposto por uma sentença.

D'esta arte o Concilio podia ter reformado a Igreja, se não tivesse perdido a occasião com suas interminaveis disputas. Eleito Martinho V, foi autorizado para fazer a reforma, que não teve effeito, porque o Papa se esquivou, indicando outro Concilio em Pavia. Entretanto João Huss e Jeronimo de Praga seu discipulo, foram condemnados á pena de fogo pelo Concilio, e executados successivamente. O supplicio de Huss e seu discipulo teve graves e funestas consequencias. Os Hussitas, abrasados de fanatismo, se sublevaram contra Sigismundo Rei da Bohemia,

e alcançaram algumas victorias debaixo do commando de Ziska, ardente sectario de Huss. Esta guerra, fecunda em todo o genero de atrocidades, durou perto de vinte annos.

Durante a reunião do Concilio experimentou a França novas calamidades. Henrique IV de Inglaterra, possuidor tranquillo de uma corôa usurpada, não teve tempo de executar as empresas que meditava, pois em 1413 acabou os seus dias de uma violenta enfermidade. Henrique V, seu filho, teria sido o modelo dos soberanos, se não fôra aquella fatal ambição, que tantos males causou á França, e nenhum bem solido á Inglaterra. O estado convulsivo da França desafiava as empresas de qualquer ambicioso, e Henrique V não o despresou. Apezar da tregoa de vinte e oito annos, concluida em 1394, Henrique desembarcou na Normandia; porém não podendo progredir por falta de meios, retirou-se para Calais, indo-lhe no alcance um exercito francez, quatro vezes mais numeroso do que o seu.

Reflectindo nos desastres de Creci e de Poitiers, podiam os Francezes ter evitado uma falta, que renovou as desgraças passadas. O Condestavel d'Albret, fiado no numero, deu sobre Henrique V n'um posto vantajoso e apertado, onde os Francezes não podiam estender-se nem formar em batalha, e onde os Archeiros Inglezes decidiram logo a victoria. Esta famosa batalha de Azincourt, dizem que só custára ao inimigo quarenta homens; a França perdeu n'ella sete Prin-

cipes, o Condestavel, e obra de oito mil cavalleiros mortos. Os Duques de Orléans e Bourbon ficaram prisioneiros com alguns senhores da primeira gerarchia. Retirou-se todavia Henrique, e concluiu uma tregoa por lhe faltar dinheiro e gente; porque n'aquelle tempo ainda não havia exercito regular.

Depois da derrota de Azincourt as facções em França tornaram-se mais furiosas que nunca. O Conde de Armagnac, unido com o Delfim (depois Carlos VII), assenhoreou-se do governo; a Rainha, unida com o Duque de Borgonha, apoderou-se de Pariz. O Delfim fugiu, transferindo o Parlamento para Poitiers, enquanto a Rainha tinha outro Parlamento em Troyes e arrogava a si o titulo de Regente. A guerra civil abrasava as Provincias. Henrique V aproveitando este ensejo, invade de novo a França, toma a Normandia, e celebra em Troyes aquelle famoso tratado em virtude do qual lhe foi dada Catharina de França, filha de Carlos VI; assim como a Regencia com o direito de herdar a corôa. Carlos, *que se dizia Delfim*, é declarado inimigo do Estado, e como tal se obrigam a persegui-lo.

Deu o Rei de Inglaterra a sua entrada em Pariz com o imbecil Carlos VI, o primeiro como soberano, e o segundo como um automato. Henrique morreu em 1422, deixando seu filho Henrique VI no berço; nomeou elle para Regente de França o Duque de Bedford, e para Inglaterra o Duque de Gloucester, ambos seus irmãos. Sua

viuva, Catharina de França, casou pouco tempo depois com Owen Tudor, fidalgo do Principado de Galles, cujos descendentes veremos assentados no throno. Carlos VI viveu só dois mezes depois da morte de Henrique. Um estrangeiro reconhecido por Soberano em Pariz, e na maior parte do reino; o Rei legitimo, Carlos VII, negligente, dado a prazeres, tratando de amores emquanto lhe arrebatavam a corôa; Bedford pelo contrario unindo a prudencia ao valor para avigorar a conquista; a Rainha e um Principe de sangue conspirando a favor dos Inglezes; em crise tão violenta só remedios extraordinarios podiam salvar a Monarchia.

A famosa Agnés Sorel, amiga do Rei Carlos, contribuiu para isto com sua grandesa d'alma. Excitou aos deveres e aos combates o amante, que trazia captivo. A batalha de Verneuil, perdida em 1424, enfraqueceu por extremo o partido do Rei; porém este aproveitando a inimisade do Duque de Borgonha com o Regente Bedford, nomeou Condestavel do reino o Conde de Richemont, irmão do mesmo Duque; valente capitão e ousado, que pelo seu zelo e valor, assim como o illustre Dunois, bastardo da Casa de Orléans, mereceu que o contassem entre os mais distinctos salvadores da Patria. Bedford, para poder penetrar nas Provincias meridionaes, emprehendeu o cerco de Orléans. Via-se a cidade em grande aperto, e o Rei cuidava em retirar-se, quando uma moça da Diocese de Toul, chamada Joanna d'Arc, appareceu dizendo

ser inspirada, e promettendo fazer com que se levantasse o cerco, e que o Rei fosse sagrado em Rheims.

○ A Donzella de Orléans (nome que deram á heroína) armada dos pés até a cabeça, com um pendão bento na mão, foi geralmente considerada como um anjo tutelar; penetra na cidade sitiada, infunde um panico terror nos Inglezes, e obriga-os a levantar o sitio; anima o Rei a partir para Rheims com um pequeno corpo de doze mil homens por entre numerosas tropas inglezas, e logra o fim da sua promessa. Concluida a sagração do Rei, pedia a Donzella licença para retirar-se por estar cumprida a sua missão. Detiveram-na, e a sua fortuna desapareceu. Assediada em Compiègne pelo Duque de Borgonha, foi ferida em uma sortida, e caiu nas mãos do Duque, que a mandou entregar aos Inglezes. Bedford, para desvanecer o prestigio do maravilhoso, ou para satisfazer a vingança das suas tropas, fe-la julgar por um tribunal ecclesiastico como feiticeira, e em 1431 foi queimada em Ruão.

○ O Duque de Borgonha, até alli partidario dos Inglezes, fez a paz com o Rei, por intercessão de Eugenio IV e do Concilio de Basilea. Morreram no mesmo anno a Rainha Isabel e o Regente Bedford, que se tinha deshonrado com o supplicio da Donzella. Em breve tomou o Condestavel a cidade de Pariz aos Inglezes em 1436. Carlos VII foi restabelecendo a ordem no reino, e já em 1451 os Inglezes não possuíam

mais do que a Praça de Calais, que ainda conservaram por mais de cem annos. Muito concorrem para este feliz desenlace as discordias civis da Inglaterra e o desengano dos Francezes. O Duque de Gloucester, tio do fraco Henrique VI, trasia tudo inquieto com as suas intrigas; foi preso, e passados poucos dias morreu, provavelmente assassinado. Mas as sanguinarias facções das Rosas *encarnada e branca*, que em breve assignalaram o seu furor, fizeram da Inglaterra um theatro de carniceria.

Joanna II, Rainha de Napoles e herdeira de Ladisláu, entregando-se a um valido, excitou queixumes e um geral descontentamento. Jacques de Bourbon seu marido foi preso, e sendo posto em liberdade pelo Papa Martinho V, retirou-se e morreu Monge em Besançon. Jacques Sforza, Condestavel de Napoles, chamou a Luiz III de Anjou para apoderar-se do reino. Joanna, que não tinha filhos, adoptou o Rei de Aragão, e depois a Luiz e a Renato de Anjou. Depois da morte da Rainha em 1435, os dois pretendentes, D. Affonso de Aragão e Renato de Anjou, estiveram ambos prisioneiros. Assim porém que se viram soltos, renovaram a guerra, que findou em 1442 com a conquista de Napoles, que foi tomada de assalto pelo Aragonez, e Renato voltou para França.

Chamam-nos outra vez os negocios da Igreja, poisque nada ha com que não tenham connexão. Depois do Concilio de Constança permanecia Benedicto XIII, tão obstinado como dantes, sobre

a rocha de Paniscola, até 1424 em que falleceu. Dois Cardeaes, unico resto da sua côrte, elegeram outro Anti-Papa, que se chamou Clemente VIII; porém pouco durou, e teve que desistir vendo-se abandonado por todos. — Martinho V tinha trasladado de Pavia para Siena o Concilio Geral, indicado pelos padres de Constança; de Siena o trasladou novamente para Basilea. Morreu Martinho V em 1431, no mesmo anno aprasado para o Concilio; Eugenio IV, seu successor, manda um Legado, porém logo nas primeiras sessões deshouve-se o Concilio com o Papa, renovando os decretos de Constança sobre a superioridade do Concilio Geral.

O Papa Eugenio, citado para ir á Junta com os Cardeaes, resolveu por fim a enviar quatro com pleno poder de obrar em seu nome e de adherir aos decretos; porém esta reconciliação foi tão sómente apparente, e por causa do temor que lhe inspiravam as armas do Duque de Milão. Brevemente o veremos obrando como superior pela sua habilidade e energia. Não podendo João Paleologo II, Imperador de Constantinopla, resistir aos Turcos sem o auxilio dos Latinos, propôz a reunião das duas Igrejas, e embarcou nas galeras do Papa para vir em pessoa consummar este acto, tantas vezes tentado inutilmente. Era intenção do Papa trasladar com este fim o Concilio para a Italia, porém citado pelos padres de Basilea em 1437, dissolve o seu Concilio por uma Bulla, e convoca outro para Ferrara.

Novos escandalos apparecem em consequencia

d'este rompimento; o Concilio de Basilea declara o Papa contumaz, e suspenso de toda a jurisdicção espiritual e temporal. Elle da sua parte declarou excommungado todo aquelle que perseverasse no Concilio por elle dissolvido. Eugenio no seu Concilio, trasladado de Ferrara para Florença, pareceu triumphar do schisma o mais obstinado, porque os Gregos se submeteram á Igreja Romana; mas esta união não podia ser solida, porque ainda ficavam pendentes varias questões, como a do purgatorio, por exemplo, e o povo Grego não mudou de opinião. Apesar d'este triumpho que Eugenio acabava de obter com a reunião das duas Igrejas, depô-lo o Concilio de Basilea, e em seu lugar foi eleito Amedio, Duque de Saboia, com o nome de Felix V; schisma este de pouca consequencia, como se verá.

Morto Eugenio IV, foi eleito Nicoláu V; Felix então renunciou o Pontificado em 1447, e o schisma acabou por si mesmo. Proseguiu entretanto o Concilio de Basilea nos seus trabalhos, dando varios decretos, que foram insertos na Pragmatica Sancção, que Carlos VII promulgou em Bourges no anno de 1438. Reapparecem os Hussitas no Concilio, sustentados pelo General Procopio, emulo e successor de Ziska; porém enviando o Concilio deputados á Bohemia, lograram estes semear a desunião, do que resultou a perda de uma batalha e a morte de Procopio. Finalmente entrou Sigismundo em negociação, e os Bohemios se submeteram, obtendo uma

amnistia geral e a confirmação dos seus privilégios.

Morreu Sigismundo em 1437, deixando toda a sua successão a seu genro Alberto II, Duque de Austria, que morreu d'ahi a dois annos. Depois de Alberto, foi Frederico III de Austria eleito Imperador, e a sua familia conservou-se para adiante sempre na posse do Imperio. Ambicionava Frederico conseguir a esteril honra de ser coroado em Italia; com effeito passou os Alpes, e recebeu das mãos de Nicoláu V a corôa de Italia e a do Imperio; depois do que deu-se pressa a partir como o Pontifice desejava. Foi Frederico III o ultimo que observou semelhante cerimonia; o que era effeito da sua superstição, tanto, que antes de casar, se valeu de todo o genero de preservativos contra os encantamentos, receiando ter filhos, que se parecessem com os Italianos.

Milão acabava de experimentar uma revolução. Morto o ultimo Visconti, reclamava o Duque de Orléans a successão por parte de sua mãe, filha do Duque João Galeas. Affonso, Rei de Napoles, a pretendia como herdeiro testamentario, e os Milanezes queriam ao mesmo tempo formar uma Republica. Estas contendidas porém foram terminadas por Francisco Sforza, bastardo do celebre capitão, de cuja fortuna já fallámos. Tinha elle casado com uma bastarda de Felippe Maria, ultimo Duque; e sem outro titulo asse-nhoreou-se do Milanez, e estabeleceu o seu direito com a espada na mão.

Não nos deve espantar o pouco fructo que produziram os dois Concilios de Constança e Basilea; pois para corrigir abusos, importa que haja luzes. Os costumes e a ignorancia não davam ainda logar a uma reforma ecclesiastica. Ainda se via o culto aviltado por extravagancias, como a festa dos *loucos* e a dos jumentos, e o uso de arrastar nus até á Igreja os que apanhavam na cama no primeiro de Maio, ou na segunda oitava da Pascoa, e dar-lhes uma especie de baptismo. Para que a Religião não sirva de pretexto a excessos e loucuras semelhantes, convém que os governos saibam dar o que lhe é devido, e que os povos sejam illustrados, substituindo por uma sã moral a superstição ou a hypocrisia. Por não ter nunca conhecido estas vantagens, arruinou-se o Imperio do Oriente, de cuja queda trataremos no seguinte capitulo.

CAPITULO XLIV.

O Imperio Grego destruido pelos Turcos. Os Medicis em Florença. Luiz XI. Carlos VIII. A Casa de Tudor em Inglaterra. Fernando e Isabel em Hespanha. Os Papas até Alexandre VI (*).

Desde que os Latinos foram expulsados de Constantinopla por Miguel Paleologo, em 1261, este Imperio já sem forças, dilacerado igualmente pelos Christãos, pelos Turcos e pelos seus proprios membros, não conservava proximo á sua ruina senão um nome illustre. Andronico, filho de Miguel Paleologo, tinha abandonado a marinha; do que resultou ser o paiz primeiramente assolado pelos piratas, e depois inundado pelos Turcos, que, refugiados nas montanhas, fugindo dos Tartaros Mogores, reapareceram no principio do seculo xiv, capitaneados por Othman, cuja posteridade ainda reina, e a ella

(*) Desde o meiado até quasi o fim do seculo xv.

deve o seu nascimento o Imperio Othomano. As rapidas conquistas de Othman abriram caminho para as dos seus successores. Orcan, seu filho, senhor já de uma grande parte da Asia menor, casou com a filha de Cantacuzeno, collega do Imperador João Paleologo I.

Cantacuzeno, que tinha usurpado o Imperio, acabou seus dias n'uma clausura, e João Paleologo, depois de ter mendigado inutilmente soccorros na Italia, e haver-se submettido ao Papa Urbano V, viu-se reduzido em 1370 a fazer um tratado ignominioso com Amurat, filho de Orcan, a quem pagou tributo. O Sultão tinha passado o estreito e conquistado Andrinopla; Bajazet, seu filho, denominado *Ilderino* (o raio), foi muito mais tremendo. Todo o Imperio Grego quasi que se reduzia ao recinto de Constantinopla, onde comtudo reinava sempre a discordia. Os progressos do Turco na Europa atemorizam os Principes Christãos, que se armaram para resistir-lhe; porém estes mesmos Principes foram vencidos e derrotados por Bajazet em Nicopolis, sobre o Danubio, no anno de 1396. Constantinopla foi sitiada; Manoel Paleologo, filho e successor de João, pede soccorros a toda a parte; mas ninguem estava em estado de o soccorrer; um conquistador Tartaro foi o seu unico recurso.

Timour ou Tamerlão, descendente, segundo dizem, de Gengis-Kan por linha feminina, nascido na Sogdiana (hoje em dia o paiz dos Usbeks), tinha já subjugado a Persia, as Indias e a Syria. Os inimigos de Bajazet, assim Musul-

manos como Christãos, attrahiram Tamerlão para a Asia menor; marcha Bajazet contra elle, e perde em 1402 a famosa batalha perto de Ancyra na Frigia, em que morreram, segundo referem, mais de trezentos e quarenta mil homens, ficando prisioneiro o Sultão. Sem embargo o vencedor deixou a Asia menor, e os Turcos conservaram as suas conquistas. Morto Mahomet I, Amurath II seu filho, veio de novo sitiar Constantinopla; mas teve de levantar o sitio para ir suffocar a rebelião de seu irmão Mustafá; depois apode-rou-se de Thessalonica, sugeita havia pouco tempo aos Venezianos.

João Paleologo II, filho e successor de Manoel, lançou-se nos braços dos Latinos, como dissemos no capitulo antecedente, julgando comprar o seu soccorro pela submissão da Igreja Grega; o que produziu effeito contrario, não só porque excitou o odio dos Gregos, que não admittiram a união, como porque os Latinos nada podiam fazer, retalhados como estavam, por suas guerras civis e disputas religiosas. Entretanto fazia Amurath a guerra na Hungria, onde reinava Ladisláu VI; o celebre João Humiades, á frente dos Hungaros, atalhou este tremendo conquistador, e o forçou a levantar o sitio de Belgrado. Ladisláu e Amurath juraram em 1444 uma tregoa de dez annos. Este, desgostoso da sua fortuna, entrega o sceptro a seu filho Mahomet II; porém uma perfidia dos Christãos obrigou-o a sair do seu retiro para escarmenta-los.

Amurath vence e derrota os Christãos em

Warna na Bulgaria e abdica segunda vez; porém Jorge Castrioto, denominado Scanderberg, apoderando-se da Albania, chamou contra si este conquistador. Amurath não o pôde vencer, e morreu em 1451. Seu filho, Mahomet II, foi o terror dos Christãos; na idade de vinte e dois annos executou o grande projecto de seus pais, apoderando-se de Constantinopla em 1453. No famoso sitio d'esta cidade fizeram os Turcos cousas prodigiosas. Constantino Paleologo, successor de João II, foi morto entre a multidão dos combatentes, quando os Turcos acommetteram a praça. Tinha Constantinopla de submeter-se ao jugo do Alcorão no reinado de um Constantino, assim como no de um Augusto tinha Roma sido subjugada pelos barbaros.

Mahomet não se portou como barbaro; elle mesmo installou um Patriarcha, conteve o furor dos soldados, fez magnificas exequias ao Imperador, e contribuiu para que Constantinopla fosse feliz e florescente; conquistou novamente a Albania depois da morte de Castrioto, apoderou-se de Trebisonda, e chegou com as suas armas até Trieste. Este terrivel conquistador morreu em 1481; a sua posteridade ainda reina em Constantinopla, d'onde foram banidas as letras e as sciencias. O estado dos Principes da Europa, divididos entre si por interminaveis disputas, foi parte para que as armas othomanas encontrassem tão poucos obstaculos. Um grande exercito, commandado por cabos taes como Huniades ou Scanderberg, teria provavelmente confundido

as esperanças de Mahomet. Tornemos aos negocios do Occidente.

Carlos VII depois de expulsar os Inglezes por meio das armas dos Dunois, dos Richemont, e dos La Hire, seus illustres capitães, morreu em 1461, de paixão por causa de seu filho Luiz, que se tinha sublevado contra elle. Durante o seu reinado reformou a Universidade de Pariz, creou tropas regulares, e estabeleceu um systema de fazenda. Luiz XI, seu filho e successor, era velhaco, hypocrita, supersticioso e cruel. Contudo o reino lhe deveu alguns serviços, porque ao menos o libertou da tyrannia dos nobres. Logo no principio caiu Luiz nas ciladas da Côte de Roma, consentindo em abolir a Pragmatica de Carlos VII a troco de collocar no throno de Napoles Renato de Anjou; porém Pio II o enganou, sustentando a Fernando de Aragão, filho natural e successor de Affonso.

As injustiças do governo produziram a chamada Liga do bem publico entre os quatro Duques de Borgonha, de Berri, de Bourbon e de Bretanha. A sanguinolenta batalha de Montlheri em 1465 nada decidiu. O astuto Monarcha fez a paz com condições vergonhosas, resolvido a viola-la no momento em que podesse. Suspeito de haver mandado matar seu irmão, o Duque de Berri, caiu na cilada que preparava ao Duque de Borgonha; o qual, depois de vencer os Liegezes, foi derrotado pelos Suissos e morto na batalha de Nanci em 1477. Conta-se que era tal a simplicidade dos Suissos n'aquelle tempo, que a baixela de

prata do Duque, tomada na batalha de Granson, foi vendida por baixela de estanho. Maria, filha e herdeira do Duque de Borgonha, casou com Maximiliano de Austria, filho do Imperador Frederico III. Este matrimonio será no futuro origem de guerras e de calamidades para os povos.

Muito tempo havia já que as facções de Yorck e de Lancaster, a primeira designada pela *rosa branca*, e a segunda pela *rosa encarnada*, se encarnicavam uma contra a outra em Inglaterra. Vimos a casa de Mortimer despojada da corôa pelo Duque de Lancaster, o qual reinou com o nome de Henrique IV. Ricardo, Duque de Yorck, e herdeiro d'aquella casa, emprehendeu reaver os seus direitos contra o fraco Henrique VI, e rebellando-se em 1455, prendeu o Rei na batalha de Saint-Albans. A Rainha Margarida de Anjou restabeleceu a autoridade Real; porém perdendo depois a batalha de Northampton em 1460, contra o famoso Conde de Warwick, ficou Henrique segunda vez prisioneiro. Sua mulher ainda o livrou por meio de duas victorias, n'uma das quaes perdeu a vida o Duque de Yorck.

Com melhor successo sustentou e defendeu Eduardo, filho d'este Duque, as pretensões de seu pai. Sendo acclamado em Londres em 1461, ganhou contra Margarida a sanguinolenta batalha de Tuton. O parlamento reconheceu Eduardo IV, apesar das actas de tres reinados a favor da casa de Lancaster. Volta Margarida com um exercito francez e escocez, e é derrotada ainda na batalha de Hexham em 1464. Uma falta de

Eduardo attrahe sobre si o odio do Conde de Warwick, que logra restabelecer a Henrique VI. Foge Eduardo, e sete mezes depois apparece com dois mil homens nas costas de Inglaterra; reúnem-se-lhe os seus apaixonados, e ganha contra Warwick a batalha de Barnet, em que este perdeu a vida. Margarida fica prisioneira com seu filho em Teukesbury; o Principe de Galles é degolado pelos Duques de Gloucester e de Clarence; finalmente a morte de Henrique VI, assassinado poucos dias depois, é o desfecho d'esta horrorosa tragedia.

Instigado pelas intrigas de Carlos o Temerario, accomette Eduardo a França. Evitava Luiz cuidadosamente a guerra, e mediante o tratado de Pecquigni em 1475, comprou uma tregoa ignominiosa de sete annos por uma pensão ou tributo annual de cincoenta mil escudos de ouro; sendo o unico artigo honroso do tratado o da liberdade de Margarida de Anjou. Como a ordem das idéas deve ser preferida á das datas, seguiremos rapidamente até o fim a historia das duas *Rosas*. Eduardo, tão cruel como sensual, manda matar a seu irmão o Duque de Clarence, que foi afogado, como pediu, em uma pipa de malvasia. Morre Eduardo em 1482, deixando seu filho Eduardo V ainda menor, e como Regente do reino a seu irmão o Duque de Gloucester. Usurpa este o throno em 1483, e o parlamento é obrigado a reconhece-lo com o nome de Ricardo III.

Tantos e tão grandes horrores não podiam

deixar de sublevar uma nação valerosa. O partido de Lancaster animou-se de novo, e chamou ao throno a Henrique, Conde de Richemond, e neto d'aquelle Owen Tudor, que tinha casado com a viuva de Henrique V. Ricardo foi morto na batalha de Bosworth. D'este modo, depois de trinta annos de guerra civil, de doze batalhas campaes e de innumeraveis barbaridades, extinguiu-se em rios de sangue a casa de Anjou Plantageneto, que havia trezentos e trinta annos que reinava. Richemond, proclamado Rei com o nome de Henrique VII, casou com Isabel, filha de Eduardo IV, e reuniu d'este modo os titulos de Yorck com os de Lancaster. Vivendo quasi sempre tranquillo por espaço de um reinado de 24 annos, augmentou as prerogativas da corôa, e governou a Inglaterra como o exigia a politica d'aquelles tempos.

Tinha Luiz XI morrido em 1483. O seu reinado tinha sido uma serie de crueldades contra a nobreza; reuniu á corôa todos os grandes feudos, á excepção da Bretanha e de Flandres; regulou os apanagios, e deu com isto grande golpe na anarchia feudal. Nunca quiz saber da Italia; nem de Napoles, de que era herdeiro, nem de Genova, que se lhe sujeitava. Estabeleceu as postas, e creou a ordem de S. Miguel, que, junta com a ordem do Tosão de Ouro, instituida por Felippe, Duque de Borgonha, contribuiu muito para fazer descair a antiga cavallaria. Seu filho Carlos VIII, sendo de treze annos, ficou debaixo da tutela de sua irmã

mais velha, Anna, mulher de Pedro de Bourbon, senhor de Beaujeu, da qual logo fallaremos. Entretanto voltemos á Italia, onde os Francezes buscando conquistas só acharam sepulturas. Antes porém de fallarmos das guerras de Naples, vejamos como se estabeleceu a gloria dos Medicis.

Em Florença é que reinava especialmente o espirito de liberdade, depois que as cidades da Italia tinham sacudido o jugo do Imperio da Allemanha; mas por desgraça sua o furor das facções não lhe deixava estabelecer um governo tão solido como exige um estado republicano. Por morte de Frederico II reuniram-se em Florença os Guelfos e os Gibelinos, e formaram um governo tão feliz, que em dez annos attraíram os Florentinos á sua alliança Pistoia, Siena e Arezo; sujeitaram Volterra e dominaram na Toscana. Em breve tempo porém se reanimaram as facções; os Guelfos e os Gibelinos se expulsaram mutuamente; e afinal foi a nobreza excluida do governo em 1282. — Creou-se depois um Gonfaloneiro eleito d'entre o povo. As facções dos *brancos* e dos *negros* dividiram o paiz; as cidades da Toscana deixaram de obedecer; as reformas nada remediavam, porque as agitações eram perpetuas.

A familia dos Medicis, que se enriquecêra pelo commercio, adquiriu finalmente a autoridade necessaria para extirpar tantos abusos. Silvestre de Medicis, Gonfaloneiro nos fins do seculo xiv, lançou os fundamentos de uma re-

forma, que devia produzir mais tarde todo o seu effeito. Veri de Medicis aplacou tumultos, e portou-se sempre como excellente cidadão. Seguiu o seu exemplo João de Medicis, que chegou a exercer todas as dignidades sem ambição, moderou o furor dos partidos, e fez com que a Republica gozasse de uma felicidade até então desconhecida. Cosme, filho de João, teve a gloria de os exceder; os seus invejosos o accusaram e baniram; mas foi chamado pouco tempo depois, porque na sua ausencia tudo eram desordens. O titulo de pai da patria, que lhe deram, era digno galardão das suas virtudes.

Sendo Pedro de Medicis, successor de Cosme em 1464, incapaz de administrar os negocios, os inimigos da familia conspiraram contra elle, mas sem resultado. Julião e Lourenço, seus filhos, soffreram depois da sua morte todas as perfidias do odio e da inveja; o primeiro foi assassinado na Igreja durante a missa; o segundo logrou escapar das mãos dos assassinos, que foram logo mortos pelo povo. Nada justificou melhor o zelo dos Florentinos pelos Medicis, do que o modo como Lourenço governou a sua Republica. Protector das letras e das bellas artes, como o grande Cosme, seu avô; liberal com illustrada magnificencia, simples magistrado na sua patria, e continuando o commercio de seus pais, Lourenço excedeu a todos os Principes seus contemporaneos, não só pelo seu merecimento real, mas tambem pela influencia que teve nos negocios da Italia.

Restabelecer a paz na Italia, onde desde alguns seculos não se viam senão usurpações, guerras e catastrophes, era um projecto digno de um homem superior; e tal foi o de Lourenço de Medicis. Veneza, Milão, as Duas Sicilias, tudo annunciava novas guerras, e Florença não podia deixar de ter parte n'ellas. Soube Lourenço precave-las reconciliando a uns e acalmando a outros, de sorte que a Italia respirou, e conheceu finalmente o que era felicidade; mas perdeu muito cedo a Lourenço de Medicis, que morreu em 1492, aos 43 annos de idade. Seu filho Pedro succedeu-lhe nos cargos e empregos, mas sem merecimento algum; e o fogo da guerra abrasou tudo em breve tempo.

Carlos VIII reinava, como dissemos, desde 1483. Durante a Regencia de sua irmã Anna, pretendeu o Duque de Orléans (depois Luiz XII) disputar-lhe o governo; porém foi derrotado e prisioneiro na batalha de Saint-Aubin, e Anna continuou a governar até a maioridade do Rei. O Duque de Orléans foi solto depois, e por sua respeitosa submissão soube desvanecer todos os effeitos da sua rebellião. Carlos casou-se com Anna, filha do Duque de Bretanha e herdeira d'esta grande provincia, a qual tinha casado por procuração com Maximiliano, viuvo da herdeira de Borgonha; foi portanto necessario annullar antes este casamento, o que muito irritou o Archiduque; muito mais porque Carlos estava contratado para casar com sua filha, Margarida de Austria, cujo casamento havia

muito tempo que estava justo, e só se esperava que a Princesa chegasse á idade competente para effectua-lo; no que recebia seu pai duas affrontas a um tempo.

Maximiliano pegou em armas; porém teria sido despojado das suas provincias, se a mania das conquistas estrangeiras não viesse distrair o Rei de França com os seus direitos á corôa de Napoles. Todo occupado de semelhante projecto, cedeu Carlos a Maximiliano o Franco-Condado e o Artois, de que Luiz XI se tinha apoderado. Entregou do mesmo modo o Roussilhon e a Cerdanha a Fernando o Catholico (do qual logo fallaremos) a troco da neutralidade na guerra da Italia, e partiu enfim para esta perigosa expedição, como para uma viagem de recreio. Alexandre VI (Borgia) e Ludovico Sforza tinham convidado a Carlos para vir a Florença; porém a firme resolução dos Florentinos obrigou-o a contentar-se com a sua alliança. Já o Papa se tinha arrependido de ter chamado os Francezes á Italia, e tinha-se ligado contra elles com Affonso II, Rei de Napoles. Carlos marchou direito a Roma, e o Papa viu-se reduzido a fazer a paz.

Comtudo os mesmos Napolitanos pareciam chamar o conquistador. Affonso tinha-se feito odioso, e foi occultar-se em um claustro na Sicilia, e Fernando II, seu filho, retirou-se para uma ilha; de maneira que Carlos teve só o trabalho de apparecer e ficar senhor de Napoles. Os Francezes longe de cuidarem na conservação e defesa d'esta importante conquista,

deram-se aos prazeres, ás festas, ás vexações e á avareza, sem nenhuma cautela contra as empresas exteriores. Ligam-se contra Carlos o Papa Alexandre, Maximiliano, que por morte de Frederico subira ao throno imperial em 1493, Fernando o Catholico, Rei de Hespanha, os Venezianos e o Duque de Milão. Sem tratar de desviar a tormenta, cuida Carlos unicamente na sua retirada, e deixando em Napoles de tres a quatro mil homens, põe-se a caminho com sete a oito mil, que lhe restavam. Os confederados, em numero de trinta mil, o esperavam no Parmesano, porém foram completamente derrotados na batalha de Fornoue.

A perda dos Italianos passou de tres mil homens, quando a dos Francezes não excedeu a duzentos. Esta gloriosa victoria de Carlos VIII só serviu para a sua segurança pessoal, porque o reino de Napoles perdeu-se no seguinte anno de 1496, e Gonçalo de Cordova, celebre general hespanhol, expulsou facilmente um pequeno numero de Francezes, já muito odiados no paiz. O Rei morreu na flor da idade em 1498, e como os seus quatro filhos tinham tambem morrido, succedeu-lhe Luiz, Duque de Orléans, de cujo reinado trataremos em outro capitulo. Luiz XII, apesar de suas grandes virtudes, não se pôde livrar da funesta ambição de reinar na Italia. Agora fallaremos da Hespanha, que por tanto tempo dividida e fraca, e quasi estranha ao systema da Europa, chega a ser uma potencia consideravel. Para descobrir a origem de

sua grandeza, é mister que subamos ao reinado o mais infeliz e o mais devasso d'aquellas eras.

Henrique IV, por alcunha o *impotente*, apesar de sua continua devassidão, occupou o throno de Castella em 1454. Era descendente de Henrique de Transtamara, que chegou a ser Rei por meio de um fratricidio. Se o Rei era corrompido e devasso, não o era menos a rainha Joanna sua esposa, que vivia em commercio adultero com Beltrão de la Cueva seu valido. Finalmente rebellaram-se os Castelhanos, e obrigaram o rei a nomear por seu successor a seu irmão Affonso, com exclusão de sua filha Joanna, que foi desconhecida e regeitada como filha de Beltrão. Morto Affonso, foi de novo obrigado Henrique a nomear successora a sua irmã Isabel, e a mandar sua filha para Portugal. Tres pretendentes se apresentam para a mão de Isabel, porém ella prefere a Fernando de Aragão, com quem casou occultamente em Valhadolid. Furioso Henrique por este casamento, desherda a sua irmã, e restabelece os direitos de sua filha. Houve guerra civil; mas a final reconciliou-se com os dois esposos, e morreu em 1474 em consequencia de uma colica.

As suspeitas de haver sido o Rei envenenado, espalhadas contra Fernando e Isabel, não serviram de obstaculo á sua fortuna, porque ambos tinham talento e grande politica. Affonso V, Rei de Portugal, tendo-se enfim determinado a casar com Joanna, filha de Henrique IV, foi esta acclamada Rainha de Castella em Placencia.

Porém no fim de alguns annos de guerra, em 1479, renunciando Affonso as suas pretensões, abraçou Joanna o estado religioso. Era necessario um governo sabio, prudente e vigoroso, para soffrear as desordens publicas. Formou-se a congregação da *Santa Irmandade*, destinada para oppôr-se aos homicidios, aos roubos, e ás violencias de qualquer especie; em cujas desordens tinham especial interesse os grandes, pois só pela licença e pela violencia se mantinham todos os abusos do governo feudal.

Livrar os povos da oppressão dos grandes, e sugar todos á real autoridade foi o objecto principal de Fernando e de Isabel; porém no meio d'estes cuidados vemo-los estabelecer por toda a parte tudo quanto o tribunal da Inquisição tem de mais contrario aos direitos da humanidade e ás maximas bemfazejas do Evangelho. Torquemada e Mendonça fazem a Inquisição atroz; chegando o primeiro a ser Inquisidor, fez queimar em quatro annos seis mil pessoas, e o seu zelo perseguiu a mais de cem mil cidadãos. Os mais iniquos processos decidiam da fortuna, da honra e da vida, sem recurso de appellação. Aquelles horrorosos supplicios, onde se amontoavam as victimas, aquelles *Autos da Fé*, cuja narração sómente causa horror, eram scenas de religião e espectaculos a que os Reis assistiam voluntariamente. Retiremos os olhos d'este quadro, e voltemos á politica.

Fernando herda o Aragão e a Sicilia. Morrendo o Rei de Navarra, Phebo de Foix, sem

descendentes, Fernando pediu a mão de Catharina, irmã e herdeira de Phebo, para seu filho; e para fazer mais efficaz a negociação apoderou-se de Pamplona. Entretanto restava ainda na Hespanha o reino de Granada, unico da dominação Mahometana. Os Mouros divididos entre si tinham chegado a tal estado, que desafiavam a ambição de qualquer principe por fraco que fosse. Fernando e Isabel, depois de haverem obtido de Sixto IV uma bulla de *Cruzada*, acomettem o reino de Granada em 1483, tomam Malaga em 1487, apoderam-se de Baza em 1489, e finalmente a cidade de Granada sitiada em 1491, rendeu-se no seguinte anno por uma capitulação, na qual o ultimo Rei Mouro Abo-Abdeli (ou Boabdil) obteve para si algumas terras nas Alpujarras, e para os habitantes a segurança de seus bens, o uso das suas leis, e o exercicio da sua religião.

Quanto mais util e gloriosa era esta conquista, tanto mais nos devemos admirar da politica funesta e igualmente injusta, que expulsou os Judeus immediatamente depois. Mais de trinta mil familias foram obrigadas a deixar a Hespanha, levando comsigo a industria, as artes e o commercio. Esta violencia arruinou o Estado. Muitos Judeus, que passaram á Africa, tiveram de voltar depois e abraçar o Christianismo, porque os Mouros os trataram ainda peor. Sobre estes, que se chamaram christãos novos, foi que a Inquisição estendeu principalmente as suas mãos sanguinolentas; ella podia ser consi-

derada como um flagello inventado pelos inimigos da Hespanha, a fim de despovoar o reino. Comtudo no capitulo seguinte ainda teremos de ver alguns feitos memoraveis do reinado de Fernando e de Isabel.

A côrte de Roma menos poderosa do que antigamente pelo terror das excommunhões, se tinha tornado mais ambiciosa e temivel por causa dos seus dominios, e das intrigas que semeava por toda a parte. Eis-ahi a razão porque a historia representa n'este logar os Papas occupados sempre nos seus interesses e muito pouco no bem da Igreja. Calixto III, successor de Nicoláu V, alcançou o Pontificado por meio de intrigas: Pio II, seu successor, foi um politico sagaz, que destruiu tudo quanto elle julgou necessario no Concilio de Basilea: depois d'elle seguiu-se Paulo II, que violou os juramentos com que se ligara no conclave: Sixto IV assaz se deu a conhecer na conjuração de Florença; os Romanos saquearam o seu palacio depois da sua morte: Innocencio VIII, cujos costumes estavam desacreditados, seguiu o mesmo systema; e Alexandre VIII, seu successor, excedeu ainda a tudo quanto se tinha visto n'este genero.

Se os Papas tivessem sido todos virtuosos, teriam precavido as maiores calamidades, e feito grandes bens seguindo o exemplo dos antigos modelos do Pontificado; mas sendo viciosos, a que desgraças não expunham a Igreja, perturbando e depravando a sociedade? Eis-nos chegados a um seculo, em que todas as cousas

mudam, ou se preparam para uma nova ordem de factos e de idéas. Já a agulha de marear e a invenção da polvora tinham feito uma revolução completa nas artes da navegação e da guerra, quando a typographia, inventada em Strasburgo por João Guttemberg em 1440, e aperfeiçoada em Moguncia por João Fust e por Schoeffer, veio abrir um vasto campo á intelligencia, banindo as trevas da ignorancia. A conquista de Constantinopla pelos Turcos, a meiado d'este seculo, é outro acontecimento tão notavel, senão mais, que a elle attribue um grande numero de sabios o renascimento das letras no Occidente. (*)

(*) Uma das obras mais necessarias para o estudo dos conhecimentos humanos, é sem duvida alguma a mais que muito interessante *Historia das doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos*, por M. J. Matter, inspector geral dos estudos, &c. No primeiro periodo, que começa na epocha da occupação de Constantinopla pelos Turcos em 1453, estrea-se o autor por um lançar de olhos sobre esta mesma epocha. O progresso, que Matter pretende descrever n'estes tres ultimos seculos, é uma successão da luta a mais encarniçada, dés que renasceu para a Europa o estudo das sciencias; isto é, da litteratura e da philosophia antiga, que depois de cinco seculos de decadencia e de barbaria reappareciam pela invasão de Constantinopla, trazidas pelos refugiados Gregos. Estes refugiados encontraram na Italia um acolhimento tal, que suas doutrinas acharam echo por toda a parte, e os accentos da emancipação ligaram-se com os votos da liberdade. Nove annos depois da tomada de Constantinopla nasceu na Italia *Pomponacio*, que devia emancipar a philosophia; e sete annos depois de *Pomponacio* nasceu Machiavel (em 5 de Maio de 1469), que devia emancipar

Prescindiremos das disputas ridiculamente serias dos *realistas* e dos *nominaes*, e das de *Thomistas* e *Scotistas*, com que perturbavam o mundo, as universidades e os claustros. Tão pouco referiremos por miudo o supplicio de Savanarola, Dominico entusiasta, que foi queimado em 1498, por haver declamado contra Alexandre VI; nem fallaremos das conclusões de Pico da Mirandola, de sua condemnação em Roma e sua apologia; porque demasiado temos dito para que se julgue do estado moral do seculo decimo quinto, e da agitação em que se achavam todos os animos. A heresia de Wiclef e de João Huss tinha deixado uma occulta fermentação, que ia crescendo com a leitura, disputas, escandalos e licença. Materias inflammaveis comprimidas deviam em breve arrebentar, e a sua explosão terrivel cobrirá a terra de incendios e de ruinas.

a politica. Estes dois homens fizeram a mudança de todas as doutrinas e de todas as instituições, sobre que descansavam *a ordem moral e a ordem social do mundo*. A estes dois homens, que foram os mais distinctos discipulos dos refugiados Gregos, e ás doutrinas que elles crearam, se devem todos os outros factos e doutrinas. Matter n'esta epocha estabelece as primicias do seu problema, e trata de resolve-lo pela historia, mostrando: como a Europa acolheu estas doutrinas: qual foi o seu immediato resultado: e como por estas doutrinas os povos chegaram até a revolução religiosa de 1517.

INDICE

DO TERCEIRO VOLUME.

CAPITULO XXXII.

- Christianismo. Destruição de Jerusalem. Constantino. Conventos. 1

CAPITULO XXXIII.

- O Imperio Romano. Sua divisão. Irrupção dos povos do Norte. Destruição do Imperio do Occidente. 22

CAPITULO XXXIV.

- Justiniano. Introducção do bicho da seda na Europa. Successores de Justiniano até as conquistas dos Sarracenos. 36

CAPITULO XXXV.

- A Arabia. Mafoma ou Mahomet. Conquistas dos Arabes. 49

CAPITULO XXXVI.

- O christianismo na Europa, até o reinado de Pepino. 64

CAPITULO XXXVII.

- Carlos Magno. Imperio dos Francos. 79

INDICE

CAPITULO XXXVIII.

- Decadencia do Imperio dos Francos. A Dynastia de Carlos Magno privada do throno da França. Hugo Capet. 99

CAPITULO XXXIX.

- Inglaterra. Os Normandos. Hespanha. Imperio dos Arabes. Imperadores de Constantinopla. Schisma dos Gregos. 115

CAPITULO XL.

- Os Normandos na Italia. Guilherme o Conquistador. Guerra do Sacerdocio com o Imperio. Gregorio VII. Henrique IV. A Inglaterra. Thomas Becket. A Allemanha. A Italia. A Hespanha. 132

CAPITULO XLI.

- As Cruzadas. Innocencio III. Frederico II. Gregorio IX. S. Luiz. A Hespanha. 151

CAPITULO XLII.

- Filippe o Formoso e Bonifacio VIII. Luiz de Baviera e João XXII. Filippe de Valois. Carlos V de França. Eduardo II e III da Inglaterra. O Imperador Carlos IV. Estado da Hespanha. Artes e litteratura na Italia. 172

CAPITULO XLIII.

- O grande schisma do Occidente. Os dous concilios de Constança e Basiléa. União das duas Igrejas. Henrique IV e V de Inglaterra. Carlos VI e VII de França. A Donzella de Orleans. 191

CAPITULO XLIV.

- O Imperio Grego destruido pelos Turcos. Os Medicis em Florença. Luiz XI. A casa do Tudor em Inglaterra. Fernando e Isabel em Hespanha. Os Papas até Alexandre VI. 207

FIM DO INDICE.

CONTENTS

Introduction to the History of the Empire of Russia, by the Emperor
Catherine the Great, Empress of Russia, &c. &c. &c.

CHAPTER I.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER II.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER III.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER IV.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER V.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER VI.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

CHAPTER VII.

The History of the Empire of Russia, from the first
Czar, Peter the Great, to the present Emperor, Nicholas
the First, Emperor of Russia, &c. &c. &c. 115

010364

